

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

CYNTHIA VANESSA CONSTANTIN TRIBULATO

**MULHERES E CAVALOS:
RELAÇÕES DE PODER QUE ATRAVESSAM
PRÁTICAS EQUESTRES DE PROFISSIONAIS
DA EQUOTERAPIA**

**MARINGÁ
2024**

CYNTHIA VANESSA CONSTANTIN TRIBULATO

**MULHERES E CAVALOS:
RELAÇÕES DE PODER QUE ATRAVESSAM
PRÁTICAS EQUESTRES DE PROFISSIONAIS
DA EQUOTERAPIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração Práticas Sociais em Educação Física, para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Michelle Lara

Maringá
2024

T822m Tribulato, Cynthia Vanessa Constantin
Mulheres e cavalos : relações de poder que atravessam práticas equestres de profissionais da equoterapia / Cynthia Vanessa Constantin Tribulato. -- Maringá, PR, 2024. 104 f.

Orientador: Prof. Dr. Larissa Michelle Lara.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, 2024.

1. Equoterapia (profissionais). 2. Mulheres. 3. Cavalo. I. Lara, Larissa Michelle, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL. III. Título.

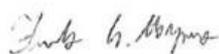
CDD 23.ed. 796.044

CYNTHIA VANESSA CONSTANTIN TRIBULATO

MULHERES E CAVALOS: RELAÇÕES DE PODER QUE ATRAVESSAM PRÁTICAS EQUESTRES DE PROFISSIONAIS DE EQUOTERAPIA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração Práticas Sociais em Educação Física, para obtenção do título de Mestre.

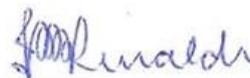
APROVADA em 05 de setembro de 2024.



Prof. Dr. Fernando Augusto Starepravo
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
Associado em Educação Física UEM/UEL –
PEF-UEM/UEL

Prof. Dra. **Eliane Regina Crestani
Tortola**

(Participação remota – Resolução nº 027/2022-CEP)



Prof. Dra. **Ieda Parra Barbosa Rinaldi**



Prof. Dra. **Larissa Michelle Lara**
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sabia do meu sonho de cursar o mestrado e enviou anjos que me conduziram pelo processo, transformando o sonho em realidade.

Ao meu marido Beto e às minhas filhas Julia e Laura, por todo o carinho e pela paciência que tiveram nos momentos em que eu estive ausente para me dedicar ao estudo.

Aos meus pais, por sempre me apoiarem nos estudos e nos sonhos; por todo amor e cuidado. Obrigada por me ensinarem a amar e respeitar o próximo.

Às minhas irmãs Tais, Patrícia e Priscilla, por serem minhas melhores amigas e me apoiarem sempre.

À Larissa Michelle Lara, por ter me ensinado tudo a respeito de como se produz uma pesquisa e, por ter me orientado com paciência, tornou possível realizar o meu sonho.

À Eliane Regina Crestani Tortola e à Luciane Cristina Arantes por serem banca, por terem avaliado e auxiliado no desenvolvimento da pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM/CNPq), por me acolher no grupo e por tudo que aprendi com vocês.

Ao João Paulo, por me convidar a participar do GPCCL e me incentivar a estudar, pois sei que foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Aos demais que não nomeiei, mas que torceram por mim nessa caminhada sou imensamente grata.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Trajetória de vida de mulheres profissionais da equoterapia e motivos que as impulsionam a trabalhar nessa área	49
Quadro 2. Percepções das mulheres entrevistadas na relação com o seu corpo no trabalho de equoterapia.....	53
Quadro 3. Percepções das mulheres entrevistadas quanto ao fato de se sentirem rejeitadas ou invisibilizadas no meio equestre	56
Quadro 4. Percepções das mulheres entrevistadas quanto ao reconhecimento na profissão	57
Quadro 5. Narrativas de mulheres em relação à experiência com outra atividade equestre nos espaços de lazer ou como atividade esportiva.....	60
Quadro 6. Percepção da condição de mulher e profissional de equoterapia	62
Quadro 7. Impactos de modelos sociais na construção corporal de mulheres profissionais da equoterapia.....	66
Quadro 8. Relação entre mulheres profissionais de equoterapia e corpos não humanos	69

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANDE	Associação Nacional de Equoterapia
APAE	Associação Pais e Amigos de Excepcionais
GPCCL	Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade
IFBB	International Federation of Body Building
PCS	Physical Cultural Studies
GTGs	Centros de Tradições Gaúchas
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEL	Universidade Estadual de Londrina
FPCS	Physical Cultural Studies Feminist
UEL	Universidade Estadual de Londrina
IFBB	International Federation of Body Building

TRIBULATO. Cynthia Vanessa Constantin. **Mulheres e cavalos**: relações de poder que atravessam práticas equestres de profissionais da equoterapia. 2023. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

RESUMO

As atividades equestres de esporte, lazer e trabalho constituem um terreno fértil para o estudo acerca das relações de gênero e a corporificação do papel atribuído às mulheres em sociedade. Embora sejam vários os estudos que desafiam a construção histórica, discursiva e prática que associa mulheres a seres frágeis, dóceis e domesticados (Fullagar, 2017; Fullagar *et al.*, 2021; Thorpe *et al.*, 2023; Pereira; Bataglion; Mazo, 2019; Lugones, 2014), ainda são escassas, no Brasil, pesquisas que buscam entender a relação de mulheres com cavalos na prática profissional, com destaque para investigações realizadas por Adelman (2016, 2020, 2021). Nesse sentido, a presente dissertação objetiva analisar como as práticas equestres de mulheres profissionais da equoterapia são construídas e atravessadas por relações de poder em uma realidade local. Especificamente, a pesquisa almeja: a) compreender como os corpos de mulheres profissionais da equoterapia são experienciados, organizados ou regulados em atividades equestres a partir das relações de poder social; b) identificar como corpos de mulheres profissionais da equoterapia são construídos e acionados em atividades equestres de trabalho, esporte e lazer; c) problematizar como se constroem os corpos humanos (de mulheres profissionais da equoterapia) na relação com corpos não humanos (cavalos) e como essa relação mobiliza reflexões acerca do ser mulher na sociedade. Por meio de estudos teóricos associados à pesquisa empírica em uma realidade local foi possível obter dados acerca dos corpos de mulheres profissionais da equoterapia em atividades equestres. Os Estudos Culturais Físicos Feministas (ECFF) orientam a abordagem metodológica que sustenta essa pesquisa, sobretudo por oferecerem elementos para examinar o ‘papel da mulher’ no contexto das práticas equestres, as

relações de poder que atravessam as suas práticas e os seus movimentos corporificados. Nessa direção, a pesquisa incursiona por autoras/es que discutem a construção da subjetividade feminina e as relações de poder que atravessam os corpos de mulheres e suas práticas equestres. A pesquisa empírica foi realizada em uma realidade local (região de Maringá) e inclui entrevistas semiestruturadas realizadas com nove mulheres profissionais de equoterapia. Os dados foram tratados por meio de orientações dos ECFF e possibilitaram compreender as experiências corporificadas das mulheres profissionais de equoterapia, contribuindo para acionar experiências vividas na relação com cavalos, para refletir acerca do papel social construído por/para mulheres nesse campo e para lançar desafios à continuidade da investigação. Por meio da pesquisa é possível concluir que: a) as mulheres profissionais de equoterapia são impactadas pelos modelos sociais vigentes que ditam formas de se vestir, de se comportar e que edificam a estética do ‘ser mulher’, mas resistem a essas imposições a partir do empoderamento decorrente do exercício da profissão; b) os corpos das mulheres profissionais da equoterapia são impactados pelos estereótipos de dominação masculina, embora elas resistam a normativas sociais ao demarcarem sua própria estética corporal por meio de atividades equestres nos espaços de trabalho, esporte e lazer; c) as aprendizagens incorporadas na relação cavalo-humano impulsionaram mudanças tanto na forma como elas se comportam socialmente, quanto na maneira como enfrentam as expectativas de outros/as a partir das normativas sociais. Assim, espera-se que esses achados contribuam para o avanço em questões que envolvem mulheres e cavalos, as quais podem se construir como terreno fértil de estudo e intervenção para a resolução de conflitos e disputas, bem como para superar as desigualdades de gênero nas práticas equestres.

Palavras-Chave: Mulheres. Cavalos. Profissionais da Equoterapia.

TRIBULATO. Cynthia Vanessa Constantin. **Women and horses: power relations across equestrian practices of riding therapy professionals.** 2024. 104f. Dissertation (Master's in Physical Education) – Health Sciences Center. State University of Maringá, Maringá, 2024.

ABSTRACT

Equestrian sports, leisure and work activities constitute fertile ground for the study of gender relations and the embodiment of the role attributed to women in society. Although there are several studies that challenge the historical, discursive and practical construction that associates women with fragile, docile and domesticated beings (Fullagar, 2017; Fullagar et al., 2021; Thorpe et al., 2023; Pereira; Bataglion; Mazo, 2019; Lugones, 2014), there is still little research in Brazil that seeks to understand the relationship between women and horses in professional practice, with emphasis on investigations carried out by Adelman (2016, 2020, 2021). In this sense, this dissertation aims to analyze how the equestrian practices of professional women in equine therapy are constructed and crossed by power relations in a local reality. Specifically, the research aims to: a) understand how the bodies of women equine therapy professionals are experienced, organized or regulated in equestrian activities based on social power relations; b) identify how bodies of professional women in equine therapy are constructed and used in equestrian work, sport and leisure activities; c) discuss how human bodies (of female equine therapy professionals) are constructed in relation to non-human bodies (horses) and how this relationship mobilizes reflections on being a woman in society. Through theoretical studies associated with empirical research in a local reality, it was possible to obtain data about the bodies of female equine therapy professionals in equestrian activities. Feminist Physical Cultural Studies (ECFF) guide the methodological approach that supports this research, mainly by offering elements to examine the 'role of women' in the context of equestrian practices, the power relations that permeate their practices and their embodied movements. In this direction, the research explores authors who discuss the construction of female subjectivity and the power relations that permeate

women's bodies and their equestrian practices. The empirical research was carried out in a local reality (Maringá region) and includes semi-structured interviews carried out with nine female equine therapy professionals. The data was processed using of ECFF guidelines and made it possible to understand the embodied experiences of women equine therapy professionals, contributing to trigger experiences lived in relationships with horses, to reflect on the social role constructed by/for women in this field and to challenge the continuity of the investigation. Through research, it is possible to conclude that: a) female equine therapy professionals are impacted by current social models that dictate ways of dressing, behaving and that build the aesthetics of 'being a woman', but resist these impositions based on the empowerment resulting from the exercise of the profession; b) the bodies of female equine therapy professionals are impacted by stereotypes of male domination, although they resist social norms by demarcating their own body aesthetics through equestrian activities in work, sport and leisure spaces; c) the learning incorporated in the horse-human relationship has driven changes both in the way they behave socially and in the way they face the expectations of others based on social norms. Thus, it is expected that these findings will contribute to progress in issues involving women and horses, which can be constructed as fertile ground for study and intervention to resolve conflicts and disputes, as well as to overcome gender inequalities in practices. equestrians.

Key words: Woman. Horses. Equoterapy's Professionals.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 SUBMISSÃO SOCIAL, CULTURAL E HISTÓRICA DAS MULHERES	23
2.1 Os movimentos feministas e seus desdobramentos.....	24
2.2 A construção cultural e histórica da relação mulheres e cavalos.....	33
3 MULHERES DA EQUOTERAPIA E SUAS PRÁTICAS EQUESTRES	43
3.1 Do percurso da pesquisa	44
3.2 Narrativas que acionam modos de ser mulher e profissional da equoterapia	48
3.3 Movimentos corporificados de mulheres da equoterapia.....	73
3.4 Mulheres, cavalos e as relações de poder que as impactam	81
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
5 REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE 1	99
APÊNDICE 2	100

1 INTRODUÇÃO

As questões que envolvem normativas sociais do ‘papel feminino’ são constituídas de relações de poder que moldam as práticas e os movimentos corporificados das mulheres. Sob essa perspectiva, ao realizar o exercício analítico em torno da força normalizadora dos conceitos da feminilidade, percebo a problemática feminina nas atividades equestres de trabalho, esporte e lazer. Como observa Adelman (2012, p.2) em anos de pesquisa no esporte e nas atividades equestres, esse campo investigativo constitui terreno fértil acerca das relações de gênero e construção de corpos, pois revela “[...] tentativas históricas de exclusão das mulheres desse espaço, sua construção discursiva e prática, como seres frágeis, dóceis e domesticadas ‘por natureza’”. Assim, entender como nos movemos e somos movidas em nosso contexto cultural é importante para questionarmos relações de poder e injustiças no contexto da cultura física.

Quando criança, cheguei a ter um cavalo; era meu e das minhas irmãs. Ele ficava na chácara do meu pai, onde íamos aos finais de semana. Podíamos andar nele. Gostava de ir aos rodeios que aconteciam na cidade onde morava e, depois que mudei com minha família para Maringá, comecei a ir às exposições que acontecem uma vez ao ano. Aproveitava para ver os animais que ficam expostos, para assistir às montarias dos peões nos bois do rodeio e as provas de tambor e laço que utilizam o cavalo como esporte. Nessas provas, participam homens (na maior parte) na prova de laço e mulheres (em sua maioria) na prova de tambor. Sempre admirei os esportes que envolvem o cavalo, mas não cheguei a praticar o esporte equestre.

Ao me casar, fui morar em uma fazenda onde havia um barração de madeira. Esse era o local destinado a tirar leite das vacas, mas estava desativado. Imaginei-

me nele trabalhando com equoterapia¹. Em 2011, fui contratada como fisioterapeuta do centro clínico da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), de Nova Esperança. Já na primeira semana, conversei com o diretor para implantarmos a equoterapia como terapia para as crianças da escola. Expliquei para ele que esse método seria muito bom para o tratamento de crianças com dificuldades. Ele me disse que a escola não tinha dinheiro para investir no material necessário, assim como não poderia comprar o cavalo e mantê-lo com todas as suas despesas. Contudo, disse que se eu estivesse disposta a montar a equoterapia com o auxílio de outras pessoas que pudessem investir no que fosse necessário e ajudar com todas as despesas que a equoterapia teria, eu poderia procurar essa ajuda e montar o centro de equoterapia para atender as crianças da APAE.

Logo depois da nossa conversa, comecei a buscar ajuda para conseguir um local onde pudesse realizar as terapias com o cavalo e manter o animal nesse local. Não precisei ir longe. Logo na conversa com um amigo que tinha um haras dentro da cidade, ele prontamente se ofereceu para emprestar o espaço físico para a prática da equoterapia, como também o cavalo, o qual poderia ficar no pasto do haras durante todo o tempo em que não estivesse em terapia. Também contei com o apoio do meu marido, que auxiliou na busca por pessoas que tivessem cavalo na cidade e em cidades vizinhas e que pudessem doar um cavalo manso para o projeto. Assim, fomos encontrando pessoas dispostas a ajudar com as despesas e, mais rápido do que eu pensava, estávamos começando as terapias com o cavalo, realizadas com as crianças da escola APAE de Nova Esperança. Cada criança tinha seu horário marcado e se deslocava até o haras por meio de seus pais ou responsáveis.

A equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo como instrumento de trabalho dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas da educação, equitação e saúde. Os profissionais que trabalham com a equoterapia são, comumente, das áreas da educação física, da fisioterapia, da fonoaudiologia, da psicologia, da terapia ocupacional e da equitação. Para Rezende (2020, p.15), a equoterapia é uma prática que propicia não apenas o exercício corporal, haja vista

¹ Trata-se de um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas da Saúde, Educação e Equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais (Associação Nacional de Equoterapia, 2011).

que “[...] inclui no universo de vida do praticante a oportunidade de uma terapia com mediação animal”. A interação humano-animal proporciona ao praticante mais autonomia, dando-lhe a sensação de força e poder.

Lima (2016), em sua dissertação de mestrado, analisou o sentido da interdisciplinaridade nas equipes de sete centros de equoterapia, assim como o significado da equoterapia. Ela utilizou entrevistas com questionários semiestruturados e, ao final, o profissional podia fazer comentários se tivesse vontade. Nessas entrevistas, participaram 35 profissionais, sendo 12 homens e 23 mulheres, das áreas de educação física, fisioterapia, fonoaudiologia, instrutor de equitação, pedagogia, psicologia e terapia ocupacional. As respostas foram que a interdisciplinaridade é o principal instrumento para o sucesso do tratamento equoterápico e os comentários mais evidentes são: gostar do cavalo; gostar de trabalhar com crianças especiais; ser maravilhoso ver o sorriso da criança montada no cavalo e do prazer da criança em se comunicar.

Para Lermontov (2017), a equoterapia iniciou-se com o nascimento do seu filho com uma síndrome rara, haja vista que, perante a medicina, ele não andaria, não enxergaria e chegaria apenas até os 10 anos de idade. Para a mesma autora, trabalhar e conviver com crianças com necessidades especiais é uma dádiva e acrescentar a essa atividade um cavalo é proporcionar autoestima e autoconfiança à criança acostumada a receber olhares de compaixão. Nas palavras da autora: “Transformamos seres diferentes em um único e maravilhoso ser: um centauro, guerreiro, cujas patas misturam-se aos braços, troncos unidos e olhares paralelos” (Lermontov, 2017, p. 15).

Em 2018, por meio de um amigo de trabalho, professor de educação física na APAE, conheci o Grupo de Pesquisa Corpo Cultura e Ludicidade (GPCCL/DEF/UEM/CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Larissa Michelle Lara. Logo de início, fui acolhida pelo grupo, começando, assim, a me dedicar aos estudos e a temas com os quais me identifiquei, sentindo-me instigada a pesquisar e a realizar o sonho de cursar o mestrado. Os estudos realizados pelo grupo valorizam a diversidade da cultura física, tornando possível entender melhor as questões culturais relacionadas ao corpo e ao movimento, bem como o quanto as práticas corporais humanas fazem parte do contexto social e político e como as pessoas são inseridas

ou excluídas nos grupos, na sociedade e nas práticas sociais.

O GPCCL tem se aprofundado nos temas investigativos abordados pelo campo *Physical Cultural Studies* (PCS) e, por meio dos estudos da cultura física. O PCS busca compreender e expor as complexas diferenças nas relações de poder que envolvem o corpo, o esporte, a construção social nas áreas de lazer, esporte, gênero e outras instituições sociais e dinâmicas culturais, procurando iluminar e intervir nas formas de desigualdade e injustiça social (Andrews, 2008). Os Estudos Culturais Físicos surgiram a partir de inquietações de pesquisadores/as da sociologia do esporte, sobretudo norte-americana, que não estavam satisfeitos com os estudos desenvolvidos até então e com pesquisas empiricamente restritas. Nesse contexto, a cinesiologia estava em crise, hiperfragmentada e hiperespecializada, não conseguindo abranger os conhecimentos que transpassam o método científico natural. Os estudos das ciências naturais eram considerados como superiores aos estudos das ciências humanas, havendo predomínio das pesquisas quantitativas sobre as qualitativas, bem como a desvalorização das Ciências Humanas e Sociais, com pouca atenção voltada ao corpo e às questões de corporificação (Silk; Francombe; Andrews, 2014).

Sob esse olhar, o ano de 1997 é considerado essencial para demarcar os estudos culturais físicos, com a publicação de Alan Ingham, na forma de capítulo de livro, ao sugerir a criação de um novo departamento – Department of Physical Cultural Studies – e de um novo currículo para enfrentar a crise no campo da cinesiologia, na Miami University/EUA. Em 2008, David Andrews convida a comunidade acadêmica para impulsionar o Physical Cultural Studies (PSC) como campo teórico de intervenção, dentro e para além da Sociologia do Esporte, como saída para enfrentar a crise gerada pela hiperfragmentação e hiperespecialização da Cinesiologia como campo disciplinar, especialmente na Universidade de Maryland-EUA.

Ao longo desses anos, vários/as outros/as pesquisadores/as de campos e países distintos, como do Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos foram compondo os estudos da cultura física. Esses/as pesquisadores/as se identificaram com a abordagem do complexo campo empírico da cultura física e explora diversos aspectos incorporados, incluindo o socioestrutural, o discursivo, o processual, o institucional, o coletivo, o comunitário, o corporal, o afetivo e o subjetivo.

Também pesquisadores/as da Suécia, do Japão, da China, da Itália e do Brasil foram convidados/as para dialogar com o PCS e estão “[...] preocupados com a função social do pesquisador e do conhecimento produzido que possa levar a transformações sociais, sobretudo daqueles inviabilizados socialmente” (Lara; Rich, 2017, p. 1313).

No Brasil, a Profa. Dra. Larissa Michelle Lara PEF-UEM/UEL coordena o GPCCL desde 2004, formado por professores/as, pesquisadores/as e alunos/as de graduação e pós-graduação, envolvidos/as em diversos temas relacionados ao corpo, à cultura física, às comunidades populares, às políticas públicas de esporte e lazer, à produção de conhecimento em Educação Física. Em 2016, a mesma professora entrou em contato com o PCS por meio de estágio pós-doutoral realizado na Universidade de Bath, Reino Unido. A partir do contato e do conhecimento dessa perspectiva teórico-metodológica, a pesquisadora propôs reflexões acerca do desenvolvimento desse projeto no contexto da educação física brasileira (Lara, 2022).

As mulheres sempre lutaram para participar do esporte, que acomete tanto o iniciar quanto o permanecer nele, por ser um espaço identificado como território cultural de domínio dos homens que usavam como principal argumento a fragilidade biológica das mulheres. “Às mulheres foram imputadas barreiras físicas e simbólicas que, uma vez transpostas, ameaçaram tanto a supremacia deles quanto o discurso da naturalização das diferenças corporais” (Goellner, 2021, p.100). Há um investimento histórico de noções de corporalidade feminina e de influência da cultura convencional que molda os movimentos corporificados e o padrão hegemônico ao imputar normas que delimitam a participação feminina em práticas sociais.

As práticas corporais e esportivas têm se mostrado, há muito tempo, como terrenos de conflitos, haja vista as condições materiais e simbólicas que definem corpos femininos e masculinos, colocando-os em disputa para manter ou derrubar as desigualdades de gênero (Adelman, 2004). A prática esportiva em nosso país se intensifica na mudança do século XI para o XX, com a industrialização e a urbanização das cidades, reconfigurando o espaço público. Nesse contexto, surgiu o esporte como possibilidade de diversão, tornando mais visível a existência de corpos desenhados pela exercitação física, expandindo-se rapidamente, embora em proporções menores entre as mulheres. Para as mulheres, o esporte representava assistência, meio de fortalecer seus corpos, melhorar a saúde e conduzi-las para a maternidade sadia;

quando era representado como uma prática, recomendava-se baixo grau de competitividade (Goellner, 2007).

Desde que surgiram os primeiros campeonatos de fisiculturismo feminino, na década de 1970, as mulheres atletas já viviam dilemas que envolviam essa relação entre a tonificação muscular e a feminilidade. Elas eram constantemente incomodadas pelo perigo da masculinização que ameaçava as representações e as posições de sujeito que ocupavam os seus corpos potencializados, dentro e fora do esporte. Os embates não ficaram restritos ao século passado, pois eles são retomados em diferentes nuances. Um exemplo lembrado por Jaeger e Goellner (2011) refere-se ao comentário feito por um fotógrafo especializado em registrar imagens de mulheres muscularmente potencializadas, em um de seus artigos, ao se referir a corpos das mulheres do fisiculturismo como outros modos de representar o corpo atraente e sexy. Isso rendeu, ao final daquele ano de 2005, uma declaração às diferentes categorias do fisiculturismo feminino. O documento foi emitido pela *International Federation of Body Building* (IFBB), instituição que estrutura o fisiculturismo mundial, exigindo que elas diminuíssem seu volume muscular com alegação de preocupação com a estética e a saúde. Há tempos, observam Jaeger e Goellner (2011), que os corpos e subjetividades das mulheres tensionam as representações culturalmente construídas para o feminino, o que implica em árduas demandas na conquista de reconhecimento e aceitação (Jaeger; Goellner, 2011).

Foram analisadas as experiências de gênero, com mulheres atletas de uma equipe do levantamento de peso, na cidade de Viçosa Minas Gerais, por Soares, Mourão, Lovisi e Novais (2018). A pesquisa de campo foi realizada em 2008 em um centro de treinamento com uma equipe de levantamento de peso, composta por oito mulheres, entre 14 e 20 anos, todas negras ou pardas, residentes em bairros de classes populares e que já haviam participado de campeonatos da modalidade em níveis regional, estadual e nacional. Na pesquisa, refletiu-se acerca dos significados² e tensionamentos nos corpos fortes e robustos das atletas de levantamento de peso.

² Para Hall (1977), a sociedade traduz-se em formas de 'regular a cultura' e as nossas condutas fazem parte de um sistema de classificação cultural de ações e condutas da prática humana. Há um processo de 'regulação normativa' e meios de dar forma e direção à conduta e à prática humana, estabelecendo normas, com significados e valores.

Nas narrativas das atletas, foi possível observar que existe associação entre a mudança do corpo em relação ao aumento do volume e força muscular com estigmas de masculinização dos corpos e distanciamento da feminilidade normalizada (Soares; Mourão; Lovisi; Novais, 2018).

Passado mais de um século em que as mulheres se inseriram no esporte, ainda há um longo caminho a ser percorrido quando se busca uma prática que seja equilibrada em termos de estrutura, oportunidade e visibilidade. Existem muitas desigualdades nesse meio e, como explica Goellner (2021, p.103), “[...] para minimizá-las há que conjugar no plural marcadores sociais que historicamente têm sido arregimentados para produzir e justificar disparidades que não são naturais, mas culturalmente edificadas”.

Assim como no levantamento de peso, as atividades esportivas que envolvem o cavalo também têm uma construção histórica cultural de significado, como uma prática voltada mais para homens, com discurso dominante que associa o corpo feminino a uma característica de fraqueza e submissão. Em pesquisas realizadas acerca de práticas equestres femininas no Brasil, Adelman (2003, 2004, 2012, 2013, 2016) relata que nos esportes equestres realizados pelas mulheres existe a resistência das próprias famílias protetoras, uma vez que estão arraigadas a uma cultura que dificulta o avanço em esportes que apresentem riscos físicos.

Há mais de 20 anos, Adelman (2003) investiga as relações contraditórias entre mulheres e cavalo. A autora discute como as práticas corporais e esportivas são terrenos de conflitos em que as condições materiais e simbólicas definem corpos femininos e masculinos na disputa para manter (ou derrubar) as desigualdades de gênero. No início de suas pesquisas, o foco recaía no terreno esportivo, mas, aos poucos, a pesquisadora foi atualizando e acrescentando debates que procederam do crescente campo da literatura centrada na relação entre humanos e animais, no contexto das ciências sociais e das humanidades.

A pesquisa à qual me dedico desde 1995 transita entre metáfora, discurso e os encontros muito materiais, isto é, corporificados, entre humanos – especialmente humanas – e cavalos, em circuitos contínuos que se constroem de práticas e representação simbólica (Adelman, 2020, p. 125).

No estudo histórico de como se desenvolveu a prática do hipismo em Porto

Alegre até a primeira participação de atletas sul-rio-grandenses em Jogos Olímpicos, a pesquisadora revela que, por meio da análise de documentos, foi em 1988 que ocorreu a primeira participação de sul-rio-grandenses em Jogos Olímpicos, no hipismo, com um cavaleiro e de uma amazona. Mas, ressalta, foi em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres, que aconteceu a primeira participação de atletas brasileiros de hipismo, embora todos fossem homens militares. Os Jogos de 1968, realizados na cidade do México (México), foi a estreia de uma mulher na equipe brasileira de hipismo – a amazona Lucia Faria – que montou o cavalo Rush du Camp (Pereira; Silva; Mazo, 2015).

Ao me sentir inquieta e incomodada com esse cenário, como mulher e profissional da equoterapia, sobretudo por vivenciar várias situações que compõem o universo masculino a partir de orientações da sociedade patriarcal, procurei formas de refletir acerca dessas questões e de trazer contribuições que possam, de alguma forma, impactar mulheres. À luz das discussões promovidas pelo GPCCL, minha pesquisa de mestrado foi orientada pelos Estudos Culturais Físicos, especialmente pelos Estudos Culturais Físicos Feministas, que permitem fazer pesquisa com metodologias que situam a cultura física em relações materiais, discursivas e afetivas particulares, com possibilidade de explorar diferentes teorias e contexto empírico de gênero (Fullagar; Rich; Pavilidis, 2019).

O PCSF (Estudos Culturais Físicos Feministas) tem sua trajetória teórica e metodológica particular ao proporcionar diferentes formas de conhecer, imaginar e fazer feminismo, proporcionando o engajamento crítico com a teoria. Nessa perspectiva, minha pesquisa se consolida por um viés teórico e empírico que procura investigar a relação entre mulheres e cavalos a partir de relações de poder que atravessam práticas equestres de profissionais da equoterapia. Procuro, com minha pesquisa, compreender como corpos de mulheres profissionais da equoterapia são construídos e acionados em atividades equestres de trabalho, esporte e lazer. Isso é possível, uma vez que os estudos físicos e culturais têm o corpo como objeto de estudos, considerando o papel da subjetividade no corpo em movimento e as experiências corporificadas de mulheres. Trazer o 'eu' para a prática da pesquisa permite reflexões que se transformem em respostas acerca das condições nos quais os corpos em movimento estão inscritos.

O PCS é um projeto qualitativo com propósito humanista que procura extrair representações do mundo social para identificar e interpretar desigualdades e injustiças na cultura física (Marani; Sá; Lara, 2021). Pautada nos pressupostos do PCS, a pesquisa teve por objetivo analisar como as práticas equestres de mulheres profissionais da equoterapia são construídas e atravessadas por relações de poder em uma realidade local. De modo específico, procurei compreender como os corpos de mulheres profissionais da equoterapia são experienciados, organizados ou regulados em atividades equestres a partir das relações de poder social; identificar como corpos de mulheres profissionais da equoterapia são construídos e acionados em atividades equestres de trabalho, esporte e lazer; problematizar como se constroem os corpos humanos (de mulheres profissionais da equoterapia) na relação com corpos não humanos (cavalos) e como essa relação mobiliza reflexões acerca do ser mulher na sociedade.

Esse olhar, fundado nos estudos culturais físicos feministas, possibilita-me delinear a pesquisa de maneira contextual, abordando as múltiplas relações e efeitos que estão agregados aos fenômenos culturais, gerando percepções feministas de como as práticas corporais das mulheres estão sendo moldadas. A participação de nove mulheres profissionais de equoterapia que integram a região de Maringá-PR, por meio de entrevistas semiestruturadas, possibilita-me entender suas práticas equestres e as relações de poder que as atravessam em uma realidade local.

O desenvolvimento da pesquisa se justifica pela necessidade de entender o que impulsiona mulheres a trabalharem com equoterapia; se suas trajetórias de vida influenciaram na escolha da profissão; se o modelo patriarcal de sociedade vigente (que institui práticas destinadas a homens e práticas destinadas a mulheres) interferiu, de alguma forma, no desenvolvimento da profissão; se a construção corporal dessas mulheres profissionais da equoterapia foi impactada por modelos sociais; e, como essas mulheres construíram relações com o não humano (cavalo) em sua prática profissional.

Ao reconhecer as lacunas que constituem a temática e a importância de pesquisas voltadas às relações de gênero e às práticas equestres materializadas pela relação entre mulheres e cavalos é que me volto a reflexões acerca de como a sociedade constrói espaços, atividades e diferentes valores para homens e mulheres.

A problemática que orienta essa dissertação materializa-se da seguinte forma: Como as práticas equestres de mulheres profissionais da equoterapia são construídas e atravessadas por relações de poder e como elas entendem a relação mulheres e cavalos no campo profissional e em sua própria prática equestre?

A presente dissertação encontra-se organizada em dois capítulos. No primeiro, trago reflexões acerca da submissão social, cultural e histórica das mulheres, dos movimentos feministas e dos desdobramentos que refletem sua insubmissão aos enquadramentos sociais. Abordo, ainda, como se deu historicamente a construção histórica de mulheres e cavalos. No segundo capítulo, discorro acerca das práticas equestres de mulheres da equoterapia a partir de uma realidade local, com base em narrativas obtidas por meio de entrevistas. Explicito o percurso metodológico da pesquisa e apresento os resultados alcançados, os quais estão relacionados aos modos de ser mulher e profissional da equoterapia, aos seus movimentos corporificados e às relações de poder que as impactam.

Diante da problemática orientadora dessa pesquisa e compreendida sob a égide de teorias voltadas às questões humanas é que busco contribuir com a temática de mulheres e cavalos no sentido de construir um terreno fértil de estudo e de intervenção para a resolução de conflitos e disputas, bem como para superar as desigualdades de gênero nas práticas equestres. As narrativas de mulheres da equoterapia que integram essa pesquisa são especiais nesse processo.

2 SUBMISSÃO SOCIAL, CULTURAL E HISTÓRICA DAS MULHERES

Mas a teoria feminista também deve abandonar a sua separação do resto do mundo vivo. [...] As nossas vidas situam-se não apenas nos compromissos sociais humanos, mas também – quer saibamos ou reconhecamos isso – profundamente com outras espécies. Penso que esta é uma visão que surge do diálogo entre estes dois campos díspares. Todos nós compartilhamos a criação e a reconstrução do mundo (Birke, 2002, p.433).

O presente capítulo tematiza o processo de submissão social, cultural e histórico de mulheres, haja vista as implicações que essa estrutura social traz para o entendimento da relação entre mulheres e cavalos. Nesse percurso, percebemos que as desigualdades entre homens e mulheres estão presentes na maioria das sociedades, as quais limitam a mulher em sua liberdade de escolha e definem como ela deve se comportar a partir do que estabelecem como permitido. Isso é reflexo dos nossos antecessores que impuseram um ‘suposto’ padrão de centralidade do poder, em que os homens são postos como dominantes na relação com as mulheres.

Para Araújo (2022), as relações sociais entre homens e mulheres foram construídas num cenário de disputa política que, num primeiro momento histórico, privilegiou os homens. A discussão acerca das desigualdades entre homens e mulheres já era posta pelos gregos antigos ao colocarem as mulheres na escala metafísica como seres humanos inferiores aos homens. Como observam Silva (2010) e Araújo (2022), às mulheres eram reservados os deveres de criação dos filhos e do lar, enquanto aos homens o direito de exercer a vida pública. Assim, essas e outras reflexões estão presentes nos dois tópicos que compõem esse capítulo.

O primeiro deles trata dos movimentos feministas, desde seu início até a formação de grupos de mulheres unidas pelos mesmos ideais, qual seja, o de lutarem contra o patriarcado. Foi em meados do século XIX que surgiu o feminismo por meio de grupos de mulheres que começaram a questionar a discriminação e a sua submissão ao lar, bem como sua exclusão em outras áreas. Seus movimentos foram se propagando e conscientizando outras mulheres para a necessidade de ampliar

seus espaços e direitos. A união entre os grupos ganhou força, expandiu-se pelos países e possibilitou avanços e conquistas.

O segundo tópico aborda a construção cultural e histórica da relação entre mulheres e cavalos de modo a levantar elementos basilares à consecução da pesquisa. Problematizar como se constroem os corpos humanos (de mulheres profissionais da equoterapia) na relação com corpos não humanos (cavalos) e como essa relação mobiliza reflexões acerca do ser mulher na sociedade é parte fundante dessa pesquisa, embora ainda recente. Como informa Birke (2002), estudos voltados à relação entre humanos e animais são novos na academia, cujo surgimento remonta à década de 1970, mesma época em que os movimentos políticos estavam desafiando diversas formas de opressão.

Entendemos que os estudos feministas e os estudos humanos/animais possuem linhas diferentes, com preocupações também distintas pois, como observa Birke (2002), os significados culturais dos animais e do gênero são bastante complexos. Para ambos, existem prescrições culturais moldadas e modificadas ao longo do tempo, geralmente traçadas por modelos hierárquicos. Os animais, por exemplo, são domesticados para desempenharem seu papel de ‘animal de companhia’ e seguem normas culturais impostas pelos homens; às mulheres são impostas normativas sociais que definem o ‘papel feminino’ e as relações de poder que moldam suas práticas e seus movimentos corporificados, e assim por diante. Compreender a relação entre movimentos feministas e seus desdobramentos, bem como a construção cultural e histórica dos elos entre mulheres e cavalos constitui intenção desse capítulo.

2.1 Os movimentos feministas e seus desdobramentos

Os movimentos feministas são comumente identificados a partir das ‘ondas’ que caracterizam o processo sócio-histórico, desde a virada do século XVIII até a atualidade. Para explicar historicamente a diversidade das relações entre homens e mulheres em diferentes contextos e culturas, assim como a constituição da condição feminina, é preciso olhar para as mulheres do passado. As ondas representam uma espécie de linha do tempo e trazem paradigmas e concepções ontológicas de épocas. “Similares às ondas observadas no mar, elas não são contínuas; arrebatam na areia,

avançando e conquistando maior avanço, mas também regressam ao oceano, sendo puxadas por grande força, até rebentarem novamente, as vezes ainda mais fortes” (Ribeiro; Nogueira; Magalhães, 2021, p. 59).

No final do século XIX, as mulheres se beneficiaram das oportunidades difundidas pelas revoluções burguesas³ ocorridas na Inglaterra. Elas reuniram forças, começaram a reivindicar por seus direitos e por sua cidadania, como nas revoltas do operariado e no movimento sufragista que foi materializado em uma ação política e organizada das mulheres. Essa foi a primeira onda do feminismo, cujas pautas eram marcadas por reivindicações de mulheres por melhores condições no trabalho, como salário, salubridade, redução da jornada de trabalho e espaço na política, o que incluía o direito de votar e de ocupar espaços nos parlamentos. As mulheres da primeira onda feminista conquistaram o lugar de sujeito nas esferas políticas e sociais, inserindo-se em lugares que antes eram invisíveis. Lutaram por direitos a educação, propriedades, posses de bens, divórcio e voto – o primeiro deles (Martins, 2015).

Após a conquista histórica das mulheres ‘na primeira onda’, afirma Adelman (2016), parecia que o movimento feminista tinha desaparecido dos espaços públicos. Após 30 anos de conquista do direito ao voto surge o livro ‘O Segundo Sexo’, da filósofa, ativista política, feminista e escritora francesa Simone de Beauvoir, publicado em 1949, na França. A obra começou a ser divulgada nos Estados Unidos, pouco depois de seu lançamento e gerou novos incômodos relacionados à condição das mulheres aprisionadas na domesticidade. Ela antecipou e preparou o terreno para uma geração posterior de feministas, algo importante na continuidade das lutas em prol dos direitos de mulheres (Adelman, 2016).

Simone de Beauvoir foi uma grande referência do século XX. No ‘Segundo Sexo’, o corpo é tratado como elemento central nas maneiras das mulheres enfrentarem o mundo, propondo reflexões voltadas aos significados sociais de ‘ser mulher’. Como constata Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021), sua obra provocou inquietações, sinalizou os problemas que as mulheres enfrentavam com relação ao seu corpo, sexualidade e violência sofrida nas relações familiares, o que inclui formas

³ As revoluções burguesas foram um conjunto de alterações sociais, políticas e econômicas que marcaram a Idade Moderna, abolindo a ‘propriedade privada’ feudal e instituindo a propriedade privada capitalista. Foi considerada, dentro do espírito liberal, o fundamento e a garantia da liberdade individual do cidadão (Andrade, 2018).

de organização da cultura. hooks (2018) informa que quando não havia a literatura feminista, as mulheres aprendiam sobre o feminismo em grupos. Foram nesses grupos que surgiram a teoria feminista, a qual tinha como objetivo inicial explicar a homens e mulheres como o sexismo⁴ funcionava e pensar em estratégias de desafiá-lo para superar o patriarcado e criar maneiras de as mulheres interagirem socialmente.

Até o início do século XX, a feminilidade da cultura vitoriana orientava para o padrão hegemônico das sociedades ocidentais, o qual tinha como feminino a mulher meiga, dócil, gentil, frágil fisicamente e do lar. Esse modelo impunha normas para as práticas socialmente aceitas, destinadas para a elite, pois diversos grupos de trabalhadoras não tinham as mesmas oportunidades para se protegerem dos trabalhos físicos pesados (Adelman, 2003). Para hooks (2018), o que impediu as mulheres da elite de trabalharem fora de casa não foi a discriminação de gênero nem a opressão sexista, mas os trabalhos disponíveis para elas, os quais eram os mesmos disponíveis para todas as mulheres trabalhadoras, ou seja, trabalhos direcionados à mão de obra não qualificada e pouco remunerada.

As mulheres da elite com alto nível de educação permaneceram em casa ao invés de realizarem o tipo de trabalho que várias mulheres de classe média baixa e da classe trabalhadora faziam. Quando algumas dessas mulheres desafiavam a convenção e trabalhavam fora de casa, exerciam tarefas muito inferiores às habilidades adquiridas por meio de sua educação e enfrentavam a resistência do marido e da família (hooks, 2018).

Foi essa resistência que tornou a questão do trabalho fora de casa uma questão de discriminação de gênero, e tornou a oposição ao patriarcado e a busca por direitos iguais em relação aos homens de sua classe a plataforma política que escolheu o feminismo em vez da luta de classe (hooks, 2018, p. 39).

A Segunda Guerra Mundial permitiu às mulheres, gradativamente, ocuparem lugares que antes eram ocupados só por homens, haja vista que elas precisaram

⁴ Silva (2021) afirma que na obra “Teoria feminista-da margem ao centro”, escrito pela ativista norte americana bell hooks em 1952 e publicado no Brasil em 2019, hooks argumenta que a opressão sexista seria a primeira das opressões, experimentada já no âmbito familiar. As pessoas aprendem a aceitar a prática opressora do sexismo no âmbito familiar antes mesmo de conhecerem outras formas, como as de raça e classe social (Silva, 2021).

trabalhar fora do ambiente doméstico para ajudar nas despesas ou para substituir marido, pai, irmão em seus trabalhos, caso eles tivessem ido lutar na Força Expedicionária Brasileira (FEB) (Pereira; Silva; Mazo, 2011). O pós-guerra trouxe um período de mudanças sociais e proporcionou algumas novas formas de relações sociais. A contestação desses grupos se espalhou pelo globo e possibilitou que as mulheres fizessem conexões entre as formas de opressão que as aprisionavam e a cor da pele, com subcategorias sociais, obtendo aprendizagem política, notadamente, com os movimentos pelos direitos civis dos/as negros/as (Adelman, 2016).

Para Adelman (2016, p.25) “[...] se esta década continua exercendo tanto fascínio sobre nós é porque, a partir dela, fizeram-se ouvir finalmente as vozes de grupos sociais antes marginalizados ou invisibilizados”. Foi na metade do século XX, entre os anos 1960 e 1980, nos Estados Unidos, que as mulheres consideradas pioneiras da ‘segunda onda feminista’ se juntaram e formaram o maior desafio à ordem patriarcal (Ribeiro; Nogueira; Magalhães, 2021). O movimento incorporou pautas culturais relacionadas ao questionamento dos padrões sociais que atribuem papéis destinados aos homens e às mulheres.

Na obra ‘A voz e a escuta: encontros e desencontros’, Adelman (2016) observa a existência de transformações ocorridas na segunda metade do século XX, as quais culminaram em nova paisagem social e cultural reivindicatória por direitos, marcada por grupos sociais diversos que buscavam ser ouvidos. Tais movimentos fizeram surgir uma centralidade⁵ cultural e simbólica, internacional que motivou amplos efeitos políticos e sociais. Nesse período, a teoria feminista teve como objetivo compreender a origem das desigualdades entre os sexos e a sexualidade passou a derrubar a barreira do privado e ser compreendida como relação de poder entre os sexos (Ribeiro; Nogueira; Magalhães; 2021).

Segundo hooks (2018), o movimento feminista foi fortalecido no momento em que conseguiu espaço na academia com o auxílio de mentes jovens que liam a teoria feminista e aprendiam sobre ela, usando-a em suas pesquisas acadêmicas. Ao unir literatura feminista e história das mulheres, o referido movimento provocou uma

⁵ Houve, nesse período, segundo Hall (1977), uma ‘revolução cultural’, haja vista que a cultura assumiu uma função importante no desenvolvimento do ambiente global e na organização dos recursos econômicos e materiais, estruturando a sociedade moderna tardia.

poderosa intervenção no feminismo contemporâneo, mostrando que os trabalhos antes feitos por mulheres não haviam sido reconhecidos devido à discriminação do gênero. Surge, assim, uma luta revolucionária que passa a exigir respeito e fim do preconceito.

No Brasil, a segunda onda feminista sofreu grande influência da ditadura e do clima político do regime militar, momento em que vários grupos compostos por mulheres de elite e camadas populares se organizaram em oposição às repressões políticas e à perda da liberdade de expressão. As organizações de mulheres se levantaram contra a dominação masculina e a violência sexual (Matos, 2010) e, em 1985, com a união e a colaboração de mulheres de várias regiões do Brasil, descreve Ribeiro (2021), surge o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e a Carta das Mulheres Brasileiras⁶ aos constituintes, incentivado o debate e a criação de propostas voltadas aos direitos das mulheres para a nova constituição.

Na segunda onda, as mulheres transferiram o seu lugar de sujeito para o espaço privado. Mas, por que o espaço privado? É no privado que o opressor se fazia presente na figura do patriarcado, inibindo, por violência física e emocional, os direitos de as mulheres conquistarem seus espaços fora das relações domésticas e familiares (Martins, 2015). Como constata Adelman (2016), o movimento feminista teve importante significado para os movimentos sociais, pois representou “[...] um novo momento, com algumas premissas caracterizaram como uma ruptura radical com toda a cultura herdada, de dominação masculina e invisibilizada das diversas contribuições das mulheres à história, à cultura e à vida política e social” (Adelman, 2016, p.80).

A segunda metade de século XX foi marcada pelo afloramento do feminismo com as protagonistas – as mulheres – e seus questionamentos em relação à materialidade das suas condições de ser. Inicia-se, assim, a terceira onda feminista, delineada com a discussão de paradigmas estabelecidos nas outras ondas e em meio à necessidade de tornar evidenciadas interpretações pós-estruturalistas do gênero e da sexualidade, o que inclui a desconstrução das representações que colocam a

⁶ “Este documento foi apresentado na assembleia de inauguração da nova constituinte em 1987, tendo grande parte de suas reivindicações atendidas” (Ribeiro; Nogueira; Magalhães, 2021, p.64).

categoria gênero como binária e o entendimento dos limites do universal e sua forma excludente (Martins,2015).

Nos anos 1990, lembra Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021), a filósofa Judith Butler dá impulso às teorias feministas ao pontuar uma ação política focada na construção das identidades de gênero e no questionamento à manipulação dos mecanismos de poder que instituem normativas sociais orientadas pelo binarismo (masculino/feminismo) e experiência das mulheres, em ações de opressão ou libertação. Para Firmino e Porchat (2017), Soares e Mourão (2020), a crítica genealógica no pensamento de Butler se torna útil para divulgar o aprisionamento da identidade nas redes de poder e de saber, algo que mostra a necessidade de um novo tipo de política feminista.

Butler (2003) posiciona a categoria mulher no interior da teoria feminista e a define como propulsora dos objetivos da teoria feminista, por meio de seus próprios discursos. Para a mesma autora, a teoria feminista precisava de uma linguagem que pudesse representá-la verdadeiramente, sem uma base universal e singular de opressão e dominação patriarcal pois, se “[...] o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente em diferentes contextos históricos, é porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classista, étnica, sexuais [...]” (Butler, p.20, 2003).

Para realizar a crítica genealógica, Butler se utiliza do instrumento de análise de Michel Foucault⁷, da década de 1970, o qual prioriza como ação política para derrubar as relações hierárquicas a descoberta de como ocorrem os processos de produção das identidades e manutenção entre elas (Firmino; Porchat, 2017). Na análise feita por Soares e Mourão (2020), Michel Foucault traz importante reflexão para a genealogia histórica e suas diversidades nos controles normativos centrados nas populações, como uma biopolítica atravessada por biopoderes difusos que produzem corpos, regulam e normalizam os processos que envolvem da vida dos sujeitos.

⁷ As obras de Michel Foucault podem ser encontradas em várias áreas das ciências humanas, o que inclui a teoria das organizações, em que as ideias foucaultianas são utilizadas, sobretudo, com reflexões acerca do poder (Motta; Alcadipani, 2004).

Bassanezi (2009) coloca a categoria gênero como imprescindível ao estudo das transformações históricas, entrelaçando a pesquisa com a etnia, a classe, o grupo etário, a nação e outras variáveis. A autora entende que o gênero “[...] pode ser empregado como uma forma de afirmar os componentes culturais e sociais das identidades, dos conceitos e das relações baseadas nas percepções das diferenças sexuais” (p. 63). Para a mesma autora, “gênero é tanto produto das relações de poder quanto parte da construção dessas próprias relações” (p. 165).

As ondas do feminismo acompanharam as mudanças que ocorreram na concepção de sujeito, desde a modernidade aos dias atuais. Elas são marcadas por interpretações do corpo que passa de apenas receptor para lugar central nas relações sociais, pois recebe estímulos, processa e planeja esse estímulo para depois agir. Essa nova racionalidade possibilita revisões do humano e da subjetividade, algo que se dá também nas formas de manifestação

ação do corpo. Como constata Martins (2015, p. 240), “[...] a realocação do corpo no pensamento social pode ser compreendida como um processo de superação dos binarismos modernos, uma vez que situa a corporeidade em um lugar de tradução entre sistemas simbólicos individuais e coletivos”. Essa realocação do corpo passa a se dar também no campo acadêmico, haja vista a sua importância para operacionalizar a própria vida.

Foi a partir dos últimos 30 anos que a sociologia começou a contribuir com as descobertas do corpo, com as experiências corporificadas dos sujeitos, caminhos pelos quais as pessoas se relacionam com o mundo e corporificam sua existência (Martins, 2015). Desde o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o corpo e a ‘virada para o corpo’ em movimento recebem atenção acadêmica, contribuindo para dar embasamento a várias disciplinas. Mas, é importante reconhecer que, há décadas, as feministas escrevem o corpo em texto, se envolvem reflexivamente com o ato incorporado e colocam o corpo em movimento (Marini; Sá; Lara, 2021).

A quarta onda feminista surge e ganha força no aparecimento e na apropriação das mídias por meio do uso em massa das redes sociais e da tecnologia. Constrói-se por meio de um ativismo amplamente digital e aborda vários temas, entre os quais está a identidade do corpo (Perez; Ricoldi, 2019). Em linhas gerais, as mulheres passaram a se reunir nas redes sociais em prol das lutas feministas por questões

ainda não resolvidas em outras ondas e que tomaram novas proporções na quarta onda feminista (Martinez, 2021). As feministas da quarta onda passaram a usar a mídia digital (Facebook, Twitter, Instagram, Tumblr, YouTube e blogs) para unir organizações antigas com as novas e, juntas, formarem redes mais fortes, que encorajem as novas gerações. Assim, entendo que se hoje as mulheres compõem um imaginário cultural diverso, com suas experiências de vida e afetividade, isso se deve, notadamente, ao ativismo de muitas mulheres ao longo de suas vidas e, de modo expressivo e visível, ao seu ativismo nas redes sociais.

A crescente mídia digital liga as feministas a contextos político, econômico e cultural, fazendo a ponte de sua vida local com questões globais e novas formas de fazer feminismo. Ao mapear as relações de gênero que moldam as práticas de lazer digital, Fullagar, Pavlidis e Francombe-Web (2018) oferecem análises críticas do impacto da quarta onda ao se associar à tecnologia e ao ativismo e ao produzir uma nova forma de fazer política feminista. O ativismo digital feminista representa um novo momento, marcado, inclusive, por ampla consciência feminista de domínio público. As autoras entendem que a quarta onda representa um projeto autorreflexivo movido pelo diálogo internacional entre as feministas, que origina conversas interseccionais e promove a mudança de paradigmas dentro da cultura de protesto feminista à medida que a política feminista se distancia dos canais legislativos convencionais.

A interseccionalidade⁸ deu uma importante contribuição aos estudos feministas. Está sendo aplicada em disciplinas de ciências sociais e humanas e abriu caminho para principais movimentos feministas. O pensamento interseccional mostra de maneira importante as experiências de mulheres e as práticas corporificadas no interior da formação cultural, econômica e política. Como argumenta Hirata (2014), a teoria da interseccionalidade busca entender as desigualdades sociais além dos sistemas de opressão que operam em categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual; propõe o enfoque transdisciplinar pensado a partir da produção e da reprodução das desigualdades sociais.

⁸ O termo interseccionalidade foi usado pela primeira vez num texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989) para definir a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, e logo depois no início dos anos de 1990 a partir da *Black Feminist* a problemática da interseccionalidade foi desenvolvida nos países anglo-saxônicos de forma interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw e outras pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs (Hirata, 2014).

hooks (2018) afirma que acadêmicas feministas têm avançado em abordagens interseccionais para compreender as múltiplas camadas de poder pautadas na luta das mulheres, a exemplo do feminismo antixista⁹ contra o pensamento patriarcal que oprime e que classifica as mulheres como socialmente inferiores aos homens. Para mesma autora os movimentos feministas anti-raciais representam as lutas de mulheres negras na construção de suas identidades sociais (negras e feministas) e de sua cidadania e atuação política, sobretudo porque historicamente já foram injustiçadas. As feministas ‘antihomofóbicas’¹⁰ são as que lutam contra as violências fóbicas em gêneros e sexualidade, cujos corpos divergem das categorias consideradas naturais e aceitas na sociedade (Rich, 2012). Há também as feministas decoloniais, que lutam contra a opressão de gênero racializada e colonizada pelo poder¹¹ (Lugones, 2014; Hollanda, 2020) e as ‘ecofeministas’, que têm se orientado para movimentos ambientais e feministas, desde 1970, em vários países, com reflexões acerca da relação entre a dominação da natureza e a dominação das mulheres (Siliprandi, 2000).

Na concepção de Lugones (2014), para descolonizar o gênero é preciso a práxis, que se inicia com a compreensão da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada. A próxima etapa se configura pelo entender e teorizar a dimensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação de oprimir/resistir, para que, assim, as mulheres tenham ações decoloniais potentes e que não se rendam diante das adversidades (Lugones, 2014).

Para Lugones, o sistema de gênero surge quando o discurso moderno colonizador estabelece a dicotomia fundadora colonial: a classificação entre o humano e o não humano. Como humano, o colonizador. Como não humanos, os nativos indígenas e, um pouco mais tarde os africanos escravizados, todos vistos como animais e primitivos. Na categoria não humano, a atribuição de gêneros está ausente, o que não chamou atenção dos autores decoloniais (Hollanda, p.16, 2020).

⁹ Para saber mais sobre o antixismo, consultar a obra da escritora bell hooks, intitulada O Feminismo é pra todo mundo (2018).

¹⁰ Não é intenção detalhar o feminismo antihomofóbica nessa pesquisa. Contudo, para informações adicionais, consultar Butler (2003, 2015, 2017).

¹¹ Se tiver interesse em conhecer mais sobre o feminismo decolonial, consulte a obra Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais, Org e intro. Hollanda (2020).

A partir das lutas e dos tensionamentos provocados por feministas em relação à sociedade patriarcal, reconhecidos historicamente a partir das ondas, as mulheres puderam se mover e conquistar novos lugares na sociedade. Elas deslocaram o lugar ocupado na vida privada (como no lar) para o espaço público (a exemplo do trabalho). Nessas conquistas está, certamente, a relação que passa a ser construída entre mulheres e cavalos, sobretudo no campo profissional, o que reverbera em novos constructos no entendimento do papel da mulher e na sua condição existencial.

2.2 A construção cultural e histórica da relação mulheres e cavalos

A história das mulheres passou a ganhar visibilidade a partir década de 1970, inspirada por mudanças ocorridas em diversos contextos e com a abrangência de temas como família, sexualidade e grupos excluídos (Bassanezi, 2009; Adelman, 2016). Retomar a história para estudar as mulheres do passado possibilita compreender historicamente, na concepção de Bassanezi (2009) e Adelman (2016) as relações entre homens e mulheres em diferentes contextos e culturas, bem como a constituição da condição feminina.

Adelman (2012) delinea alguns dos fatores que delimitam a participação das mulheres nas atividades esportivas e atividades equestres e relata a existência de um investimento histórico de noções de corporalidade feminina e de influência da cultura convencional que molda os movimentos corporificados e o padrão hegemônico de normas que delimitam a participação feminina em práticas sociais, até o início do século XX.

Estudos históricos da organização societal, da educação do corpo, da constituição de diferentes práticas corporais são de importância ímpar para entendermos as relações entre aquela época e os dias de hoje. Possibilitam-nos visualizar o que há na constituição das formas de ser mulher, hoje, e quais as dificuldades e os desafios que as mulheres viveram no passado e as ressignificações da corporalidade que conseguiram produzir na sociedade hodierna.

Ao descrever as noções das técnicas do corpo entre os sexos, Mauss, na obra *Sociologia e Antropologia*, editada em 1950, afirma que há técnicas para homens e técnicas para mulheres, e que elas se dividem e variam por sexo e idade. Na divisão das técnicas do corpo entre os sexos, ele traz exemplos de técnicas corporais que

seriam próprias dos homens e das mulheres, a exemplo do fechar de punho do homem ser diferente da mulher, assim como a diferença no movimento de lançar uma pedra pela mulher (que seria na vertical) e pelo homem (que seria na horizontal). Ele atribuía essas diferenças tanto ao fato de a educação ser diferente entre os sexos, quanto à biologia das mulheres e à força menor empreendida em uma ação.

Naquele momento, Mauss (1950) já falava na existência de uma sociedade para homens e uma sociedade para mulheres, que a explicação para essas diferenças não seria apenas fisiológica, mas também psicológica e sociológica e que a ciência poderia oferecer uma explicação não duvidosa para tais constatações. Embora Mauss tenha contribuído sobremaneira para as discussões que focavam o corpo e suas técnicas como um fato social total, no contexto que as produziu, será que, ainda hoje, podemos falar de técnicas para homens e para mulheres, de uma sociedade para homens e uma para mulheres, considerando as distintas formas de existência humana?

Herbert Spencer (1967), filósofo e sociólogo inglês do século XIX, escreveu acerca da educação das crianças, da importância de uma boa alimentação, das suas habilidades intelectuais e físicas. As suas ideias de como educar o corpo das crianças e adolescentes, progressivamente, vai traçar os princípios fundamentais da educação física. Ele comparou o colégio dos meninos com o colégio das meninas – que, naquela época, eram separados – e relatou a diferença tanto do espaço físico quanto das práticas corporais. O colégio dos meninos tinha espaço para brincadeiras e jogos nos intervalos e, nele, podiam ser escutadas muitas risadas. Já o espaço para as meninas passarem o intervalo era menor e não proporcionava a elas as mesmas práticas corporais de movimento; havia mais silêncio e menos sinais de divertimento (Spencer, 1967).

O receio da associação do exercício físico às meninas começou a se modificar somente no final do século XIX, momento em que as escolas primárias abriram uma seção para a ginástica, sem perder de vista a cultura normativa de formas do corpo feminino. “Em 1882, Rui Barbosa, em sua proposta educacional faz a distinção do que deve ser seguido para mulheres e para homens, nas aulas de Educação Física” (Lessa, 2005, p.163.) No início do século XX, uma nova abordagem sobre o bem-estar físico das mulheres permitiu que só as mulheres jovens e solteiras pudessem praticar

alguns exercícios físicos e atividade esportivas que fossem acrescentar benefícios ao seu papel de mãe e esposa. Nessa direção, Adelman (2003) acrescenta que, na cultura da corporalidade feminina, a elegância e a delicadeza eram atributos importantes às práticas físicas permitidas.

A poeta Louise Bogan é lembrada por Adelman (2020) por ter publicado o poema *Women*, em 1923. Esse poema teria sido lido por Bogan, em 1970, para um público norte-americano, momento em que mencionou a satisfação em perceber mudanças na vida das mulheres que fizeram parte desse intervalo histórico. O poema retrata o entusiasmo da poeta norte-americana frente os novos caminhos que as mulheres trilharam ao longo do século XX, engajamento decorrente da ‘segunda onda feminista’, assim como o “[...] legado das mulheres ‘aventureiras’ que criaram sua própria liberdade em tempos menos propícios – mulheres que sim tinham dentro delas a terra selvagem” (Adelman, 2020, p.124).

Em acréscimo, Adelman (2016) menciona a obra ‘Mulheres Viajantes’, de Sonia Serrano e suas contribuições ao falar das viagens de mulheres e a missão de libertar mulheres europeias que eram habilidosas cavaleiras nos séculos XVIII e XIX. Essas mulheres tinham que respeitar as normas da montaria e montar a cavalo com as duas pernas do mesmo lado, enquanto em outras regiões esse estilo não era o usado. A escritora de viagens e fotógrafa Ethel Tweedie (1862-1940) é lembrada como defensora do direito de as mulheres montarem a cavalo do mesmo jeito que os homens, com uma perna de cada lado, depois de ter a experiência de sentir a liberdade e o prazer que a montaria, assim, proporcionara (Adelman, 2016). Hedenborg (2007) também menciona conflitos em relação às mulheres montarem a cavalo com uma perna de cada lado na sela, haja vista não ser essa postura considerada adequada, assim como lembra o fato de os trajes de montaria não fazerem parte das normas sociais e culturais das mulheres.

Adelman e Knijnik (2013) afirmam serem numerosas as narrativas voltadas a mulheres e cavalos, abrangendo desde a mitologia milenar até a ficção popular contemporânea, perpassando séculos e culturas que vão desde os discursos de sensualidade e mistificação até as estratégias discursivas de força e coragem da mulher a cavalo. Como explica Singleton (2013), a imagem da mulher a cavalo pode estar vinculada a vários contextos, como na venda de produtos do mundo equestre,

em narrativas linguísticas ou até em fantasias sexualizadas e erotizadas (a exemplo de Lady Godiva¹²), como também em algumas lendas (a exemplo de Joana D´Arc¹³). Para o autor, isso já é esperado, pois existe uma grande diferença de sentido das relações materiais e simbólicas sobre o que significa ser menina ou mulher, logicamente conectados com movimentos sociais, comerciais e culturas de massa.

Para Sant’Ana (1993), a imagem da mulher a cavalo é uma metáfora forte que remete a uma mulher livre e aventureira, que desafia normas sociais regidas pela cultura vitoriana da vida prática da sociedade europeia. Um exemplo de história da mulher destemida, lembra a pesquisadora, é a de Anita Garibaldi, uma menina de Morrinhos que montava a cavalos desde menina. Os cavalos eram animais que a família humilde podia ter. Quando moça, conheceu José Garibaldi, um combatente das tropas farroupilhas pelo qual se apaixonou e se casou. Ao lado dele, a corajosa Garibaldi começou a ajudar nas batalhas e, numa noite em que estava sem o marido, após 12 dias de ter dado à luz, precisou fugir montada a cavalo com o filho recém-nascido no colo e seminua.

Adelman (2011) relata a existência de registros do final do século XIX que remetem à participação de mulheres no circo e no rodeio como parte dos momentos iniciais de uma ‘cultura do espetáculo’ que atraía pessoas ansiosas para verem as mulheres demonstrando atividades de risco, o que não era o convencional naquele período. Há obras históricas que oferecem evidências de como, ao longo dos séculos, “[...] os cavalos têm sido parte integrante da cultura, da sociedade e da vida cotidiana para as mulheres e os homens que os montaram e os empregaram como bestas de carga, e os amou como companheiros no lazer e no trabalho” (Adelman; Knijnik, 2013, p.1).

O uso do cavalo como exercício equestre não foi uma descoberta recente. Conforme informações coletadas em ANDE-BRASIL (2011), Hipócrates de Cos (460 -377 a.C.), em seu livro *Das dietas*, indicava a equitação para regenerar a saúde e

¹² Adelman (2020) lembra Lady Godiva como uma mulher pertencente à tradição literária anglo-saxônica no século XI que ficou conhecida como “[...] signo mítico de ‘mulher que cavalga nua’, ora como desafio, ora como submissão ao olhar masculino” (Adelman, 2020, p.127).

¹³ Joana d’Arc (1412-1431) foi uma camponesa que se tornou heroína ao liderar as tropas na Guerra dos Cem Anos. Foi capturada pelos ingleses, julgada e condenada à morte por bruxaria, morrendo queimada na fogueira.

proteger o corpo de doenças; Asclepiades da Rússia (124 – 40 a.C.) recomendava a montaria para pacientes catequéticos, epiléticos, paralíticos; Galeno (130 – 190 a.C.) divulgava a prática equestre, como medicina oriental, que ajudava o imperador Marco Aurélio a tomar decisões com rapidez; Merkurialis (1569), na obra *De arte gymnastica*, menciona que a equitação não exercita só o corpo, mas também os sentidos (ANDE-BRASIL, 2011).

A socióloga feminista Judith Lorber (1994) descreve o gênero como uma instituição social fortemente ligada ao desenvolvimento da cultura humana. Ela apresenta um paradigma para o gênero e o refere como instituição social, com características universais, cronológicas e transculturais. Para a mesma autora é de extrema importância o estudo de gênero no esporte como forma de identificar a maneira como o corpo feminino é construído socialmente para ser inferior. Ao olharmos para o desenvolvimento das sociedades e das práticas sociais, como o esporte e o lazer, “[...] com a ‘lente de gênero’, entendemos como os processos históricos moldaram os corpos e a cultura, bem como as instituições que emergem do mundo moderno do esporte” (Adelman, 2013, p.1).

O livro *Gender and equestrian sport riding around the world*, editado por Adelman e Kinijnik (2013), reúne estudos de várias disciplinas das Ciências Sociais e Humanas (antropologia, sociologia, estudos culturais, história e teoria literária), os quais auxiliam a entender o mundo equestre, abordando os contextos históricos na ‘lente do gênero’, ao mesmo tempo que nos apresenta mudanças ocorridas com o esporte na cultura contemporânea. A obra transcende noções do senso comum ao tematizar as dinâmicas históricas e as renegociações atuais das relações de gênero nas atividades equestres, que ultrapassam o binarismo, sendo este um terreno fértil para essas discussões.

Estudos realizados por pesquisadores/as do referido livro foram reunidos em 12 capítulos, em diferentes contextos culturais. Lagier (2009) menciona que, a partir de 2007, o esporte equestre, na França, esteve em primeiro lugar na lista dos esportes femininos, sendo as mulheres rivais nas mesmas competições que os homens. Hedenburgo (2007) examinou o aumento das mulheres na Federação Equestre Sueca, sendo 65% a participação das mulheres nas corridas de cavalos. A participação das mulheres nessas atividades foi identificada como uma tendência

mundial que varia de acordo com classe, raça/etnia e nação, com diferentes intensidades, afetos e efeitos. O mundo esportivo tem ajudado a incorporar a luta das mulheres para a conquista de espaços nos esportes e também para criar novos espaços (Adelman; Knijnik, 2013).

Como argumenta a estudiosa francesa Chevalier (2017), a feminilização dos esportes equestres é uma tendência contemporânea na Europa e incorpora regras e regulamentações que facilitam a inserção das mulheres nos esportes, incluindo os esportes equestres. Ao mesmo tempo em que há o aumento no número de mulheres nas práticas equestres, diminuem-se os riscos que esta atividade oferece, o que pode implicar na diminuição do prazer e da liberdade da mulher, como informa Adelman (2021, p.125-126): “[...]controles sobre desafios físicos pensados para garantir a segurança podem ter um efeito adicional, restringendo o prazer e a liberdade dos corpos em movimento, ou seja, promovendo formas de ‘domesticação’ (Adelman, 2021, p.125-126).

Sob esse viés, Singlentan (2013) examinou a hegemonia patriarcal e, a partir de seus estudos, foi constatada a minimização da aventura feminina nas séries de ficção juvenis no mundo equestre. Nas primeiras décadas do século XX, como nos livros de *The Ranch Girls*, *Grace Harlowe's Overland Rivers* e *The Outdoor Girls*, as personagens galopavam sem medo de aventura, enfrentando bandidos, o que era experiência incomum para a feminilidade, com seus parceiros (os cavalos) mais fortes e rápidos que qualquer humano. No entanto, as tensões começaram a aparecer nos livros *Vintages*, quando as personagens meninas estavam se equiparando em habilidades e aventura aos personagens meninos.

Na análise de Singlentan (2013), as experiências de liberdade e autonomia vividas pelas meninas nos livros conflitam com as obrigações voltadas ao lar e à família, bem como contrastam com a fragilidade que sempre foi atribuída à mulher e que, por isso, carecia de proteção masculina. Desse modo, a temática permite cruzar tanto as fronteiras físicas quanto as sociais e as culturais. Para a mesma autora, o cavalo leva a menina a cavalgar por lugares diferentes, proporcionando sensações de liberdade e bem-estar. Contudo, ao entrar na puberdade e se enquadrar no ‘papel feminino’, a menina passa a se adequar às normativas sociais. Ela deixa suas paixões e dedicação aos cavalos para se casar, ter filhos e cuidar do lar e da família.

Ao longo do século XX, a ficção equina juvenil contemporânea de livros e filmes foi modificando a representação das meninas a tal ponto que elas que não precisavam mais usar a força física. Para representar as mulheres, a indústria da ficção tem convocado representantes homens que implicam também nas habilidades das mulheres ao estabelecerem relacionamentos de amizades, romances, ou passarem por perdas que evidenciam sua vulnerabilidade. Nessa perspectiva, os desafios tornaram-se mais sociais e emocionais do que físicos (Adelman, 2003).

No período em que o movimento feminista contemporâneo estava em seu ápice, analisa hooks (2018), tendências sexistas em livros infantis eram criticadas, mas quando isso deixou de ter tanta atenção, o sexismo voltou a aparecer. “A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas” (hooks, p. 28, 2018).

Adelman (2004) investiga as representações contraditórias da relação entre mulheres e cavalos com foco no terreno esportivo e revela que, entre mulheres, meninas e equinos, instauram-se desafios e prazeres que servem como força motriz as suas vidas, como as atitudes de coragem, risco e ousadia que despertam a sensação de liberdade e a consciência acerca do que significa ‘ser mulher’. Trata-se de uma forma de desobediência às regras do poder patriarcal que domestica e contém seus corpos femininos.

Ao realizar breve reflexão da história das atividades equestres das mulheres no hipismo, Rojo (2007) constata que a inserção da mulher no hipismo brasileiro não foi fácil e se deu apenas em meados do século XX, com Candinha Prates. Porém, ela nunca chegou a fazer parte da equipe olímpica; apenas homens militares preencheram as vagas da equipe. Teria sido apenas em 1968, com Lúcia Faria Alegria Simões, que a primeira mulher passa a fazer parte da equipe brasileira de hipismo. Depois disso, a mulher começou a fazer parte da história do hipismo brasileiro.

Nos esportes equestres, as questões da hierarquia de gênero, por exemplo, já estavam presentes nas atividades que antecederam o hipismo. Segundo Pontes e Pereira (2014), na Inglaterra, as atividades praticadas nas horas de lazer por homens e mulheres da alta sociedade europeia da Baixa Idade Média e Idade Moderna eram

a caça à raposa. Os cavalos pulavam obstáculos naturais pela floresta em busca desse pequeno animal e, mais tarde, criaram as pistas de obstáculos que incentivaram o desenvolvimento do esporte. Para Adelman (2003), as mulheres ocupavam um lugar de desvantagem, pois eram obrigadas a montar com as duas pernas para o mesmo lado da sela.

O Brasil é um país com uma considerável cultura equestre. O cavalo é um importante recurso simbólico e material, tanto no hipismo clássico para mulheres da elite ou classe média alta que defendem características igualitárias de gênero no esporte, quanto para mulheres que moram na zona rural e participam de cavalgadas festivas, na maioria das vezes, vinculadas ao padroeiro das igrejas (momentos de lazer entre homens, mulheres, meninos e meninas) (Adelman, 2004).

Pereira, Silva e Mazo (2015) referem-se a uma pesquisa que analisou a revista O Globo, em Porto Alegre, no período de 1929 a 1967. O objetivo era identificar as representações das mulheres nas práticas equestres do turfe e do hipismo para entender como isso fora construído, com base nas reportagens publicadas pela revista. Foi constatado, por meio das análises, que o turfe foi configurado como uma das práticas que possibilitou o começo da inserção da mulher na vida social, influenciado pelas novidades trazidas da Europa, a partir de meados do século XIX. No entanto, os hábitos patriarcais típicos da aristocracia rural luso-brasileira associada ao turfe porto-alegrense restringiram a presença das mulheres nas arquibancadas ou sua aparição social com roupas e penteados da última moda.

Adelman e Moraes (2008) discorre acerca da história do turfe no Brasil e suas dimensões de gênero no Jockey Clube de Curitiba. Elas abordam a crescente participação feminina como profissionais nesse espaço, o que inclui veterinárias, treinadoras, cavaliça e as mulheres que trabalham na parte administrativa e comercial. No entanto, como observam as autoras, as mulheres não deixaram de ser um grupo menor, fácil de ser invisibilizado no cotidiano do Club e que tem uma cultura de 'homossociabilidade masculina'¹⁴. A transição de culturas para padrões mais igualitários tem avançado, mesmo que lentamente.

Na participação das amazonas, como constatado em reportagens da Revista

¹⁴ Esse conceito foi desenvolvido por Eve Kosofsky Sedgwick no seu trabalho pioneiro em 1985 (Adelman; Moraes, 2008).

O Globo, analisadas por Pereira, Silva e Mazo (2015), é registrada em festas do hípico, em Porto Alegre. As amazonas são descritas como habilidosas nas montarias e vitoriosas em competições do hipismo, com participação de mulheres e homens nas mesmas categorias.

No estudo de Pereira, Silva e Mazo (2015), o hipismo é um esporte equestre que aceita mais a participação das mulheres comparado ao hipismo mais aceito. Isso pode acontecer devido à prática do turfe oferecer mais riscos físicos que o hipismo. Em pesquisas realizadas acerca de práticas equestres femininas no Brasil, Adelman (2003, 2004, 2008, 2011, 2012, 2013, 2016, 2020) relata que, em várias narrativas de amazonas entrevistadas, nota-se a resistência das próprias famílias protetoras, haja vista que elas estão arraigadas a uma cultura que dificulta o avanço em esportes que apresentem riscos físicos.

Para Rojo (2007), no Rio Grande do Sul, o ato de montar a cavalo tinha o significado de ser uma prática exclusiva aos homens, pois estes estavam na rotina de seu trabalho ou mesmo na guerra. Segundo o mesmo autor, as mulheres, inicialmente, tinham acesso ao cavalo por meio das charretes ou carroças, o que demonstra que a prática do hipismo traz, de outros tempos, a tradição de um espaço em que as mulheres tinham acesso junto aos homens.

Ainda no que compete ao cenário dos esportes equestres, o ano 2000 é um marco no ingresso de mulheres nos rodeios e provas de laço dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), que são tradição no Rio Grande do Sul, reunindo mulheres do meio rural e semirural. Mesmo que o ambiente rural tenha grande tradição masculina, as mulheres conseguem apoio familiar, pois avós, pais e maridos foram, ou ainda são, laçadores. Se antes suas mães iam às provas de laço para cozinhar, agora, as filhas estão conquistando seu espaço no ambiente do esporte equestre. Esse acesso das mulheres nessas práticas está muito ligado à presença da família (Adelman, 2012).

As reflexões realizadas acerca dessa temática permitem identificar que as mulheres estão gradativamente se inserindo em atividades equestres e contando com o apoio familiar. Contudo, esse é apenas um passo inicial para o avanço de questões que envolvem mulheres e cavalos, as quais podem se construir como terreno fértil de estudo e intervenção para a resolução de conflitos e disputas, bem como para superar as desigualdades de gênero nas práticas equestres.

No Brasil, e em outros países da América Latina, é recente a construção de um campo específico de pesquisa voltado para a importância histórica e social do equino. A relação estreita entre duas espécies que aprenderam a lidar com jornadas plurais existe há muito tempo. No início, o cavalo era importante para a agricultura, para o transporte e para o exército. Contudo, com o passar do tempo, o cavalo passa a atender também à indústria hípica, focada em atividades esportivas e de lazer. O uso do equino continua forte no trabalho e transporte nos países que não fazem parte do ocidente industrializado, mas adotou novas funções, como, por exemplo, a associada à terapia (Camphora; Pereira, 2021.)

A pesquisa focada nos equinos apresenta crescimento nos contextos brasileiro e internacional. O estudo entre espécies (ou interespecies) começa a atrair a atenção de pesquisadores/as de diversas áreas das Ciências Humanas, igualmente inspirados/as na 'virada animal' que insiste numa visão interespecie da história, da sociedade e da cultura (Camphora; Pereira, 2021.)

A posição instrumental laboral do cavalo deixa de ser a única possível ao ser humano, haja vista que o animal passa a ser percebido também como parceiro em situações adversas, a exemplo de seu papel na equoterapia. Para Chevalier os (Adelman; Chevalier, 2021) estudos de Birke e Thompson (2017) mencionam três papéis principais desempenhados pelos equinos na sociedade contemporânea: “[...] como ‘trabalhador’, ‘executor’ e ‘terapeuta’” (Adelman, Chevalier, p.80, 2021, tradução nossa). Dito isso, entendo que a relação entre ser humano e cavalo, notadamente no que se refere às mulheres, tem sido construída de forma especial por meio da equoterapia. Há relações afetivas entre mulheres e cavalos que transcendem aspectos pragmáticos e instrumentais, conduzindo-nos a outras percepções da dimensão interespecie. As narrativas das mulheres equoterapeutas que participam desse estudo possibilitam-nos compreender melhor essas relações, assim como os desafios da profissão em uma sociedade, ainda, patriarcal

3 MULHERES DA EQUOTERAPIA E SUAS PRÁTICAS EQUESTRES

Ao investigar as normativas sociais que delimitam o que é ser mulher, as fronteiras traçadas historicamente que separam ‘mulheres’ e ‘homens’ e o papel ocupado por mulheres na equoterapia e a sua relação com o cavalo, procuro angariar elementos que possam aprimorar reflexões nesse campo de estudo. Tal intuito passa a ser refinado com a coleta empírica por meio de entrevistas com mulheres profissionais da equoterapia que integram essa pesquisa. No âmbito das questões empíricas da cultura física, esta abordagem me permite olhar para o corpo e seus movimentos corporificados de maneira ontológica, em suas várias dimensões, o que inclui a diversidade étnica de classe, geração e gênero, bem como a governança dos corpos de mulheres.

Este capítulo tem o propósito de acionar narrativas de mulheres acerca de suas práticas equestres como profissionais da equoterapia de modo a entender como elas são construídas e atravessadas por relações de poder em suas realidades locais. Tal perspectiva me instiga a transcender a dimensão intelectual e as análises culturais críticas para ir ao encontro do contexto das práticas, dos discursos e das subjetividades corporais de mulheres profissionais da equoterapia. Isso, logicamente, não se dá sem desafios. A ideia é realizar a imersão na história de mulheres profissionais de equoterapia e naquilo que as move cotidianamente, o que envolve resistências a contextos de opressão/dominação.

Ressalto a importância na ampliação de pesquisas voltadas às práticas equestres, em que o cavalo emerge como elemento singular a homens e mulheres. Isso inclui, como lembra Adelman (2012), a abordagem de temas como: poder, desigualdades políticas, econômicas, construções identitárias, subjetividades e corporeidade, gênero e esporte, entre outros. As narrativas de mulheres da equoterapia que trago nesse capítulo revelam muitos desses temas, haja vista que essas profissionais são atravessadas por relações de poder, pelas normativas sociais

de uma sociedade patriarcal e pela generificação da profissão. Contudo, suas narrativas revelam também formas de resistência a determinados padrões e o instaurar de um novo 'modus operandis' que passa a operar, sobretudo, pela relação estabelecida com o cavalo.

Nesse capítulo, situo o percurso da pesquisa, o que inclui a seleção da abordagem teórica orientadora da investigação, o mapeamento das mulheres profissionais da equoterapia que a integram, a técnica de coleta de dados e o caminho escolhido para a análise. Desenvolvo os dados coletados por meio de entrevista, bem como as análises que se desdobram a partir das narrativas das mulheres. Com isso, espero trazer elementos que possibilitem a percepção da estrutura teórico-metodológica da pesquisa, bem como os modos de ser mulher e profissional da equoterapia, sua relação com o cavalo, suas práticas corporificadas e as relações de poder que as impactam.

3.1 Do percurso da pesquisa

Esta pesquisa se orienta pelos Estudos Culturais Físicos (Physical Cultural Studies/PCS), especialmente pelos Estudos Culturais Físicos Feministas (Fullagar, 2019; Fullagar, Francombe-Webb e Pavlidis, 2019; Thorpe, 2011, entre outras). De cunho teórico e empírico, essa dissertação de mestrado propõe-se a investigar a relação entre mulheres e cavalos a partir de relações de poder que atravessam práticas equestres de profissionais da equoterapia. No âmbito das questões empíricas da cultura física, esta abordagem me possibilita olhar para os corpos de mulheres e suas práticas corporificadas por meio de uma abordagem ontológica que associa gênero, classe social, geração, relação interespecie, entre outros temas.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário incursionar por literatura acessível à pesquisadora acerca da relação entre mulheres e cavalos (Adelman, 2003, 2004, 2008, 2011, 2012, 2013, 2016; Adelman e Chevalier, 2021; Chevalier, 2017; Pereira, Silva e Mazo, 2015, Pereira, Bataglion e Mazo, 2020) dos profissionais da equoterapia (Lima, 2016; Lermontov, 2017) e dos Estudos Culturais Físicos Feministas (Fullagar, 2017, 2019; Fullagar, Pavlidis, Francombe-Webb, 2019; Thorpe, 2011, 2017).

A empiria foi construída por meio da coleta de dados via entrevista com mulheres profissionais da equoterapia na região metropolitana de Maringá-PR. A análise das entrevistas deu-se por meio do FPCS, abordagem que trabalha com conceitos de várias disciplinas e permite incursionar por diversas literaturas, potencializando a compreensão dos movimentos corporificados das mulheres profissionais de equoterapia. Nessa direção, foram selecionadas algumas produções de pesquisadoras do FPCS que estudam questões de gênero, corpo, práticas corporificadas, poder, cultura, agência, resistência e reflexividade na cultura física. Em geral, essas pesquisadoras são acadêmicas, sociólogas, feministas, pedagogas, entre outras, e se encontram motivadas por pesquisas que façam diferença na vida das pessoas. Elas estão preocupadas com a função social dos/das pesquisadores/as e tem a intenção de promover equidade e menos injustiças no contexto da cultura física.

Uma dessas pesquisadoras é Simone Fullagar, socióloga interdisciplinar e professora de Gestão do Esporte na Griffith University, Austrália. Ela é presidente do centro de pesquisa Esporte e Equidade de Gênero. Em 2014, ela se mudou da Austrália para a Universidade de Bath, no Reino Unido, para liderar o grupo de pesquisa Cultura Física, Esporte e Saúde (antes nomeado Physical Cultural Studies) e, em 2019, retornou à Griffith University. Realiza pesquisas qualitativas que exploram como a desigualdade de gênero impacta a participação das mulheres no esporte e lazer, bem como sua saúde e bem-estar emocional. Seus estudos preocupam-se com a redução de desigualdades e tem como objetivo as mudanças sociais e organizacionais.

Holly Thorpe é socióloga premiada do esporte, da cultura física e gênero. É professora de sociologia em Te Huataki Waiora / Escola de Saúde da Universidade e membro da Sociedade Norte-Americana de Sociologia do Esporte. Desenvolve pesquisas com metodologias qualitativas que tragam inovações para a teoria social e que caminhem junto com as mudanças sociais. Seu foco está em compreender as complexidades da saúde, do bem-estar individual e comunitário, nos corpos em movimento e nas culturas esportivas, com especial preocupação com equidade e inclusão.

Jéssica Francombe Webb é professora sênior na Universidade de Bath, Reino Unido. Participa da formação de treinadores e desenvolvimento esportivo, possui licenciatura em Artes pela Universidade de Bath. Suas pesquisas são respaldadas nos estudos culturais físicos feministas e exploram as iniquidades em saúde ao longo da vida. Em geral, ela busca compreender como o poder social impacta no emaranhado das práticas de saúde, na intersecção com o gênero, na baixa renda, na deficiência e na idade.

O desenvolvimento da coleta empírica foi realizado com mulheres maiores de 18 anos, profissionais de equoterapia, com nível superior completo, que atuam em uma realidade local, qual seja, a região metropolitana de Maringá. Essa região possui uma área territorial de 5.978.592 km², população estimada de 848,450 mil habitantes (IBGE/2022) e conta com 26 municípios, a saber: Maringá, Sarandi, Paiçandu, Mandaguaçu, Marialva, Mandaguari, Ângulo, Iguaçu, Floresta, Doutor Camargo, Itambé, Astorga, Ivatuba, Bom Sucesso, Jandaia do Sul, Cambira, Presidente Castelo Branco, Flórida, Santa Fé, Lobato, Munhoz de Mello, Floraí, Atalaia, São Jorge do Ivaí, Ourizona e Nova Esperança.

No início da pesquisa, as possíveis participantes das entrevistas foram buscadas em listas que continham os nomes das profissionais que realizaram cursos de equoterapia na Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL)¹⁵. Fariam parte das entrevistas profissionais da equoterapia cujos nomes fizessem parte das listas de turmas que realizaram o Workshop 'Integração dos Sentidos e Atividade Terapêutica com os cavalos', oferecido pelo Instituto Paranaense de Ensino¹⁶, em parceria com a Equitativa Marisa Tupan, nos anos de 2021 e 2022, na cidade de Maringá-PR.

No primeiro momento, entrei em contato com a ANDE-BRASIL via e-mail e por mensagem de WhatsApp para explicar todo o processo da pesquisa: delimitação dos

¹⁵ A ANDE-BRASIL localiza-se na cidade de Brasília – DF, Granja do Torto Lago Norte, CEP 70636-1000. É uma entidade civil filantrópica que atua em todo o território nacional, oferecendo cursos para capacitar profissionais com nível superior completo, com prioridade para as áreas de saúde e educação, visando contribuir com a formação de equipes multidisciplinares para atuação com terapias com cavalos, ou seja, com a Equoterapia.

¹⁶ O Instituto localiza-se na Av. Cidade de Leiria, 637, sala 10, CEP 87013280, Maringá, Paraná, Brasil, e oferta serviços educacionais, envolvendo pós-graduação lato sensu, capacitação, cursos para concursos, assessoria educacional e workshop.

objetivos; como seria selecionada a participante e realizada a entrevista; existência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para as profissionais assinarem e anuírem sua participação, aprovação da pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, entre outros. Em resposta, a Ande-Brasil enviou-me uma lista que continha 48 nomes de participantes que fizeram o curso avançado de equoterapia. Desses 48 nomes, apenas uma tinha Maringá como cidade de residência, cidade em que faz parte da RMM, selecionada para a pesquisa. Os outros nomes da lista eram vinculados a cidades de residência que não faziam parte da RMM. Uma profissional na lista significava o começo, mas eu ainda estava longe de alcançar as 12 entrevistas que pretendia realizar ao longo da pesquisa.

No segundo momento, entrei em contato com o Instituto Paranaense de Ensino. A coordenadora me incluiu no grupo de WhatsApp das participantes do Workshop 'Integração dos Sentidos e Atividade Terapêutica com os cavalos', oferecido em 2022. Como eu havia participado do workshop realizado em 2021, já tinha os contatos das outras participantes desse grupo. Entrei em contato por meio de mensagens pelo WhatsApp, via e-mail e, quando necessário, também fiz ligações para os contatos que havia conseguido até o momento. Conforme elas foram me retornando, pude perceber que, na maioria das vezes, essas mulheres haviam participado do workshop, gostado da equoterapia, embora não trabalhassem na área.

Realizei o levantamento de quantas profissionais da equoterapia havia aceito participar da pesquisa por meio de entrevistas e cheguei ao número de seis participantes. Contudo, esse número representava a metade da quantidade de entrevistas que tinha como meta. Então, desde a primeira entrevista, perguntava à profissional entrevistada se ela tinha conhecimento de outros centros de equoterapia ou de profissionais que faziam parte da RMM. Foi por meio das informações repassadas pelas entrevistadas que consegui chegar a mais três profissionais da equoterapia, o que totalizou nove entrevistas, esgotando-se, assim, o número de profissionais de equoterapia que fazem parte da RMM.

A cada uma das possíveis participantes foi encaminhada uma carta de apresentação das pesquisadoras (eu e a orientadora) e o convite para integrarem a pesquisa por meio de entrevista. A carta informava, ainda, a aprovação da pesquisa

pelo Comitê de Ética da Universidade de Maringá (PEF/UEM-UEL), Estado do Paraná, Brasil, respeitando-se todos os procedimentos éticos cabíveis ao desenvolvimento da investigação. Na carta, foram informados os objetivos da pesquisa e o formato da participação das convidadas. Em acréscimo, o documento informou que, após a manifestação de interesse em participar da pesquisa, elas receberiam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a anuência formal da participação.

A entrevista semiestruturada foi constituída por um roteiro de questões basilares ao entendimento de problemáticas que atravessam os corpos femininos na profissão e em atividades equestres. A entrevista foi analisada de forma qualitativa a partir dos dados levantados com as participantes. Quanto aos dados, estes foram processados por meio de transcrições das entrevistas e utilizados em partes, por meio da extração de excertos ou da interpretação/análise das narrativas.

Oito entrevistas deram-se de modo presencial em centros de equoterapia, nos locais de trabalho de cada uma delas. Apenas uma entrevista aconteceu em ambiente virtual, a pedido da entrevistada. Todas as entrevistas foram previamente autorizadas pelas participantes e gravadas. Tanto na modalidade oral quanto na escrita, os registros foram usados única e exclusivamente para fins específicos. Todas as entrevistas foram transcritas e enviadas às participantes para ajustes no que considerassem necessário e utilizadas unicamente para a finalidade da pesquisa, mantendo-se o anonimato.

Com a pesquisa, espero oferecer elementos que possam auxiliar no entendimento de como práticas equestres de mulheres profissionais da equoterapia são construídas e atravessadas por relações de poder. Procuro, ainda, compreender como profissionais da equoterapia entendem a relação entre mulheres e cavalos, no campo profissional e em sua própria prática equestre.

3.2 Narrativas que acionam modos de ser mulher e profissional da equoterapia

As entrevistas realizadas com mulheres profissionais da equoterapia possibilitaram-me analisar as narrativas de suas histórias de vida, a sua relação com o cavalo e os desafios associados à profissão. Para tanto, foram organizados oito quadros com excertos extraídos das entrevistas. Cada um dos quadros evidencia uma questão norteadora e as respostas dadas pelas entrevistadas. O roteiro de oito

perguntas com questões semiestruturadas incentivou o diálogo com as profissionais de equoterapia e foi elaborado com base nas problemáticas que atravessam os corpos femininos nos esportes e nas atividades equestres. Assim, os Quadros 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 foram construídos com base em seleção de narrativas que compõem as entrevistas com mulheres profissionais da equoterapia que trabalham na RMM. O Quadro 1 apresenta dados relacionados à trajetória de vida das entrevistadas e a sua motivação para o trabalho com a equoterapia.

Quadro 1. Trajetória de vida de mulheres profissionais da equoterapia e motivos que as impulsionam a trabalhar nessa área

O que impulsionou você a trabalhar com a equoterapia? Sua trajetória de vida a influenciou na escolha da profissão? Você gostaria de compartilhar um pouco da sua história?
<p>Entrevistada 1</p> <p>“O que me impulsionou foi o desejo realmente de conseguir encontrar relação entre o cavalo no ser humano e, a partir disso, o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos que vinham nos procurar”.</p> <p>“Depois de 15 anos de formada é que fui conhecer a equoterapia e aí eu queria buscar outros lugares e outros estímulos para o desenvolvimento humano. E aí que eu fiz a relação com o cavalo e fui buscar a equoterapia (fiz a especialização na equoterapia) e aprofundar nos conhecimentos do cavalo”.</p>
<p>Entrevistada 2</p> <p>“Eu cresci no interior de Minas. Meu pai tinha sítio, tinha cavalo. Mas ... é até interessante falar agora sobre gênero, porque o acesso ao cavalo, para mim, não era permitido”.</p> <p>“O cavalo ficava lá; eu cresci vendo cavalo, mas nunca cheguei a andar”.</p> <p>“Mas essa questão com cavalo é uma relação que eu poderia ter tido oportunidade, mas não tive antes. E quando eu conheci a equoterapia eu lembrei disso, me lembrei disso. Poxa vida”.</p> <p>“Então, impulsiona o dia a dia, obviamente, os resultados do que a gente faz”.</p>
<p>Entrevistada 3</p> <p>“Nunca tinha trabalhado com a terapia, com cavalo, nada disso. Aí eu acabei tendo a oportunidade de entrar aqui neste centro de equoterapia. Gostei muito; gosto! É uma área muito diferente do que a gente estava acostumada na clínica; lá não é nada disso.”</p>
<p>Entrevistada 4</p> <p>“Quando eu entrei na faculdade eu gostava da área de pediatria, então, eu sempre quis trabalhar com criança. Como eu sempre gostei de cavalo, aí acho que uniu as duas áreas.”</p> <p>“Mas eu acho que o que nos move mesmo, aqui, é ver essa conexão, mesmo que tendo cavalo para criança, que é muito bonita a criança, o jovem o adulto, a gente vê que o cavalo (como um instrumento terapêutico), ele tem um resultado tremendo”.</p>
<p>Entrevistada 5</p>

"[...] eu já montava na prova dos três tambores e aí eu já me apaixonei pelo cavalo. Mas eu também sempre tive uma relação muito boa com pessoas com deficiência e eu fui pesquisando".

"Em 1998, eu descobri a equoterapia através de uma amiga que me mostrou uma pesquisa que falava sobre o método e aí me apaixonei".

Entrevistada 6

"A minha trajetória de vida influenciou, sim, a escolha da minha profissão e eu penso que foi uma construção, e de uma maneira muito específica, da minha relação com o cavalo. Eu tenho meu pai, então, o meu pai cuidava de fazenda e o meu pai tinha uma paixão muito grande por cavalos".

"Eu tinha um cavalo chamado Polaco. Ele era um cavalo albino e, por ser albino, ele andava muito devagar durante o dia, justamente por não enxergar na claridade. Então, aquele era o meu cavalo, que meu pai me deu; ele tinha o cavalo dele. Meu cavalo, eu acredito hoje, que, por não enxergar, acabava seguindo o vulto do cavalo dele, de uma maneira muito tranquila. Então, eu amava e confiava muito no meu cavalo, além de que, ele me permitia ir atrás do meu pai".

"O cavalo vem nessa construção, dessa relação de possibilidades com meu pai".

"Quando eu fui para a Apae, eu sofri muito, porque eu via crianças".

"Não consigo ficar aqui dentro sabendo que essas crianças podem ir além disso. Foi quando eu comecei, junto com isso, estudar mais, também por conta da minha filha".

"Minha filha tinha uma questão que a psicologia coloca muito como uma autoestima. Ela era uma criança muito tímida na escola. Ela não permitia as vivências que a desafiavam".

"Foi quando olhei pra minha filha, falei: caramba, alguma coisinha que pode ser diferente, que não tem a ver só com o emocional. Ela precisa viver esse corpo na relação com o mundo".

Entrevistada 7

"[...] ao longo da minha vida eu experienciei outras áreas, mas sempre gostei da neurologia e neuropediatria. Então, eu fiquei sabendo, através de um amigo que é veterinário e trabalhava na Itália, que lá se desenvolvia um método com cavalos [...]"

"Coincidentemente, eu fui até a Ande-Brasil que, não muito tempo atrás, tinha trazido da Europa esse método, e eu comecei a ler, pesquisar e me apaixonei".

Entrevistada 8

"Não influenciou, mas eu sempre gostei de cavalo e, no momento que surgiu a oportunidade, como eu gosto muito da pediatria, principalmente na parte da neuro, eu falei: 'é isso!' E fui".

"Eu sou aquela que gosta de ficar solta; não gosto de estar presa dentro de uma sala. Clínica nunca foi para mim".

Entrevistada 9

"O que me impulsiona a trabalhar com a equoterapia é o amor, tanto ao cavalo quanto às crianças".

"[...] eu acabei voltando ao mercado de trabalho quando consegui unir uma paixão com minha profissão; por isso voltei a trabalhar".

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia participantes da pesquisa.

Nas análises das narrativas das entrevistadas, percebe-se que as trajetórias de vida e a escolha pela profissão aconteceram de maneiras diferentes. As entrevistadas 1, 3 e 7 não haviam tido contato com cavalos antes de trabalharem como profissionais da equoterapia; também não tiveram nenhum conhecimento associado à profissão durante a graduação. Para elas, a equoterapia veio depois da graduação. A entrevistada 2 teve contato com cavalo de maneira indireta, durante sua infância, embora andar a cavalo fosse algo reservado apenas a seu pai e a seu irmão. Somente com a equoterapia é que ter contato direto com o cavalo.

Duas das entrevistadas (4 e 6) já tinham contato com o cavalo de maneira muito específica na relação com seus pais na infância. Ganharam o primeiro cavalo de seus pais ainda criança e a relação humano-animal foi construída junto com eles. Nessa relação da menina com equinos, logo cedo, há, segundo Adelman (2004), a vivência de desafios e prazeres, pois o cavalo leva a menina a cavalgar por lugares diferentes, proporcionando sensações de liberdade, bem-estar, que servem de força motriz as suas vidas, e as libertam de formas hegemônicas do poder patriarcal. Ainda, essas entrevistadas (4 e 6) vieram a aumentar seu contato com o cavalo mais tarde, com o casamento, pois os maridos utilizavam cavalos em suas profissões – um era treinador de cavalos e o outro era domador e estudante de veterinária. E, assim, elas chegaram até suas profissões. Uma atua na área da equoterapia como psicóloga no seu próprio centro de equoterapia e a outra trabalha como fisio na equipe multidisciplinar da equoterapia de sua cidade. As entrevistadas 5, 8 e 9 já gostavam de cavalos antes de começarem a trabalhar com a equoterapia. A entrevistada 5 era competidora de três tambores – um esporte equestre em que participam mulheres – e, somado a sua boa relação com pessoas com deficiência, a entrevistada viu possibilidades no campo da equoterapia.

Para as entrevistadas 8 e 9, o afeto pelo cavalo já existia antes de suas profissões, junto com a afinidade por crianças e pela neuropediatria, quando tiveram a oportunidade de trabalhar unindo interesses, enxergando, assim, uma oportunidade de trabalho prazeroso. Para Boscatti e Adelman (2020), fica evidente a feminilização no novo papel do cavalo, qual seja, o de cura, nas diversas terapias que se

instituíram¹⁷, entre outros programas, como a ‘constelação com cavalos’ e o ‘coaching com cavalos’. As autoras alertam para cuidado sociológico nessa discussão, contando que o cavalo ajudou as mulheres a matizarem o ‘poder feminino’, como aventureiras, viajantes, atletas do rodeio ao adestramento. O cavalo “tem servido como poderosa metáfora de diversos tipos de relações sociais, construídas estas a partir das desigualdades de classe, gênero e étnico-raciais” (Boscatti; Adelman, p.237, 2020).

Concluindo a primeira questão norteadora, um ponto em comum observado nas entrevistadas e que as impulsionam a trabalhar com a equoterapia são os estímulos que o movimento do cavalo e a relação humano e animal proporcionam para o desenvolvimento das crianças, adolescentes e adultos que praticam a equoterapia. Essas mulheres sentem-se realizadas com o resultado do seu trabalho ao promoverem melhores condições de vida aos praticantes com necessidades especiais.

Garland-Thomson (2002) aponta paralelos comuns entre as representações historicamente atribuídas aos corpos femininos e aos com deficiência: ambos são considerados desviantes ou inferiores, restritos ao âmbito da vida privada e definidos em oposição a uma norma (homens ou pessoas sem deficiência) naturalizada como fisicamente superior. A autora propõe a confluência das áreas, constituindo o que chamou de teoria feminista da deficiência (*feminist disability theory*). Nessa perspectiva, a deficiência é entendida como uma narrativa culturalmente fabricada, que produz subjetividades por meio da diferenciação dos corpos.

Garland-Thomson (2001; 2002) faz críticas ao comparar o gênero e a deficiência como sistemas de opressão interligados, a partir dos quais todos os sujeitos são avaliados com implicações políticas. Essa narrativa compõe um sistema de classificação que agrupa aqueles que fogem dos padrões socialmente estabelecidos, validando os privilégios atribuídos aos sujeitos que se enquadram nesses modelos. Para a autora, abordar a deficiência é discutir relações de poder.

¹⁷ A equoterapia é um exemplo de institucionalização, com a Lei 13.830 (criada por Flavio Arns) que a regulamenta como método de reabilitação de pessoas com deficiência e que foi sancionada em 2019. (Brasil, 2019).

As entrevistadas também relataram a sua paixão pelo cavalo e o quanto gostam de trabalhar com a equoterapia, que tem o cavalo como parceiro de trabalho. Nas entrevistas, os grupos falaram de sua paixão pelos cavalos e pelo mundo equestre, “[...] exprimiram também a convicção de que suas atividades equestres as colocaram numa ‘outra categoria’ afastada de construções convencionais de feminilidade” (Adelman, p. 941, 2011). O Quadro 2 apresenta narrativas das entrevistadas em relação a sua percepção de corpo no trabalho com a equoterapia.

Quadro 2. Percepções das mulheres entrevistadas na relação com o seu corpo no trabalho de equoterapia

Como você percebe o seu corpo de mulher no trabalho com a equoterapia, que envolve o cavalo? Há dificuldades?
<p>Entrevistada 1 “Eu acho que dificuldades são eternas, porque o mundo do cavalo é masculino e extremamente machista. Todas as áreas onde a gente vai se aproximar do cavalo a gente vê que 90% são homens”. “Mas é com muita seriedade que a gente se coloca nesse lugar, com profissionalismo, exigindo muito respeito dos homens que estão ao nosso redor, a todo momento”.</p>
<p>Entrevistada 2 “Eu acho que é a maior dificuldade de lidar com a equoterapia é ser mulher e ter um desgaste físico considerável. A gente anda muito. A diferença por ser mulher é a questão hormonal, aítem a tensão pré-menstrual (t.p.m.), todo mês; tem o desconforto de estar menstruada”.</p>
<p>Entrevistada 3 “Não, porque na maioria somos mulheres. Só tem o fonoaudiólogo que é homem; mas no parque, na sociedade rural, a maioria são homens”. “Então, eu particularmente não tenho, nunca tive essa criação com cavalos. Então, tenho minhas limitações de montar, de andar; não tenho medo, mas também não tenho segurança ainda”.</p>
<p>Entrevistada 4 “Desde que comecei nunca presencie nenhuma dificuldade. A gente sempre teve o guia e, até hoje, todos foram homens. Mas eles sempre respeitaram o nosso espaço enquanto terapeuta”. “A gente procura, enquanto terapeuta, deixar sempre bem definido o espaço de cada um. Acho que isso é muito importante”. “A gente trabalha em equipe, mas um respeitando sempre o outro”.</p>
<p>Entrevistada 5 “Eu sinto um pouco de dificuldade em relação ao meu corpo ser feminino, principalmente quando os meus praticantes são adultos e homens. A gente ainda bate muito em crenças, onde a mulher não vai ter força: como que ela vai me tirar do cavalo?”</p>

“Quando a gente começa a mostrar que não é só questão de força, mas técnica e que temos cursos de primeiros socorros dentro da equoterapia, conseguimos passar segurança [...]”
“Eu trabalho com o condutor que é um homem. Ele respeita o meu limite e eu mostro que eu sou capaz também”.

Entrevistada 6

“Não enxergo isso como dificuldade ou algo até mesmo limitante”.
“Eu sempre quis fazer muito o *Team Penning*, essa variação das equipes, que tem homens e mulheres. Eles trabalham juntos”.
“Eu vejo diferenças que até a própria Maira vê esta questão estrutural da mulher e a maneira como a sela é tão voltada para anatomia do corpo do homem”.
“Eu não vejo isso como algo limitante. Vejo desafios. Não vejo tanta discrepância do homem e da mulher. Vejo que vai muito de como a gente se posiciona”.

Entrevistada 7

“Claro que com o desenvolvimento dessa cultura do homem com o cavalo [...]”
“Acho que isso é uma questão individual. Eu particularmente não me vejo fisicamente inapta e nunca me senti inapta por ter um cavalo, um animal de grande porte, um animal grandioso. Eu só me senti com dificuldade pela falta de conhecimento em como lidar com o animal, utilizando as minhas expressões corporais”.
“A conexão do cavalo com qualquer ser humano não é na força e sim nas expressões, principalmente a expressão corporal. Então, aí, nesse sentido, você tendo ciência, dominando, conhecendo, estudando e aperfeiçoando essa rotina com o cavalo, a força fica irrelevante”.

Entrevistada 8

“Em relação ao cavalo não vi muita dificuldade. Estou acostumada a pegar peso e, para mim, não interferiu. Eu vejo que aqui, nas minhas estagiárias que são todas miudinhas e pequenininhas, elas têm bastante dificuldade, mas eu, por ser grande e alta, o manejo com ele é tranquilo”.

Entrevistada 9

“Por exemplo, o ciclo menstrual, às vezes, a t.p.m., essas cólicas menstruais... se o fluxo está muito grande e você tem que vir trabalhar e se mexer; isso é diferente no caso dos homens”.
“Eu acho que tem algumas dificuldades por ser mulher. Força, eu acho que, às vezes, dependendo da situação, precisa, porque nós mulheres temos um pouco menos de força, mas é questão de jeito.”

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia.

A relação cavalo-humano teve sua construção histórico-social de evidência mais presente no mundo dos homens, como no trabalho, na guerra e como símbolo de poder. Quando o humano começou a domesticar o cavalo, o acesso a esse animal de grande porte era permitido aos homens. Adelman (2008), em uma pesquisa etnográfica com dois grupos de mulheres – as profissionais de veterinária e as jóqueis,

do Jockey Clube do Paraná – relata suas percepções acerca de uma realidade complexa e conflituosa, em que mulheres passam a acessar um espaço histórico, social e culturalmente construído como masculino.

Mesmo que a maioria das mulheres entrevistadas não tivesse mencionado de forma direta a dificuldade de trabalhar em um espaço historicamente construído como masculino, houve outras percepções das dificuldades de um ambiente generificado. Para quatro entrevistadas, uma questão que é preciso deixar bem claro é a sua postura e seu profissionalismo como características marcantes, que delimitam seu espaço de respeito nesse mundo do cavalo em que há mais homens que mulheres envolvidas. As profissionais entendem a necessidade de estudar e terem conhecimento da área para que estejam seguras do seu trabalho e que não haja dúvidas, para os outros, do potencial que elas têm para exercerem esse trabalho que envolve os cavalos.

O que foi apresentado como dificuldade, mas não como barreira, para a maior parte das mulheres entrevistadas, pode ser relacionado da seguinte forma: diferenças físicas do seu corpo de mulher, questões hormonais, tensão pré-menstrual e menstruação. Entre as dificuldades relatadas pelas profissionais também estão presentes as crenças de que as mulheres não têm força suficiente para trabalhar com o cavalo, que é um animal de grande porte. Essa impressão de que a mulher não tem tanta força para manter seu praticante em segurança no cavalo durante a terapia pode vir das pessoas que trazem os/as seus filhos/as para a equoterapia, assim como pela própria profissional, como ocorreu com a entrevistada 8 ao relatar que fica insegura com as suas estagiárias que são pequenas.

Para Adelman (2011), o envolvimento das mulheres nas atividades equestres está sempre em construção por elas mesmas quando desafiam as normativas e mostram força. Segundo a mesma autora, a cultura de gênero no Brasil dificulta às mulheres articularem identidades livres de discurso que policiam seus corpos e suas imagens. “Seus ‘segredos’, assim como sua força, formam parte de um novo legado no qual as mulheres – usando mente e corpo e uma boa dose de determinação e persistência – não abrem mão de empreitada nem de aventura nenhuma” (Adelman, 2011, p.951). O Quadro 3 explora como as mulheres se percebem no meio equestre em relação a sua aceitação.

Quadro 3. Percepções das mulheres entrevistadas quanto ao fato de se sentirem rejeitadas ou invisibilizadas no meio equestre

Você já se sentiu invisibilizada ou rejeitada por ser mulher nesse meio equestre? Se sim, você gostaria de compartilhar alguma experiência?
<p>Entrevistada 1</p> <p>“Isso é constante, é um universo extremamente masculino e machista, a gente está sempre lutando, né”.</p> <p>“[...] é constantemente a gente tendo que se colocar no lugar de respeito de profissionalismo, de mulher, para ser vista”.</p>
<p>Entrevistada 2</p> <p>“[...] a gente já trabalhou muitos anos dentro de um parque de exposição e dentro de um parque exposição, os esportes equestres ou todos que se relacionam ali com cavalos, são homens”.</p> <p>“Então, assim, a gente as vezes ia pedir alguma ajuda e eles queriam fazer por nós ou ensinar, como se a gente não soubesse nada sobre aquilo”.</p> <p>“[...]tem sim, a gente passava muito isso no dia a dia”.</p>
<p>Entrevistada 3</p> <p>“Como eu disse, a maioria é mulher, aqui na equoterapia. Então, as pessoas que trabalham aqui externamente, são bem-educadas, tratam a gente bem”.</p> <p>“Nunca me senti, assim, é desvalorizada ou rejeitada por ser mulher, não”.</p>
<p>Entrevistada 4</p> <p>“Não nesses sete anos.</p> <p>“Acho que nunca presenciei nada do tipo”.</p> <p>“Como eu te falei, a gente tem um bom relacionamento aqui, tanto com os funcionários do parque quanto entre nós. Então, nunca tive nenhum problema”.</p>
<p>Entrevistada 5</p> <p>“Uma experiência que me marcou bastante foi com um pai que, pela conversa no WhatsApp, achou que eu era a secretária e quem atenderia a criança seria um homem. Quando eu falei que seria responsável pelo filho dele, ele falou: Nossa, mas uma mulher nesse meio?”</p> <p>“Então, ainda tem essa rejeição”.</p>
<p>Entrevistada 6</p> <p>“Eu preciso te contar algo importante que vale a pena considerar. Eu chego nesse universo do cavalo na relação das pessoas junto com o meu marido”.</p> <p>“Então, eu já entro no universo do cavalo, não como Maria. Eu entro muito mais como esposa do João, o meu marido”.</p>

<p>Entrevistada 7</p> <p>“Sim, claro, porque essa é uma questão histórico-cultural. É fato que os homens tiveram e têm uma oportunidade de trabalho com animal muito precocemente, até pela questão que o cavalo era utilizado para agricultura, indústria, e quem fazia isso eram os homens”.</p> <p>“Então, baseado nessa questão, na nossa imaturidade, eles sempre olhavam, assim, no sentido ‘Hummm! o cavalo fugiu’.</p> <p>“Aconteceu muito sarro e descaso. Muitas vezes eu percebia cochichos, risadinhas e isso tudo, para mim, só me fortaleceu”.</p>
<p>Entrevistada 8</p> <p>“Até o momento não. Estou tranquila”.</p>
<p>Entrevistada 9</p> <p>“Eu acho que na área que a gente atua não senti isso. O tipo de esporte que eu pratico ser mais feminino do que masculino, apesar de ter os dois, o feminino é muito bem aceito”.</p>

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia.

Os relatos das entrevistadas apontam que, das nove profissionais, seis já passaram por algumas dificuldades em trabalhar na equoterapia por ser uma terapia que utiliza o cavalo como parceiro e instrumento de trabalho e porque essas dificuldades podem estar ligadas ao fato de o cavalo ser um símbolo ligado ao universo dos homens. Uma delas analisa esse fato como uma questão sociocultural que vem se desenrolando desde muito tempo atrás, quando o cavalo era usado pelos homens para ajuda-los nos trabalhos da agricultura, entre outros, e também que a quantidade de homens é bem maior que de mulheres nesse meio do cavalo.

Para as entrevistadas 3, 4 e 8, não houve, até o momento, nenhum tipo de rejeição ou invisibilidade profissional por serem mulheres. A entrevistada 3 e a entrevistada 8 estão a menos tempo trabalhando na equoterapia – uma com quatro meses e a outra com seis meses – o que talvez tenha contribuído para que não houvesse, até o momento, nenhuma percepção em relação á discriminação na profissão. A entrevistada 4, que trabalha há sete anos com equoterapia, é casada com um treinador de cavalos. Esse fato talvez tenha contribuído para que ela nunca se sentisse invisibilizada ou rejeitada por ser mulher nesse meio. As demais entrevistadas estão há vários anos na área, a maioria com mais de 10 anos.

Quadro 4. Percepções das mulheres entrevistadas quanto ao reconhecimento na profissão

Sobre reconhecimento na profissão: Você já se sentiu reconhecida por ser

mulher profissional da equoterapia? Se sim, você gostaria de compartilhar alguma experiência?

Entrevistada 1

“Nós somos reconhecidas, mas tem que ser sempre muito bem dosado, ser registrado quem somos; qual é a nossa graduação; o que a gente já estudou; há quanto tempo a gente trabalha; como é formada a nossa equipe. A descrição do que é feito, do que é realizado, tem que ser sempre muito enfatizado para realmente sermos vistas e reconhecidas”.

“Eu não sofri nenhum tipo de exclusão ou humilhação diante do trabalho, mas também, para ser vista, precisa de muito esforço”.

Entrevistada 2

“Felizmente, não só eu como as colegas, já fomos reconhecidas pelo nosso trabalho, quando somos convidadas para apresentar algumas palestras, congressos... Já fomos ao Rio de Janeiro, fomos a São Paulo e alguns lugares aqui no Paraná”.

“Não teve nenhum desses momentos que foi ressaltado o fato de ser mulher. Não, isso não. Mas o reconhecimento do trabalho ... acho que sim. A gente tem colhido alguns frutos do que a gente vem plantando sempre”.

“Mas, agora, olhando bem, esse reconhecimento normalmente parte de outra mulher”.

Entrevistada 3

“Já, sim. É quando as pessoas perguntam: Como é que você trabalha, onde trabalha? Você fala o que é, como é, que trabalho com o cavalo, e a maioria das pessoas não sabe o que é, pelo menos aqui nessa região”.

“Daí, você vai explicar o que é e tal. Daí, eu vejo que as pessoas ficam assim: nossa! que legal, que diferente! Então, me sinto valorizada sim”.

Entrevistada 4

“Ah, reconhecimento a gente tem sempre”.

“Todos os que são sócios, o pessoal que passa por aqui... estão sempre parabenizando e reconhecendo o nosso trabalho, tanto por redes sociais, como também os pais de alunos. Sempre nos dão bom feedback”.

“Mas, em relação a ser mulher, por conta disso eu não reconheço”.

Entrevistada 5

“Bom, dentro da equoterapia, recentemente, fui reconhecida no município de Marialva, onde eu recebi uma sessão de aplausos pelo meu trabalho de equoterapia com os paraatletas do município, e também um trabalho que eu desenvolvi lá, em 2017”.

“Assim, foi um dos maiores reconhecimentos meus dentro da equoterapia; e dentro do mundo equestre eu sou a miss três tambores do Paraná na NBHA (National Barrel Horse Association)”.

Entrevistada 6

“Em vários momentos já me senti reconhecida pelo trabalho desenvolvido no Horse kids, como uma profissional do Horse, pela forma como eu construí essa relação com o cavalo”.

“E é muito interessante, que o reconhecimento que eu consegui, algo que fez com que eu me sentisse reconhecida, não tem a ver com a minha formação básica que é a psicologia, tanto que tem muita gente que chega aqui achando que sou fisio”.

“Os momentos e as falas que fizeram em determinado momento que eu me sentisse reconhecida tem a ver com a equoterapia de maneira muito específica, dessa relação com

o cavalo. Ou seja, não é a Mari como profissional sozinha – até por isso que a psicologia vai ficando de lado – é a Mari da equoterapia”.

Entrevistada 7

“Essa pergunta é ótima mesmo, porque, olha só que bacana: as pessoas que buscam a gente têm filhos, parentes e buscam um tratamento”.

“O que é equoterapia? Essa foi a primeira questão em si”.

“Existe uma terapia com cavalos reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina no Brasil, um método tão relevante no desenvolvimento de um ser humano e mundialmente conhecido e pesquisado, com pesquisas importantíssimas sobre os resultados”.

“Agora, o fato de ser mulher trabalhando com este método e com um cavalo no meio, eu nunca senti preconceito ou nenhuma questão assim [...]”.

“Acho que o interesse maior é precisar que este método seja eficiente. Então, cabe a nós aceitarmos esse tratamento; ser confiantes como profissional e levar adiante, buscando os resultados.

“Sou reconhecida sim”.

Entrevistada 8

“Hoje, foi um dia muito bacana... um vídeo que eu soltei falando sobre a equoterapia e o autismo, teve muitas, foi um reconhecimento muito bacana”.

Entrevistada 9

“Eu já senti admiração de outras pessoas por ser um trabalho bonito, de importância muito grande. Diretamente, a gente trabalha no núcleo familiar para melhorar a qualidade de vida da criança.”

“Me sinto hoje mais valorizada por trabalhar e estar fazendo isso do que quando eu trabalhava em outra área”.

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia.

Para oito das nove entrevistadas, o reconhecimento está diretamente ligado aos resultados do bom trabalho realizado por elas e o desenvolvimento humano que a terapia com o cavalo proporciona aos/às praticantes. A equoterapia procura melhorar a qualidade de vida do seu praticante e reflete de maneira positiva na dinâmica familiar. Nessas condições, elas experienciam o sentimento de valorização, de admiração e de gratidão que lhes são proporcionadas por meio dos/as próprios/as praticantes, assim como pelos/as que estão envolvidos com eles/as.

Para entrevistada 7, o reconhecimento está no bom trabalho que ela realiza com uma prática que é reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina no Brasil. Sente-se reconhecida quando é procurada profissionalmente pelas famílias e pessoas que precisam de tratamento e quando apresenta resultados eficientes. Para a entrevistada 8, o reconhecimento também vem da mídia digital, na quantidade de visualizações que tem ao postar material sobre equoterapia. Contudo, de modo geral,

elas relataram que o fato de serem mulher não interfere no reconhecimento que têm. O Quadro 5 apresenta narrativas de mulheres em relação à experiência com outra atividade equestre nos espaços de lazer ou como atividade esportiva.

Quadro 5. Narrativas de mulheres em relação à experiência com outra atividade equestre nos espaços de lazer ou como atividade esportiva

Há alguma atividade equestre que você faz como lazer ou como esporte? Ou alguma atividade equestre que você já tenha feito em outro momento da sua vida? Poderia contar como é (ou foi) essa experiência?
<p>Entrevistada 1 “Sim, eu realizo diariamente, mas como trabalho. Lógico que é um lazer, porque, às vezes, quando eu tenho oportunidade, eu monto, faço trilha aqui no trabalho. Quando a gente vai para o hotel fazenda, sítio de algum amigo montar, pra mim é um privilégio e uma alegria.”</p>
<p>Entrevistada 2 “Sobre o trabalho da equoterapia, eu quis aprender mais sobre a equitação, aliás, mas não sabia nada sobre a equitação. A gente estuda sobre as patologias, estuda sobre o cavalo, mas a prática da equitação, em si, é a prática; vem depois. Mas eu fiz aulas no início, sim, fiz por um tempo lá no parque de exposição, onde a gente trabalhava”.</p>
<p>Entrevistada 3 “Eu nunca tive, assim, nunca fui criada no meio de cavalo de animal, mas já andei e tive uma experiência ruim. Então, eu tinha um medo [...], porque uma vez eu andei lá e disparou comigo. Então, eu fiquei bem assustada”. “E aí eu estou fazendo isso aqui, vamos dizer assim, estou vencendo, me aproximando, aprendendo sobre o comportamento do cavalo e aí estou vencendo”.</p>
<p>Entrevistada 4 “O contato com o cavalo sempre tive, sempre andei desde pequena. O meu pai sempre gostou. Então, sempre estive nesse meio. Mas, em relação ao esporte, não o pratico”. “[...] aí, logo que eu nasci meu pai comprou pra mim uma égua que ficou comigo até meu pai falecer. Depois a gente vendeu”. “Mas eu continuei tendo contato, porque meu esposo também é do ramo”.</p>
<p>Entrevistada 5 “Eu faço a prova dos Três Tambores”. “Estava parada um tempo, porque eu estava dando mais prioridade para a parte equestre adaptada, para a equipe de paratambor. Mas, atualmente, eu retornei para as pistas. Então, eu faço a prova dos Três Tambores”.</p>
<p>Entrevistada 6 “Se eu nunca fiz uma atividade voltada para um esporte, mesmo considerando algo em nível de competição, modalidade, isso não. Eu sempre gostei de andar a cavalo, algo assim, da gente ir para cachoeira... um falar eu vou de moto, o outro falar que vai de quadriciclo e eu dizer que vou a cavalo. Isso sempre gostei”.</p>

“Eu tenho maior orgulho de chegar e saber que vou andar naquele cavalo, sem precisar sair correndo atrás dele para laçar e fechar ele; quando chego, ele sabe que eu vou andar nele e ele vem. Tenho maior orgulho disso”.

Entrevistada 7

“Quando eu ingressei nesse trabalho com equoterapia, eu era a pessoa mais imatura e não conhecedora do cavalo”.

“Hoje o que eu faço é com meu aprendizado ao longo da vida. Eu trabalho muito com cavalos no solo. Não sou equitadora. Mas, uma das coisas que eu mais gosto de fazer é explorar aqui o no nosso local de trabalho, que é um lugar, uma fazenda muito grande”.

Entrevistada 8

“Não, não faço. Vou começar a fazer a equitação”.

Entrevistada 9

“Faço três tambores, treino toda semana [...]. Não saio mais para a competição. Mas é uma necessidade que eu tenho de continuar fazendo esse esporte, para mim, que me faz bem”.

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia.

Duas das entrevistadas, a 5 e a 9, praticam um esporte equestre, qual seja, a modalidade 3 Tambores. Como explica Souza (2017), a modalidade equestre de 3 Tambores é um esporte que está em crescente reconhecimento e cada vez mais presente nas festas de peão (rodeios), feiras agropecuárias, vaquejadas, entre outros. A modalidade é dividida em diversas categorias, possibilitando a participação de cavaleiros e amazonas de várias idades e o cavalo que mais se enquadra é o da raça Quarto de Milha. É uma prova de velocidade e curta distância. No conjunto, cavalo e cavaleiro fazem um circuito ao cronômetro no entorno de três tambores dispostos na forma de triângulo na pista.

A entrevistada 5 diz que ficou um tempo sem praticar o esporte 3TB, porque estava dedicando seu tempo e treinando os seus alunos para as provas do paratambor. Duas das entrevistadas andavam a cavalo como forma de lazer, desde criança, com seus pais. As demais começaram a ter contato após o início do trabalho de equoterapia, momento em que foram despertadas para a realização de aulas de equitação como esporte.

A prática da equoterapia é composta por quatro programas: a hipoterapia, a educação/reeducação, o pré-esportivo e a prática esportiva paraequestre, a qual oferece ao/à praticante que tem controle sobre o cavalo a possibilidade de escolher uma atividade equestre e fazer dela o seu esporte. A prática esportiva paraequestre

prepara pessoas com deficiência para eventos e competições como: hipismo adaptado, Jogos Paralímpicos, Olimpíadas Especiais e volteio equestre adaptado. “O conceito esportivo da equoterapia efetivou-se a partir de 2000, tendo Gabriele Walter como uma das precursoras na promoção de cursos e apoio de entidades para a prática” (Pereira, Bataglioni, Mazo, p. 885, 2019). O esporte para equestre foi regulamentado no Brasil em 2002 pela Confederação Brasileira de Hipismo (CBH) (Pereira, Bataglioni, Mazo, 2020).

As narrativas obtidas por meio das entrevistas também trouxeram elementos para pensar o que é ser mulher profissional da equoterapia. Tal questão procurou entender como as entrevistadas se percebiam na profissão e quais os desafios que precisam enfrentar no dia a dia, haja vista que, historicamente, o cavalo é associado à figura masculina. Algumas das reflexões das entrevistas encontram-se dispostas no Quadro 6.

Quadro 6. Percepção da condição de mulher e profissional de equoterapia

<p>Na sua opinião, como é ser mulher profissional de equoterapia? Explicando: se alguém pedir para você descrever como é ser mulher profissional na equoterapia, o que você diz?</p>
<p>Entrevistada 1</p> <p>“Eu acredito que, por mais que tenha tido melhoras com o tempo e vem melhorando o espaço da mulher na sociedade, no mundo equestre, tem que sempre chegar chegando, chegar empoderada, chegar confiante, chegar caminhando forte, chegar com os ombros para cima, chegar com o nariz seguro. Se a gente mostrar fragilidade, já era”.</p> <p>“Eu acho que, com o tempo, o convívio com esses homens que estão no nosso trabalho – zootecnista, veterinário, agrônomo, casqueados, instrutor de equitação – com o tempo vai criando vínculo e eles vão entendendo o nosso trabalho neste lugar. Aí, aos poucos, a gente pode se mostrar, às vezes, frágil, com uma dor de cabeça, com uma cólica, triste por algum motivo, alguma preocupação; caso contrário, mesmo sendo frágil, não é possível mostrar.”</p>
<p>Entrevistada 2</p> <p>“Como ser mulher já seria difícil te responder e como ser mulher profissional de equoterapia terapia é o que eu já te falei, em lidar com as expectativas dos outros sobre nós. Ser mulher e ser julgada, que a gente não entende nada disso e que esse lugar não é para nós. Precisamos lidar com as expectativas e, muitas vezes, rompê-las. É duro ter que ficar provando as coisas quando a gente não precisa provar nada. Lidamos com isso quando vem algum veterinário aqui, por exemplo, a gente encontra uma veterinária mulher, mas a maioria são veterinários homens que nos dão suporte. Esse mundo é quase todo de homens; a gente lida com muitos homens. O ferrador, o veterinário, o rapaz que traz o feno, que traz o que traz o cepilho, outro que mexe com o trator, normalmente, todos nossos prestadores de serviços são homens e a gente lida com isso”.</p>

“Às vezes, a gente está sozinha aqui nesse ambiente, totalmente longe de tudo e se eu tiver que ficar aqui esperando a noite, um caminhão de ferro chegar, muitas vezes, eu vou pedir para algum dos meninos que trabalham com a gente ficar comigo. Eu me sinto insegura”.

“Respondendo a sua pergunta, é lidar com algumas inseguranças, ainda que, por mais que a gente saiba, o nosso lugar não é mais segurança profissional, mas é uma insegurança por ser mulher, que a gente lida num mundo extremamente machista e violento, ainda, muito violento, que não me dá nenhuma segurança de eu ficar aqui sozinha, às vezes esperando um fornecedor trazer alguma coisa aqui, e eu estou aqui no meio do mato sozinha”.

Entrevistada 3

“Acho que eu me sinto, posso dizer, tipo assim, boa o suficiente, que eu também posso. Se homem pode a gente também pode. A gente também dá conta, a gente também faz igual ou até melhor, às vezes.”

Entrevistada 4

“Eu me sinto honrada em trabalhar nesse meio, saber que a gente pode lidar com um animal tão grande e trazer benefícios para tanta gente”.

“E hoje, a gente vê, aqui realmente não tem mais divisão. As mulheres dominaram a parte do esporte. A maioria dos profissionais da equoterapia... a gente vê que são mulheres, pelo menos aqui na região”.

Entrevistada 5

“Ser mulher na equoterapia me faz ver diferente, porque o meu companheiro de serviço, que é o cavalo, ele me ensina muitas coisas do dia a dia. Ele me ensina a amar o próximo, me ensina a respeitar. O cavalo tem uma doutrina muito grande, uma hierarquia. Então, você aprende”.

“Eu me sinto uma mulher diferenciada das demais. Eu vejo riqueza onde muitas não conseguem ver, porque o cavalo me ensinou a ver os pequenos detalhes, aonde é muito rico”.

“A gente, nesse dia a dia, essa questão de tecnologia, né, a gente tá muito presa dentro das telas. Estamos esquecendo desse mundo maravilhoso que a gente tem, de natureza, da família”.

“O cavalo é maravilhoso. A temperatura do cavalo é a mesma do útero materno. Então, você já se sente acolhida ali. Quando você se sente acolhida, você começa a perceber coisas que estão no seu dia a dia, no seu cotidiano e que, às vezes, passa despercebido para a maioria das mulheres”.

Entrevistada 6

“Ainda não é uma profissão que tanta gente conhece de maneira tão clara”.

“Eu vejo que a equoterapia tem uma raiz muito no assistencialismo, naquela criança que não andava, que vinha toda da questão de paralisia cerebral. A equoterapia vem toda mistificada nesse ambiente, nessa moldura”.

“Então, ainda eu vejo que as pessoas, culturalmente, socialmente, ainda trazem muito essa referência de alguém que vem puxando um cavalinho. Coloca aquela criança. Na maioria das vezes, a perninha tem um padrão motor e os bracinhos também[...]”.

“Eu venho no viés contrário. Eu quero sair desse olhar assistencialista de coitadinha. Não, esse é um cavalo e venha esse moleque e essa menina que estão doidos pra sair, pra brincar e vir para essa aventura”.

Entrevistada 7

“É amor mesmo, é por amor, porque, financeiramente, não é uma área que dá muito dinheiro”.

“E se você for pensar a neuropediatria, a neurologia adulta, pelo que me parece, mesmo que nunca tenha lido nada a respeito, me parece que ainda é exercida mais por mulheres. Os homens buscam mais as questões da/o atleta, a questão da osteopatia, da ortopedia e traumatologia”.

“Não que não tenham profissionais homens nessa área, mas pelo que eu observo é um cenário bem feminino. Nessa questão da neurologia, neuropediatria, então, eu me sinto muito confortável e feliz”.

Entrevistada 8

“Ser uma amazona todo santo dia é ter que inovar com as crianças. Acho que você tem que trazer a criança para um mundo de natureza de amazonas, mesmo.

“Igual a minha menina brinca: ‘Ser boiadeira, mamãe!’ Monta no cavalo e vai ser boiadeira”.

Entrevistada 9

“Eu tenho um orgulho imenso de poder estar trabalhando com isso, agora. Sinto a parte profissional completa”.

“Quanto a ser mulher, mãe, esposa... Como isso está me fazendo bem. Então, reflete lá em casa. Eu tenho mais paciência, tipo: uma que chego mais tranquila em casa, porque é um prazer fazer isso [...]”.

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia.

Com base nas narrativas é possível perceber que as entrevistadas 1 e 2 procuram mostrar-se sempre confiantes em seu trabalho, sobretudo junto aos homens com os quais elas se relacionam profissionalmente e, ao mesmo tempo, não anunciar fragilidades para que não sejam julgadas como frágeis ou incapazes na profissão. Para as entrevistadas 3, 4, 5, 7, 8 e 9, é um privilégio ser uma mulher profissional da equoterapia, ou seja, uma satisfação. Ser mulher profissional da equoterapia é, segundo os depoimentos, enfrentar normativas da sociedade patriarcal e desafiá-las, mostrando a mulher bem sucedida, decidida, qualificada e capaz de dominar o animal para os interesses da profissão.

A entrevistada 5 fala de como se sente confortável ao trabalhar na área da neuropediatria e neuro adulto, que, segundo ela, é uma área de trabalho escolhida mais por mulheres. Menciona a relação da equoterapia com o espaço propiciado pelo contato com a natureza e o bem-estar que essa relação proporciona a si mesma e na relação com a família. A mesma entrevistada fala sobre o quanto ela aprende a amar e respeitar o próximo, convivendo com cavalo, como seu companheiro de trabalho. Essa perspectiva é ressaltada por Chevalier (2021) ao compreender a ‘virada

terapêutica' como uma forma de realçar o lado alegre em que os cavalos podem nos tornar mais gentis, mais sensíveis a outros seres humanos e gerar novos comportamentos de viver em sociedade. A autora escreve sobre os desafios metodológicos que levam a novas formas de pensar a biologia e a cultura de maneira entrelaçada para entender o que temos em comum com outras espécies. Nessa direção, talvez possamos compreender as agências, a partir de novas abordagens teóricas e metodológicas, e visualizar os animais não humanos como ativos no processamento dos resultados, bem como entender nossas interações com eles, ultrapassando o simples binarismo sujeito-objeto.

A entrevistada 6 não fala necessariamente da condição de ser mulher na equoterapia, mas centra suas reflexões no papel que ela exerce na profissão que, segundo ela, não chegou no nível de reconhecimento que almeja para a área. Entende que ainda prevalece a visão assistencialista da criança, lida como 'coitadinha'. O que a entrevistada pretende é mudar essa visão romantizada da terapia com cavalos, indo por um viés contrário, que mostre o empoderamento que a terapia com cavalos proporciona a seus/suas praticantes. O estudo de Pereira, Bataglioni e Mazo (2019), com recorte temporal de 1970 a 2000, mostra que foi no início desse período que apareceram os primeiros indícios da equoterapia no Rio Grande do Sul e no Brasil, ligados às iniciativas militares¹⁸.

Dessa forma, representações militares tais como heroicidade, retidão, distinção, confiança, coragem, liderança, disciplina, força, poder e soberania, associadas à prática equestre do hipismo tradicional, são transpostas à equoterapia, em especial por meio da estruturação do ambiente e de conhecimentos e técnicas, como também por meio dos benefícios aos níveis psíquico e emocional proporcionados aos praticantes (Pereira, Bataglioni, Mazo, 2019, p. 889).

Pode-se observar, pelas narrativas apresentadas, que as mulheres se identificam com a profissão escolhida e gostam do trabalho que desenvolvem, mas isso não se dá sem desafios. Elas, percebem, cada uma a sua maneira, pressões relacionadas a constructos histórico-sociais que generificam práticas,

¹⁸ O Exército esteve à frente do projeto inicial da equoterapia em nível nacional e a Brigada Militar foi a entidade pioneira na organização da prática do hipismo no Rio Grande do Sul. As primeiras manifestações da equoterapia, foram nos espaços hípicas e nos espaços das entidades hípicas, participavam grupos militares e civis. (Pereira, Bataglioni, Mazo, 2020).

comportamentos, profissões, associando a relação com cavalos ao masculino. Embora tais questões tenham sido esboçadas anteriormente, houve a necessidade de explorar melhor alguns aspectos, a exemplo dos impactos que elas percebem (ou não) no seu próprio corpo. O Quadro 7 auxilia a pensar nessa problemática.

Quadro 7. Impactos de modelos sociais na construção corporal de mulheres profissionais da equoterapia

A construção do seu corpo como mulher profissional da equoterapia foi impactada por modelos sociais que ditam formas de ser mulher na sociedade (comportamentos, vestimentas, afetos, outros)? Se sim, você gostaria de compartilhar algum fato ou algum exemplo de como isso se deu?

Entrevistada 1

“Eu acho que o impacto vai muito mais de como a gente se sente. Por mais que pareça uma roupa masculina, mas não é”.

“[...] porque a gente anda o dia todo. A calça não dá para ser agarrada, no sentido de ficar bonito, mais feminino”.

“Mas, na minha visão, eu me sinto bem com essas roupas. Se eu tenho que sair daqui para algum outro lugar, alguma outra festa ou num barzinho fazer um happy hour ou tomar um sorvete; se eu tenho possibilidade de ir para casa, tomar um banho porque eu estou com calor, eu vou; senão, vou vestida dessa maneira. E se alguém se incomodar também, eu não me incomodo se a pessoa está se incomodando ou não”.

“Às vezes, estou com a botina cheia de barro. Aí eu bato ou eu tiro o sapato, mas não porque estou incomodada. É para não sujar a casa da pessoa”.

Entrevistada 2

“Se eu quisesse ser uma atleta, esta questão corporal seria bastante julgada, porque eu não tenho um porte físico de uma amazona que vai competir, também em relação à questão de rendimento de performance. A gente é julgada sempre por isso, pelos modelos sociais do que se espera da mulher e a gente não vai terminar os nossos dias limpinhas, nem com a roupa mais adequada”.

“O estilo country, amazonas, ele não cabe no nosso dia a dia, porque precisa ser confortável para poder conseguir trabalhar das 8 da manhã até às 6 da tarde, no sol, num ambiente totalmente rural. Eu preciso de uma bota confortável, preciso de uma calça confortável, preciso de uma blusa com proteção, preciso de chapéu, preciso de acessórios, coisas que, muitas vezes, se olhar, todos juntos, eles não fazem parte de um conjunto estético”.

“Então, não tem o modelo. O modelo é seu. Eu preciso estar bem com meu corpo, para poder saber qual o melhor chapéu que vai ficar na minha cabeça. Eu não vou usar o mesmo da minha colega. Nós somos diferentes uma da outra, porque a gente conhece o nosso corpo, a nossa necessidade”.

“É visível que a gente sai do trabalho suja, descabelada e, muitas vezes, a gente não tem tempo de ir para casa tomar um banho e eu quero ir ao mercado, eu quero ir a um barzinho, quero ir ao restaurante, né. E tem essa questão. A mulher parece que não pode sair suja. Não pode! Quantas vezes a gente saiu e foi direto lá no Mercado. Vamos pensar num lugar ainda bem elitizado. Vamos lá no Mercado toda suja, mas é a botina que está pagando meu champanhe, ela que vai pagar o que eu vou consumir”.

“Fica um holofote! As pessoas olham para a gente porque não é esperado uma mulher... a mulher não pode sair suja, não pode sair descabelada, mas, então, assim a gente acaba atraindo olhares de outra forma. Eu percebo. Mas é óbvio que a gente passa por cima disso e não está nem aí, né, porque a gente sabe do nosso lugar”.

Entrevistada 3

“Na psicologia, a gente tem um padrão de vestimenta, um pouco mais social. Quando a gente, por exemplo, sai para almoçar e a gente não troca o sapato, eu vejo que as pessoas ficam olhando. A gente costuma trazer outro sapato para ir almoçar ou vem com outro sapato e troca para trabalhar”.

Entrevistada 4

“Eu já percebi. Às vezes eu saio daqui e aí eu passo em algum lugar, no mercado, na padaria... Eu percebo o pessoal olhando meio torto, que a gente sempre está de bota, calça suja. A gente senta no chão, encosta no cavalo e suja mesmo. Então, já percebi sim, mas eu não me importo.”

“Eu acho que tem muita relação com a criação. O que a gente leva para a vida é o que a gente aprendeu desde criança”.

Entrevistada 5

“Eu vejo assim, que algumas praticantes meninas, elas me têm como exemplo. Eu gosto do mundo *western*. Então, eu ando de calça jeans, de bota, camisa, blusa com desenhos de cavalos. Isso aqui já é minha rotina.

“Eu vou buscar meus filhos na escola. [...] as crianças já vêm: ‘Olha a tia do cavalo!’ Eu amo como me visto e isso já me tornou uma referência”.

Entrevistada 6

“[...] de como a sociedade coloca essa mulher feminina e que o meu olhar enxergue, talvez um pouco como submissa, também”.

“Então, as vestimentas não são impactadas de uma maneira negativa. Eu acho muito barato e super ‘tiro proveito’ dessas vestimentas, como um negócio mais ‘pegado’, de chegar diferente mesmo e de me colocar de uma maneira”.

“Eu acho que a vestimenta, a maneira de vestir, eu acho que é crescimento. Até me coloca de um jeito mais emponderado, sabe, tipo assim: ‘Cara, não estou para qualquer bobeira!’. Eu adoro lidar com animais enormes e não é qualquer coisa que me impressiona ou constrange.”

Entrevistada 7

“Antes da equoterapia, eu tinha um padrão de me vestir, um padrão de relógio, de anel, de brinco, de cabelo. Lógico que a equoterapia, por ser um estilo mais rústico, digamos assim, eu me vi de meia botina e de brincos pequenos e cabelo preso e suando muito.

“Enfim, impactou, mas também isso não me trouxe desconforto, foi um aprendizado, uma escolha”.

Entrevistada 8

“Eu sempre me vesti *country*, mas, perante a sociedade, a mulher tem que ser mais feminina. Mas a gente é feminina do nosso jeito; com um chapéu, uma bota, a gente consegue também. Então, para mim, está sendo indiferente. Continuo usando a mesma vestimenta, com o mesmo jeito. E estamos, aí”.

Entrevistada 9

“Não me importo com esses padrões de estar arrumada para determinado lugar. Por exemplo, eu saio do treino e vou buscar minha filha na escola. Eu vou de boné. O que me preocupava?: ‘Filha, você acha esquisito a mãe chegar lá, assim, de boné? Não te incomoda? Pronto, o resto não importa’.
“Eu gosto, eu me sinto bem assim”.
“A influência é positiva, porque gosto que as pessoas vejam que eu sou do mundo do cavalo”.

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia.

Todas elas sentem que suas roupas, botas, chapéu e suor estão fora dos padrões sociais da aparência e beleza femininas, conforme historicamente construído. Contudo, oito das nove entrevistadas disseram que isso não as impacta. Elas entendem como falta de respeito e como sinal de submissão as normativas de como se vestir em sociedade. Segundo Adelman (2011), as mulheres do mundo equestre se enxergam mais valentes e ousadas, distantes dos interesses tipicamente femininos. “Seus “segredos”, assim como sua força, formam parte de um novo legado no qual as mulheres – usando mente e corpo e uma boa dose de determinação e persistência – não abrem mão de empreitada nem de aventura nenhuma” (Adelman, p. 94, 2011).

Goellner (2004), ao analisar a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos na virada do século XX, menciona que o esforço físico, o suor excessivo, as emoções fortes, as competições, os músculos delineados, os gestos, a liberdade de movimentos, são entendidos como práticas comuns ao universo da cultura física dos homens. Waitt (2014) complementa essas reflexões ao descrever o corpo como fisiológico, psicológico e sociológico em sua pesquisa acerca da incorporação do suor na prática esportiva de mulheres. O autor descreve situações de constrangimento de mulheres ao perceberem o suor em seus corpos, já que as convenções sociais e as narrativas circulantes traziam a ideia de que os homens suavam e as mulheres brilhavam.

Para a entrevistada 5, esse estilo de calça, bota e blusas com desenho de cavalo a torna referência na escola do filho como ‘a tia do cavalo’. E gosta disso. Para as entrevistadas 8 e 9, esse estilo de roupa também é o preferido delas. Para uma delas, é um prazer as pessoas identificarem que ela está ligada ao cavalo, por meio das suas vestimentas. Sanada a preocupação de como a filha a percebe, ou se o

estilo de vestimenta a constrange no momento em que a busca na escola, nada mais a incomoda. Em síntese, as entrevistas entendem que seus corpos foram impactados por elementos caracterizadores da profissão, pois precisam usar botas, calças, chapéus, bonés em seu cotidiano para que possam se relacionar adequadamente com o cavalo e nem sempre estão cheirosas ou penteadas. O suor, a bota suja, fazem parte desse corpo que atua com a equoterapia. Apesar disso, veem esse estilo de ser mulher e de sua caracterização corporal como formas de resistência aos padrões impostos. O Quadro 8 acrescenta reflexões acerca da relação de seus corpos (humanos) com os corpos não humanos (cavalos).

Quadro 8. Relação entre mulheres profissionais de equoterapia e corpos não humanos

<p>Como se construiu a relação entre você (mulher profissional de equoterapia) com corpos não humanos (cavalos), e como essa relação ajuda você a entender o que é ser mulher na sociedade? Gostaria de compartilhar como você entende essa relação?</p>
<p>Entrevistada 1</p> <p>“Acho que a relação é direta e espetacular, porque quando a gente olha esse bicho enorme lindo, forte, na hora que você monta nele, ou na hora que você consegue dar um banho nele e ele ainda está em suas mãos; na hora que você consegue caminhar ao lado dele no cabresto e ele ainda está nas suas mãos; na hora que você está levando-o para baia tirando o cabresto e ele ficando, deitando na grama do seu lado ... e o que ele faz. Isso tudo são relações construídas que te dão um grande empoderamento como mulher, como pessoa”. “Estar perto desse bicho que é tão grande, mas tão frágil, é tão grande, mas tão sensível e que capta as nossas fragilidades, capta nossa sensibilidade porque ele também é assim”. “Então, a relação com o bicho traz a nossa constituição como sujeito. Não tenha dúvida”. “Ao mesmo tempo que ele é forte, ele também mostra os medos. Ele é um bicho que é presa dentro da hierarquia de animais. Ele não é predador”. “Quantas vezes a gente chega aqui triste e começa a se envolver com ele e, de repente, você está forte de novo. Acho um privilégio, uma alegria, grande emoção estar perto desse bicho, porque ele traz a fortaleza que a gente é como mulher”.</p>
<p>Entrevistada 2</p> <p>“Essa pergunta, a relação com o cavalo, é mais fácil do que muitas vezes com o humano, porque ele realmente aceita a gente sem nenhum tipo de julgamento, assim como os animais em geral”. “Assim, para ele confiar na gente, eu tenho que me comportar, claro, de uma maneira gentil, uma maneira que eu não demonstro para ele nenhum tipo de agressividade. Eu como sendo a predadora e ele como o predado, eu tenho que me comportar dessa maneira para que ele possa sentir confiança”. “Mas, de restante, eu não preciso me preocupar de como eu estou vestida, ou de como eu estou falando, ou de como eu me sento, de como eu amarro meu cabelo, ou de como eu me visto”. “Eu tenho que me preocupar com o meu comportamento em ser gentil, que é o que eu espero que, na sociedade, a gente possa um dia se preocupar quando se aproximar de</p>

alguém, ter apenas as relações afetivas, gentis de troca, e não me preocupar em pensar como que eu vou me vestir. Para falar com alguém, eu tenho que pensar, como eu vou falar, o que eu vou falar, como eu vou me colocar”.

Entrevistada 3

“E aí eu entrei aqui e eu vejo que consigo ter uma proximidade com o cavalo, entender hoje os comportamentos dele e vejo quanto ajuda as pessoas, crianças. Como mulher, me sinto capaz. Não me sinto inferior”.

Entrevistada 4

“É trabalhando com eles que eu sou muito grata a tudo que o cavalo proporciona”.

“É muito legal, às vezes, as pessoas reconhecerem nosso trabalho com cavalo”.

“Eu acho que a grandeza é que a gente observa, todos os dias, os resultados. A vivência com criança especial traz para a gente uma segurança e uma gratidão sem fim”.

“Eu acredito que a mulher, ela pode ser o que ela quiser; a mulher está no meio do agro, no meio do esporte; a mulher está fazendo o quer”.

Entrevistada 5

“O cavalo, ele dá isso muito para você; essa força, essa coragem. Isso você leva do seu serviço para o mundo, para a sociedade”.

“Então, hoje eu me sinto uma mulher mais empoderada, que sabe o que quer, que sabe respeitar os limites das pessoas, mas também sabe colocar os seus limites”.

Entrevistada 6

“Talvez o que eu fale não tenha algo específico com relação à mulher e talvez por não enxergar essa distinção de uma maneira tão significativa. Para mim, é uma distinção muito natural do processo – sou mulher e existem homens; existe uma anatomia que faz com que algumas diferenças aconteçam”.

“Mas tem algo que essa relação com corpos não humanos me trouxe e eu descobri na vivência, na relação com o cavalo em especial, e não tem nada que a gente possa determinar. Por exemplo: eu posso utilizar um determinado cavalo com uma determinada criança, mas pode ser que, naquele momento ali, ele não esteja bem, por algo que ele viveu ou ele sentiu. Ele não está bem. Então, não tem como chegar naquele animal e fazer com que ele se comporte dessa forma, ou agora vai responder desse jeito. Eu não acredito em algo que venha a treinar o animal através da força, da dor, da índole dele. Isso me ensinou muito, na relação de confiança e ainda que se aquele animal não esteja bem, eu permita ele sentir isso”.

“Essa relação com o animal é uma conquista e respeito. Isso é muito positivo que o cavalo me ensinou”.

Entrevistada 7

“[...] nossa! É uma delícia essa conexão, porque a linguagem com o cavalo é uma linguagem de expressões corporais”.

Então, por mais grandioso que ele seja, por mais robusto que ele seja, um animal que se quiser, pode acabar comigo, virando o pé e me dando coice, tudo mais”.

“Aí cai na questão: Quem é o cavalo no seu contexto etológico, no seu habitat natural? “Ele é a presa e eu sou a predadora, mesmo eu sendo mulher. O ser humano é o predador e lidando com um animal presa. Ele tem mais medo de mim do que eu dele”.

“Então, o fato de ele aceitar um ser humano, seja homem ou mulher, está completamente relacionado às atitudes que nós temos com ele”.

Entrevistada 8

“Então parece que ele entende a gente e a gente o entende”.
“O dia que a gente está para baixo, o bichinho vem, chega perto e vai querendo carinho; vai chamando a atenção e ele vai conquistando”.
“Eu acho que é um animal muito sensível, que a gente consegue passar para ele o que a gente está sentindo e ele passa também alguma coisa para nós”.

Entrevistada 9

“O cavalo entrou na minha vida numa fase bem complicada, que eu estava passando uma situação muito difícil. E o cavalo veio para me ajudar com várias dificuldades e questões psicológicas, que eu tive de insegurança, de medo”.
“Então, assim, eu fui trabalhando tudo isso, enquanto eu fui montando a cavalo”.
“Tudo isso é confiança, é determinação, é disfarçar o medo, manter o equilíbrio, porque tudo isso ele sente”.
“Sou extremamente grata, extremamente grata, a autoconfiança que um bicho daquele tamanho permitiu eu dividir com ele, às vezes, as emoções, que não era tão positivas, mas ele me entendeu e me permitiu montar”.
“Então, eu sou extremamente grata pela autoconfiança que ele me deu”.

Fonte: Produzido pela autora a partir das entrevistas com profissionais da equoterapia.

Para a maior parte das profissionais da equoterapia, a relação com o cavalo é especial, pois se trata de um animal de grande porte, forte e que, ao mesmo tempo, é dócil, sensível e permite ser conduzido, seja na montaria ou no próprio manejo com ele. O convívio com esse animal, mesmo sendo bem mais forte que elas, permite ser domado, aquele que respeita e proporciona a elas vivenciarem sentimentos de autoestima e autoconfiança. Isso se reflete em sua constituição identitária e transcende o ambiente da equoterapia. Elas levam para sua vida em sociedade e se empoderam.

Adelman (2020) trata da contribuição do animal nos momentos em que o cavalo e a cavaleira se juntam, mesmo que temporariamente, numa fuga das dificuldades que a mulher encontra ao querer se libertar de formas hegemônicas de ‘ser mulher’. As mulheres envolvidas no mundo equestre “[..] tornam-se exemplares de novas formas de construção identitária/subjectiva, desbravando caminhos num terreno onde ainda prevalecem o preconceito e noções objetificadas e domesticadas de “ser mulher” (Adelman, p. 951, 2011). Como sugerem Tan e Simmonds (2018), a melhoria da autoestima, da autoconfiança, do empoderamento, dos sentimentos de liberdade, de independência e de competência são efeitos psicossociais da equoterapia.

Para duas entrevistadas, o cavalo não faz distinção quanto a ser mulher ou ser homem e, sim, se você representa segurança ou perigo para ele. Os estudos etiológicos mostram que, no seu habitat natural, ele é a presa. A relação entre ele e o

ser humano ocorre por meio da linguagem corporal. Para Smith, Proops, Grounds, Wathan, & McComb (2016), os cavalos podem reconhecer emoções humanas e responder de forma intencional. Isso foi demonstrado em um estudo feito pelos autores que contou com a participação de 10 mulheres adultas e 45 cavalos, dentre as quais duas mulheres eram posicionadas a cinco metros de frente a dois cavalos; uma mulher adotava uma postura dominante e a outra uma postura submissa e os cavalos eram livres para se aproximar de qualquer uma das duas. Os cavalos preferiram significativamente abordar a postura submissa, demonstrando a capacidade dos cavalos de discriminar espontaneamente as posturas do corpo humano.

Para a entrevistada 2, muitas vezes, é mais fácil se relacionar com o cavalo do que com o humano, porque ele realmente aceita esse convívio, sem nenhum tipo de julgamento, a saber: de como está vestida, como fala, como se senta ou até como está o cabelo, se preso ou solto. Ela espera que um dia, na sociedade, também possa ser assim e que, quando se aproximar de alguém, o foco seja apenas nas relações afetivas e não na sua roupa. No estudo de Adelman (2011), amazonas do mundo do salto (hipismo), entrevistadas por ela, falaram acerca da necessidade de não se preocuparem com as formas corporais, nem com o policiamento dos corpos dentro dos 'padrões da mulher desejável'.

E, finalmente, todas as minhas informantes, de alguma maneira, falaram não só de sua paixão pelos cavalos e do mundo equestre, mas exprimiram também a convicção de que suas atividades equestres colocaram-nas numa 'outra categoria' afastada de construções convencionais de feminilidade. Elas se enxergavam como mais valentes e ousadas, ou ainda, mais afastadas do cotidiano banalizado de interesses 'tipicamente femininos' (Adelman, p.941, 2011).

Como vimos no estudo de Smith, Proops, Grounds, Wathan, & McComb (2016), os cavalos podem reconhecer emoções humanas por meio da postura corporal. A maior parte das entrevistadas considera que o cavalo é capaz de perceber as suas fragilidades, medos. Se estão tristes, tudo é refletido por meio da linguagem corporal, de suas posturas e expressões corporais. O mesmo acontece com a percepção do cavalo ao comportamento da mulher em relação a ele. Se ela se comporta de uma maneira gentil, de maneira que não demonstre para ele nenhum tipo de agressividade,

de perigo, como predadora, há possibilidades para construir com ele uma relação de confiança e proximidade.

3.3 Movimentos corporificados de mulheres da equoterapia

Para a análise das experiências incorporadas das mulheres profissionais da equoterapia foi preciso uma compreensão multidimensional dos corpos em movimento, com métodos de reflexão acerca de suas práticas. As questões norteadoras das entrevistas exploraram os movimentos corporificados das profissionais, os quais foram aprimorados com as experiências reunidas em suas práticas ao longo do tempo. A metodologia de pesquisa, que foca na corporeidade, na reflexividade do movimento corporificado, possibilita compreender como esses corpos, parafraseando Silk, Andrews e Thorpe (2018), estão organizados e representados frente às operações de poder social.

A incorporação de experiências transformadoras ocorre por meio do envolvimento corporal com as múltiplas formas de interagir e interpretar o movimento praticado. O artigo de Marques, Sá e Lara (2023) apresenta o conceito *embodiment* como aquele que é usado frequentemente por pesquisadores/as do PCS para traduzir as experiências incorporadas nas manifestações da cultura física, consideradas mediante as relações de poder. As práticas e as experiências *embodied* sinalizam para perspectivas engajadas, orientadas por uma concepção holística do ser e pela autorreflexividade como parte de um agir consciente e responsável socialmente.

No artigo *Advancing feminist innovation in sport studies: a transdisciplinary dialogue on gender, health and wellbeing*, Thorpe *et al.* (2023) consideram o feminismo importante não apenas para empoderar as mulheres, mas também como nova formas de conhecer o mundo e compreender os pressupostos do gênero como compromisso pedagógico para discernir e desafiar estruturas e relações de poder. Tanto as lutas diárias/cotidianas, quanto as organizações feministas e as pesquisas têm contribuído para empoderar mulheres. “As investigadoras feministas têm lutado para descobrir como mudar as atuais categorias binárias estreitas e restritivas de gênero e as desigualdades sociais nelas incorporadas” (Coffe, 2019, p.5, tradução nossa).

Thorpe (2011) sugere o diálogo da teoria social com o pensamento cultural em múltiplas perspectivas investigativas, ao invés de tentarmos enquadrar nossos dados em uma teoria. A mesma autora motiva as estudiosas críticas do esporte e da cultura física a 'brincarem' com os conceitos teóricos, "empurrando, puxando e ampliando teorias e conceitos". Ela inspira outras estudiosas a se envolverem com teoria e metodologia PCS, por ser uma abordagem que congrega o viver, o suar, o respirar e ampliar a teoria social (Pringle & Thorpe, 2017). Várias feministas envolveram-se criticamente com a teorização do corpo e dos métodos corporificados e produziram contribuições importantes com pesquisas reflexivas em contextos da cultura física

Para Fullagar (Thorpe *et al.*, 2023), as orientações feministas e sociológicas de saúde e bem-estar das atletas ajudam a compreender como as categorias de gênero (mulheres, homens, não-binários, intersexuais, transgêneros e assim por diante), são produzidas e incorporadas em um contexto histórico e cultural, equitativo, de saúde e bem-estar, considerado em suas relações de poder na sociedade patriarcal. Para Francombe, qualquer leitura da nova ordem feminina deve reconhecer a centralidade do corpo numa sociedade patriarcal que define de forma restrita o ideal" (Francombe 2014, p. 587, tradução nossa).

No estudo de Fullagar *et al.* (2019) foram exploradas possibilidades de fortes impactos na cultura física que moldam a incorporação de gênero e as práticas de movimento, no emaranhado "[...] de classe, sexualidade, etnia/raça, deficiência, idade, cultura, religião com espaços humanos e mais que humanos, contextos institucionais e formas de aprendizagem incorporada" (Fullagar, *et al.*, 2019, p. 2, tradução nossa). A intervenção feminista na cultura física amplia as possibilidades de novas políticas de multiplicidade que rompem com o pensamento dualista (masculino/feminino, mente/corpo, razão/emoção, cultura/natureza, trabalho/lazer, pedagogo/aluno, entre outras.) e propiciam articulações criativas em vez de conceitos que limitam a diferença de gênero.

A intersecção entre as feministas e o PCS oferece para a pesquisa possibilidades de investigar políticas de gênero e experiências incorporadas na cultura física, haja vista que o corpo¹⁹ é o objeto central de estudos nos quais são

¹⁹ No campo da Antropologia Social, Marcel Mauss (1950, p.407) já ressaltava a importância do corpo e de suas técnicas: "[...] o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais

investigados os significados atribuídos a ele nas práticas culturais. O feminismo agrega ao PCS muitos dos seus princípios e o diálogo entre os dois, permite pesquisas criativas, críticas, reflexivas e corporificadas. Na coletânea de Fullagar *et al.* (2021) foram explorados temas e debates nas culturas físicas com a contribuição das intervenções teóricas e metodológicas feministas para compreender as relações de poder implicadas no movimento incorporado. Explorar as experiências vividas pelas profissionais de equoterapia, por meio de seus corpos, é uma forma de entender a incorporação do gênero.

No artigo de Thorp *et al.* (2023) explica Fullagar que a abordagem de gênero pode fornecer perspectivas além de uma variável social ou biológica, ela utiliza o termo corporificação de gênero ao invés de categorias sexo/feminino, pois a incorporação de gênero identifica como os corpos sexuados são constituídos pela biologia e pela cultura de formas históricas, que ultrapassam a compreensão historicamente normalizada. Nessa perspectiva, o corpo revela o tempo e a cultura nos quais fora educado e mostra diferentes rituais e simbologias que estão nele impressos.

Abordagens feministas materialistas do corpo reconhecem a importância do afeto, da sensação e de sua capacidade de incorporação, que mostram a força que o corpo tem e sua centralidade nas relações do cotidiano (Fullagar *et al.*, 2021). Baseando-se no novo pensamento feminista materialista, Julia Coffey (2019) oferece uma abordagem crítica-criativa à escrita, com base no afeto. Ela defende como mais importante os 'fragmentos' das contradições nas histórias de mulheres, em vez de privilegiar a coerência narrativa. O artigo de Coffey estuda a potência do feminismo por meio de um olhar amplo, que torna possível imaginar o corpo de outras maneiras.

No estudo de Francombe (2014) foram exploradas as práticas e experiências de lazer vividas por um grupo de meninas na gestão dos seus corpos. A autora fala do significado dado ao corpo junto às práticas de consumo, em que as experiências do corpo são articuladas às formas de como esse corpo deve ser e se vestir. Francombe reconhece que a estética do vestuário, para as mulheres, pode ser estudada como um trabalho corporal que tem relação com contextos sociocultural e

exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo”.

sócio-histórico. O sistema de significados, explica Hall (1977), possibilita ao ser humano interpretar e dar sentido às suas ações, como também orienta e/ou regula suas relações com outras pessoas. Para o mesmo autor, toda ação social tem relação cultural e as práticas sociais expressam significados que foram culturalmente construídos, podendo dizer que são práticas de significados.

As transcrições das entrevistas com as profissionais de equoterapia foram lidas minuciosamente para reconhecer e interpretar as experiências das mulheres na forma como o corpo é mediado e vivido por elas no trabalho da equoterapia. As questões norteadoras das entrevistas fizeram com que elas refletissem acerca da construção de seus corpos como mulheres profissionais da equoterapia, bem como se suas histórias de vida influenciaram na escolha da profissão ou, até mesmo, se seus corpos foram (ou são) impactados por modelos sociais que ditam formas de ser mulher na sociedade (comportamentos, vestimentas, afetos, outros).

Ao centrar nas experiências vividas pelas profissionais de equoterapia e na gestão dos seus corpos, pude verificar os impactos sentidos por elas devido aos modelos sociais que ditam formas de se vestir e definem a estética do ser mulher. Os estilos de roupas usados por elas foram citados como: *western*, *country* e rústico. Esses estilos dão a elas o conforto necessário, pois contemplam: calças que não apertam; blusas que protegem do sol; botinas apropriadas para andarem na terra; bonés e chapéus para proteger seus rostos do sol; cabelos presos e brincos pequenos. Elas entendem que não são estilos de roupas, sapatos e acessórios que são aceitos como modelos sociais de estética das mulheres. Isso é percebido, notadamente, no momento em que saem do trabalho vestidas nesses estilos e frequentam estabelecimentos como mercado, padaria, barzinho, restaurante e escola dos filhos. Isso pode ser visto no Quadro 7, nas respostas das entrevistas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8 e 9.

As narrativas das profissionais (Quadro 7) evidenciam suas próprias percepções acerca do fato de não se encontrarem nos padrões aceitos pelos modelos sociais normativos que atribuem à mulher determinadas formas de vestimenta e comportamento. Isso pode ser visto, especialmente, na narrativa da entrevistada 2, no momento em que fala que se sente como se tivesse um holofote que a iluminasse quando passa nos lugares depois do trabalho. Informa que as pessoas ficam olhando

para ela porque está com a roupa suja e o cabelo desarrumado. Também houve outras respostas no mesmo sentido, como observado na entrevistada 3 (Quadro 7) ao notar olhares de pessoas para ela ou, como registra a entrevistada 4, ao notar o olhar meio torto para a forma como ela se veste. Na análise das entrevistas do Quadro 7, com exceção da entrevista 5, todas percebem que existe um olhar de estranhamento e, quiçá, repulsa.

Para Francombe (2014), as mulheres, cada vez mais jovens, são alvos de uma cultura de consumo excessivo e da mercantilização do 'eu'. Para a mesma autora “[...] o vestuário funciona como um marcador consumível de uma feminilidade ‘apropriada’ e desejável” (Francombe, 2014, p.591, tradução nossa). Isto faz parte do discurso de “[...] normativas sociais de como as mulheres devem se vestir”. No trabalho de Waitt (2014), destacam-se as tensões da experiência espacial do suor e explicitam-se como os corpos suados apresentam sistemas sociais amplos. Waitt entende que enquanto os homens podem suar sem perder nada da identidade masculina, as mulheres que não estão cheirosas ou estão suadas se afastam da mulher ideal. Em complemento, observa que esse discurso sexista contribuiu para fortalecer o binarismo homem/mulher.

Savvides (2011) lembra a obra de Dorré – ‘Cavalos e espartilhos: beleza negra, reforma do vestuário e a moda da mulher vitoriana’ – a qual expõe algumas condições dos cavalos que se pareciam com as das mulheres em relação à dominação física. As mulheres, na ‘moda’ feminina, eram fisicamente restritas com o uso dos espartilhos, enquanto os cavalos usavam a rédea de rolamento que restringia o movimento da cabeça, o que causa muitos problemas físicos e até menos tempo de vida. Savvides oferece análise dessa condição que afetava os corpos equinos e femininos: “[...] a carne transbordante das mulheres, análoga à rebelião potencial, foi controlada por espartilhos apertados, assim como o potencial selvagem do cavalo foi suprimido por tiras de couro e anéis de aço” (Savvides., 2011, p. 63, tradução nossa).

Na análise das experiências incorporadas pelas mulheres e de suas narrativas foi possível compreender as maneiras pelas quais elas (re)constroem suas subjetividades ao aderirem a práticas que acolhem ou que resistem ao discurso de poder dominante. As profissionais da equoterapia entrevistadas apresentam práticas de resistência às culturas da estética que impõe como as mulheres devem se vestir.

Para as profissionais, o importante é estarem confortáveis para aquele tipo de trabalho, vestidas com roupas apropriadas, como botas, chapéus, bonés, além de manterem os cabelos presos, o que se distancia daquilo que é legitimado como regular, verdadeiro e hegemônico. Elas se colocam de uma forma empoderada por não se importarem com o jeito que as pessoas olham para elas, com suas roupas e bota (às vezes, sujas de terra; noutras, suadas). Pelo contrário, reconhecem nessa estética da profissão outra forma de ser mulher.

Adelman e Chevalier (2021) expõem suas experiências com cavalos e o forte relacionamento físico e sensorial decorrente dessa relação. Mencionam também a unidade que mantêm com os animais ao cavalgarem 'pela' natureza ou 'na' natureza. As autoras também descrevem a "[...] mobilidade aprimorada que o cavalo proporciona através das emoções e percepções que criamos com eles e através deles podemos 'ir a lugares' que de outra forma seriam impossíveis" (Adelma; Chevalier, 2021, p. 81, tradução nossa). As mesmas autoras referem-se ao cavalo "[...] como um mediador mais poderoso que podíamos ter, não apenas para a 'natureza', mas para a nossa própria natureza animal 'perdida' (Adelman; Chevalier, 2021, p.81, tradução nossa).

No artigo de Fullagar *et al.* (2024) foram exploradas as pedagogias afetivas de aprendizagem entre cavalo-humano em um programa assistido por equinos, realizado com jovens marginalizados que são alunos de uma escola na Austrália. O mesmo artigo tinha como objetivo compreender a pedagogia do afeto na terapia assistida com equinos, analisando o afeto incorporado pelos jovens e o que o sentimento e a sensação incorporados podem fazer, em vez de noções individualizadas de emoção.

No mesmo estudo, a nova abordagem da pedagogia afetiva de aprendizagem incorporada cavalo-humano permitiu mudanças no pensar-sentir-fazer dos alunos ao vivenciarem diferentes afetos e emoções, como a admiração, o medo, a confiança e o respeito. Assim, a partir dessa linha de questionamento sobre os sentimentos e as capacidades de ação que a interação cavalo-humano proporciona, foi verificado que a mudança aconteceu não só de maneira individual, mas que as relações afetivas cavalo-humano se estenderam para outros contextos de aprendizagem e vida cotidiana dos meninos (Fullagar *et al.*, 2024).

Ao analisar as experiências narradas pelas profissionais usando a nova abordagem da pedagogia afetiva de aprendizagem incorporada foram identificadas, nas narrativas das profissionais de equoterapia, algumas relações afetivas cavalo-humano construídas entre elas e corpos não humanos. A aprendizagem afetiva foi incorporada e moldada pelas mulheres por meio de arranjos particulares de cada uma. As respostas emocionais foram trazidas por todas as entrevistadas, as quais, comumente, expressaram: gratidão, força, coragem, respeito, autoconfiança, amor e paixão pelos cavalos.

A aprendizagem afetiva cavalo-mulher, permitiu mudanças não só individuais, mas também em outros contextos de suas vidas cotidianas. Podemos ver isso no Quadro 8, com a entrevistada 2, ao relatar que a relação com o cavalo é mais fácil do que, muitas vezes, com o humano. Para o cavalo confiar no humano é necessário se comportar, claro, de uma maneira gentil, uma maneira que eu não demonstre para o animal nenhum tipo de agressividade. Isso é o que a entrevistada 2 espera, ou seja, que, na sociedade, as pessoas possam se preocupar quando se aproximarem de alguém e ter apenas relações afetivas e gentis como resposta.

No estudo de Fullagar *et al.* (2024), as mudanças dos jovens no pensar-sentir-fazer, adquiridos pela aprendizagem incorporada, teve relação com o tamanho e a força do cavalo, que representava perigo para eles, mas que o que eles aprenderam na sintonia com o cavalo, por meio dos sentidos (como o tato, o movimento, a visão e o olfato), é que são afetuosos e potentes para estimular a autoconfiança dos meninos. O mesmo foi observado nas narrativas das profissionais, no Quadro 8 (entrevistadas 1, 2, 3, 4 5, 6, 7, 8 e 9) ao descreverem essa relação de tamanho e força do cavalo, que são muito mais fortes do que elas e, ao mesmo tempo, serem sensíveis a ponto de entenderem o que estão sentindo; se permite se tocado; andar ao seu lado; fazer a troca de generosidade; respeitar os limites; não julgar pela aparência; ter uma conexão corporal.

Segundo Savvides (2011), a relação mulher-cavalo nasce de uma conexão simbólica mulher-animal, que parte de uma separação dualística entre 'natureza/emoção' feminizada e 'ciência/ racionalidade' masculinizada, em que as emoções envolvem qualidades ou expressam necessidades do tipo compartilhadas com os animais, como seres inferiores e não verdadeiramente humanos. Savvides

(2011) comenta acerca da obra de Plumwool, intitulada 'Environmental culture, the ecological crisis of reason' que expõe a relação mulher-animal como associada ao dualismo, na oposição entre os domínios público (masculino) e privado (feminino), que representa a exclusão de mulheres e animais da sociedade masculinizada.

Na pesquisa de Fullagar (*et al.* 2024), “[...] os jovens navegaram com sucesso por sentimentos incorporados de estresse e incerteza para superar seus medos em relação aos cavalos e fazer algo novo.” A superação dos medos iniciais do cavalo pode ter contribuído com o avanço da confiança desses jovens (Fullagar *et al.*, 2024). O mesmo foi observado na narrativa da entrevistada 1 (Quadro 8) quando ela fala de sua emoção e empoderamento como mulher na relação com o animal que é lindo, forte, que deixa montar nele, dar banho, caminhar e se deitar na grama ao seu lado.

Savvides (2011) comenta que os estatutos das mulheres e dos animais eram considerados semelhantes, algo que a autora denomina como necessidade natural de liberdade. Para ela, encontrar essa ‘liberdade’ da relação mulher-animal pode servir como produto da ligação mulher-cavalo em particular, que age como força libertadora e fortalecedora a partir de uma perspectiva política, social e pessoal. Os cavalos são seres sociais e culturais, assim como nós, e também passou a ser objeto de estudo. “A relação com um animal domesticado tem sido uma parte fundamental da construção humana do social e do cultural durante milhares de anos” (Adelman e Chevalier, 2021, p.81).

Há, segundo Savvides (2011), uma ligação simbólica entre mulheres e cavalos, com significado evidente, no sentido de que as mulheres são vistas como seres de natureza ‘sensível’ e os cavalos, na natureza, são a presa. Isso pode possibilitar uma conexão entre eles. Mas a mesma autora alerta para que os pressupostos de sentimentos romantizados na relação mulheres e cavalos não seja a única maneira de compreender essa relação, pois não contribui com uma análise complexa e completa do tema.

Ao incursionar pela relação mulheres e cavalos por meio da literatura acessada e da empiria a partir de narrativas das profissionais de equoterapia foi possível constatar que a mulher, ao longo do tempo, vem conquistando seu espaço nas atividades equestres. Apesar disso, há inúmeras barreiras a serem vencidas, sobretudo pelo fato de que o cavalo, há muito tempo, é relacionado ao mundo

masculino e as mulheres sentem os impactos do poder patriarcal que recai sobre elas. Apesar de identificarem pressões sociais relacionadas a normativas do feminino, as mulheres entrevistadas revelaram incorporações positivas nas suas práticas, como a autoconfiança e a autoestima, que as tornam empoderadas e capazes de resistir aos preconceitos sociais que elas enfrentam. Entender essas relações de poder é, certamente, um dos mecanismos de resistência e reivindicação.

3.4 Mulheres, cavalos e as relações de poder que as impactam

Após centrar esforços nas experiências corporificadas das mulheres profissionais de equoterapia passo a refletir acerca das experiências vividas por elas em meio às relações de poder que operam através de seus corpos. Ao conectar-me com as mulheres profissionais da equoterapia por meio de suas narrativas foi possível compartilhar os desafios, bem como as negociações que acontecem nesse espaço em relação às operações de poder que as impactam. Como profissional e acadêmica, procuro contribuir com o conhecimento da formação humanista que possa ajudar a diminuir o preconceito, a exclusão e a desigualdade social em espaços ocupados por mulheres, como o da equoterapia.

O histórico de dominação masculina foi constituído pelos nossos antecessores e pode ser observado, ainda, nos dias de hoje. O patriarcado pode ser identificado, sobretudo, pela diferença de possibilidades, liberdades e papéis sociais associados a homens e a mulheres, sendo as últimas privadas de seu protagonismo social e escolhas. Como pude identificar na pesquisa o meio equestre apresenta estereótipos²⁰ com discurso dominante masculino, algo que impacta na participação das mulheres nesse meio, uma vez que os desafios da profissão são intensificados, inclusive, para além da profissão.

Para a escritora nigeriana Adichie (2019), falar em história única é perigoso e torna a história incompleta. Para a mesma escritora, falar em história única é falar de poder, quer dizer, contar a história do/a outro/a e ainda fazer com que essa seja a história definitiva de alguém é demarcar a hierarquia que coloca alguém como maior

²⁰ Para se aprofundar no tema, indico a tese de doutorado intitulada *Efeitos da ameaça do estereótipo de gênero na aprendizagem de habilidades motoras* (Cardozo, 2018), nos quais os achados da pesquisa fornecem evidências de que os estereótipos socialmente construídos alteram a forma como os indivíduos aprendem e desempenham habilidades motoras.

que outro/a. Tal ideia pode ser percebida com o desdobramento da pesquisa com mulheres profissionais da equoterapia, haja vista que a relação entre homens e cavalos foi construída por meio de uma história única com estereótipos que impactam até hoje os corpos das mulheres profissionais da equoterapia. Os impactos podem ser percebidos por meio das roupas que elas vestem (aparência atribuída ao masculino), na maneira como elas se comportam, na ocupação de espaços tradicionalmente masculinos, entre outros.

As narrativas dogmáticas e hegemônicas do cristianismo dominaram por muito tempo o ocidente e as sociedades colonizadas pelos europeus absorveram a ideia de submissão da mulher, cuja divisão do trabalho entre homens e mulheres baseava-se nas diferenças biológicas (Araújo, 2022). Entendo que, hoje, muitas coisas já estão diferentes, haja vista que as mulheres conquistaram muitos espaços que antes não eram permitidos a elas. Contudo, vale ressaltar que, com o desdobramento da pesquisa, pude perceber que no meio equestre ainda figura parte do pensamento patriarcal historicamente disseminado. Como observa Araújo (2022, p.5): “O pensamento patriarcal é construído de tal modo em nossos processos mentais, que não podemos excluí-lo se não o conhecermos”.

Pude constatar nas narrativas das profissionais de equoterapia que as diferenças hormonais e particularidades do universo feminino, como tensão pré-menstrual, cólicas e fluxo menstrual, podem até dificultar o trabalho com a equoterapia pelo fato de elas precisarem andar muito, como visto no Quadro 2, nas narrativas das entrevistadas 2 e 9. Como relatado, essa é uma questão corporal que só existe para as mulheres e não para os homens. Mas vale ressaltar que em nenhum momento elas disseram que essa particularidade as torna impossibilitadas para o exercício da profissão.

A pesquisa possibilitou-me verificar que as mulheres estão construindo sua própria história no mundo equestre e, com isso, evitam que se construa, para elas, uma história única. Ainda assim, na análise das entrevistadas, pude constatar que relações de poder existentes entre homens e mulheres, com dominação histórica dos primeiros sobre as segundas, estão presentes nas narrativas das entrevistadas, como visto nos Quadros 2 e 3. A entrevistada 1(Quadro 2), por exemplo, afirma que as dificuldades são eternas por ser a relação humano-animal construída num ambiente

muito machista. A entrevistada 7 (Quadro 3) relata a questão histórica e cultural do homem, que foi o primeiro a acessar o cavalo para ajudar na agricultura, entre outros, informando que esse fato impacta sobretudo na sensação de que os homens estão sempre olhando para ela com deboche, parecendo reivindicar um lugar que seria deles.

O movimento feminista ganha seus contornos no século XIX, com os questionamentos das mulheres em relação aos sistemas de dominação e hierarquização do poder. Assim, aos poucos, elas foram conquistando liberdade e novos espaços para se reconhecerem como sujeito e mulher. Segundo Martins (2015, p.240), à medida que “a racionalidade torna-se um critério para a definição do humano, a subjetividade passa a integrar o núcleo do conhecimento e da produção da verdade”. No entanto, os novos conceitos de identidade e indivíduo contribuíram para realocar o corpo no pensamento social como potente em ação nas relações sociais, considerado até mais amplo que a fala. Assim, vejo o quanto é importante olhar para o corpo feminino pela lente do contexto sócio-histórico e identificar as relações de poder que impactam as mulheres profissionais de equoterapia. Portanto, existe a necessidade de romper com os padrões de ‘colonialidade do poder’ (Quijano, 2000) que foram herdados e normalizados na sociedade.

O corpo passa a emergir “[...] como lugar de centralidade nas questões de gênero contemporâneas, fazendo com que voltemos às questões do sexo, agora igualmente culturalizado e desnaturalizado” (Martins, 2015, p.240). Dito de outra forma, o gênero foi separado do sexo e passou a ser abordado com uma definição cultural que passa, a partir de então, refletir acerca do que é ser mulher, ser homem, entre outras construções identitárias. O corpo ganha destaque – novo lugar – nos estudos de gênero e reverbera materialidades diversas possíveis no ser e existir socialmente.

O sujeito mudou de lugar, assim como o corpo passou a ocupar um lugar central nas relações sociais e, junto a essa nova localidade, recebeu novos significados. Com a atenção dada ao corpo foi possível o desenvolvimento de estudos que ajudaram a compreender e explicar as relações de poder que afetam o corpo. Na análise das narrativas das profissionais da equoterapia foi possível identificar as

relações de poder que impactam os corpos das mulheres profissionais da equoterapia e como elas enfrentam os desafios cotidianos.

Pretendo, com essas reflexões, trazer elementos para pensar as estruturas e relações de poder que privilegiam algumas formas de ser e conhecer em detrimento de outras, com especial recorte para o meio equestre. Nesse percurso, qual seja, de refletir acerca das relações de poder, torna-se fundamental explorar os marcadores sociais de diferença que atravessam os sujeitos e impactam diretamente na formação das desigualdades sociais. Para Lara (2023) os marcadores sociais não se encontram isolados, mas em tramas que são capazes de criar conceitos acerca de sujeitos e características coletivas.

Os marcadores sociais de diferença são eixos/constructos de diferenciação que atravessam os sujeitos em sociedade e atuam na definição de particularidades expressas em formas de desigualdade, oportunidade (ou ausência), hierarquia, comportamento, relações de opressão/dominação, delimitando a maneira como cada qual opera a vida social e a (re)produz (Lara, 2023, p. 228).

Os marcadores sociais revelam como os sujeitos são identificados a partir da classe social, da raça, da etnia, do gênero, da sexualidade, da deficiência, da habilidade, entre outros. Assim, ao lançar luz para as relações de poder que atravessam os corpos das mulheres profissionais da equoterapia não deixo de considerar os marcadores sociais, principalmente de gênero, que se fazem presentes nessas relações. Nas narrativas das entrevistadas, e na literatura acionada, foi observado que o cavalo foi historicamente associado ao mundo dos homens e que as profissionais de equoterapia enfrentam dificuldades por estarem nesse meio, mas também se sentem desafiadas a construir uma outra história. Essas relações de dominação da mulher, de dissociação mulher e cavalo, fazem parte de um projeto colonial que torna legítima a superioridade de homens (brancos) e a inferioridade de mulheres, sobretudo daquelas de raça/etnia não branca.

As profissionais relatam que encontram dificuldade de se colocar no local de trabalho com mais homens que mulheres. Como visto no Quadro 2, na narrativa da entrevistada 1, quando fala da importância de delimitar seu espaço com muita seriedade e profissionalismo para que tenha o respeito dos homens que estão ao seu redor. Também a entrevistada 4 relata que trabalha em equipe que contém homens, mas que um tem que respeitar o espaço do outro. Também a entrevistada 5 fala que

a força não é relevante e, sim, o conhecimento da técnica, revelando, em sua fala, a preocupação com a associação da mulher a 'sexo frágil' e com capacidades voltadas mais para o lar e a família.

Fugir do modelo vigente e tradicional da sociedade passa a ser desafiador e traz impactos que transpassam a própria profissão da equoterapia. No Quadro 3, por exemplo, a entrevistada 1 fala das suas lutas cotidianas e relação com o cavalo, numa sociedade extremamente machista. A entrevistada 2 expõe a situação de trabalhar em um parque de exposições que contém mais homens do que mulheres e que, quando pede ajuda a eles, eles querem fazer por ela, como se ela não fosse capaz.

Ainda, falando sobre o patriarcado que coloca a mulher como 'sexo frágil', associada aos cuidados do lar, lembro a narrativa da entrevistada 5 (Quadro 3) ao dizer que, quando conversou com o pai de um paciente pelo telefone, ele pensou que ela era a secretária e que o atendimento a seu filho, na equoterapia, fosse feito por um homem. Relata ainda que esse pai reagiu com preocupação por ela ser mulher e por, talvez, não dar conta de trabalhar com o filho no cavalo.

A sociedade constrói molduras que fazem com que algumas pessoas sejam privilegiadas enquanto outras desvalorizadas, ao mesmo tempo os sujeitos são identificados conforme os marcadores sociais utilizados historicamente para demarcar hierarquias e provocar desigualdades. Para Lara (2023, p. 229), essas configurações “[...] colocam em evidência as relações de poder que determinam quem serve (ou não) ao modelo de sociedade vigente e quem deve ser punido/banido por não se enquadrar a esse modelo”.

Francombe-Webb, Rich e De Pian (2014) destacam que diferentes governos, há muito tempo, preocupam-se com a manutenção da vida saudável, da felicidade e economia da população, mas de uma forma muito tensa que monitora e julga qual vida é saudável e qual vale a pena proteger. Como exemplo, cito o controle de corpos de mulheres a partir do estímulo ou restrição à quantidade de filhos conforme a política do Estado. Assim, essas políticas (biopolíticas) envolvem a regulação das massas e o controle do comportamento, com base nos interesses do Estado e se amparam, em geral, em normativas sociais pautadas em modelos patriarcais. Assim, é preciso rever as práticas pedagógicas nos contextos atuais e as formas pelas quais o poder classifica e categoriza conforme seus interesses e demandas.

Garland-Thomson (2002) lembra a representação histórica que associa os corpos das mulheres aos corpos deficientes, haja vista que ambos são considerados inferiores e restritivos da vida social. Segundo o mesmo autor, isso faz parte de um sistema de classificação que agrupa aqueles/as que fogem dos padrões socialmente estabelecidos a seres inferiores. Magnabosco e Souza (2019) apontam limitações no campo de estudos feministas e de gênero, como também nos estudos relacionados a deficiências, atentando para a necessidade de articulá-los com vistas a perspectivas que ampliem a compreensão da sociedade como um todo.

Na análise das narrativas das profissionais de equoterapia foi possível encontrar a forte relação e a afinidade que elas apresentam com a área do desenvolvimento humano, com a neuropediatria e com pessoas com deficiência. Isso pode ser encontrado no Quadro 1 (entrevistas 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9), quando relatam sobre suas trajetórias de vida e a escolha da profissão. Nesse momento, percebo um fio condutor entre esses grupos e as mulheres, pois ambos são grupos distintos que precisam ser mais reconhecidos e assistidos em suas necessidades existenciais e em suas lutas por direitos.

Outro ponto importante encontrado nas entrevistas das profissionais foi a forte ligação com os animais-cavalos, ou seja, o afeto que existe entre elas e seus companheiros de trabalho. Segundo Birke (2002), os estudos entre humanos e animais, como também os estudos sobre as mulheres, surgiram por volta da década de 1970, afrontando diferentes formas de dominação. Os estudos animais estão ausentes na maioria dos estudos feministas e o mesmo acontece com estudos animais, haja vista que, segundo a autora, tanto as mulheres quanto os animais são compreendidos como 'outro'.

Por fim, entendo a necessidade de investigações que problematizem as relações de poder que impactam as mulheres e, de modo particular nessa pesquisa, as profissionais de equoterapia, de modo a evitarmos que a história seja representada por um único discurso – o oficial. Para concluir, lembro Adichie (2019, p. 16) ao afirmar: “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar”. Que possamos construir muitas histórias de resistência e empoderamento!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar como corpos de mulheres profissionais de equoterapia são construídos e acionados em atividades equestres de lazer, esporte e trabalho, como são atravessados por relações de poder social e como se relacionam com corpos não-humanos (cavalos) constituíram objetivos dessa pesquisa. Por meio de estudos teóricos, notadamente os associados aos Estudos Culturais Físicos Feministas (ECFF), bem como a coleta empírica realizada por meio de entrevistas com nove profissionais de equoterapia na região de Maringá-PR, tornou-se possível compreender os corpos dessas mulheres em atividades equestres.

Ao constatar os movimentos corporificados e relações que poder que impactam os corpos das mulheres profissionais de equoterapia, percebo a grande força normalizadora que tenta conter esses corpos marcados pelos elos estabelecidos com o seu parceiro de trabalho – o cavalo – geralmente associado a símbolo masculino, assim como formas de resistência que demarcam outras construções do ser mulher na sociedade hodierna. Olhar para a atividade equestre pela lente de gênero permite entender como os processos históricos moldaram os corpos das mulheres na estrutura do patriarcado e como profissionais da equoterapia têm materializado práticas que fogem a esse controle social. Entender como as mulheres se movem e são movidas no contexto das práticas equestres é importante para questionarmos relações de poder e injustiças, seja no cotidiano, seja no campo profissional.

Ao longo da dissertação, percebi que estudiosas feministas, há muito tempo, dedicam-se aos estudos do corpo e de seus movimentos corporificados. Também a sociologia passou a realizar pesquisas acerca do corpo por novos ângulos de abordagem investigativa, os quais incluem questões de gênero e sua problematização na construção social de homem, de mulher e de outras configurações identitárias. Tais reflexões atentam para a necessidade de se repensar, no contexto atual, valores e lugares ocupados socialmente, em suas lacunas e desafios.

Procurei entender, com o desenvolvimento da pesquisa, o que impulsiona mulheres a trabalharem com a equoterapia (profissão que envolve o cavalo como instrumento de trabalho) e se suas trajetórias de vida influenciaram na escolha da

profissão. Também investiguei se o modelo patriarcal de sociedade vigente (que institui práticas destinadas a homens e práticas destinadas a mulheres) interferiu, de alguma forma, no desenvolvimento da profissão. Busquei compreender se a construção corporal dessas mulheres profissionais da equoterapia fora impactada por modelos sociais e como essas mulheres construíram relações com o não humano (cavalo) em sua prática profissional.

Integraram a pesquisa mulheres maiores de 18 anos, profissionais de equoterapia, com nível superior completo, que atuam em uma realidade local, qual seja, a região metropolitana de Maringá. As profissionais entrevistadas atuam em centros de equoterapia nas cidades de Maringá, Marialva, Astorga, Mandaguaçu, Presidente Castelo Branco e Nova Esperança e possuem carreiras na equoterapia que variam entre 15 anos e seis meses. As nove profissionais entrevistadas possuem formação em nível superior, sendo uma fonoaudióloga, três psicólogas e cinco fisioterapeutas.

O presente estudo tornou possível identificar, na literatura acessada, as dificuldades que as mulheres tiveram ao se incluir nas práticas equestres, seja no esporte, no lazer ou no trabalho. As atividades que envolvem o cavalo são marcadas por uma construção histórica que as associam mais aos homens do que às mulheres e que, nos dias de hoje, encontra-se presente no discurso dominante do patriarcado ao relacionar o corpo feminino a características de fraqueza e submissão. A parte empírica da pesquisa foi realizada por meio de um questionário semiestruturado que me levou a entender os elos entre mulheres e cavalos a partir de relações de poder que atravessam práticas equestres de profissionais da equoterapia. Ao mesmo tempo, o contato com as mulheres profissionais da equoterapia acionou reflexões acerca de minhas próprias experiências pessoais e profissionais e o meu lugar/papel na sociedade: os poderes exercidos sobre meu corpo de mulher, mãe, esposa, fisioterapeuta e profissional de equoterapia; a minha construção como pesquisadora na área da educação física; o conhecimento, os desafios da pesquisa e o estudo como componentes do meu empoderamento como mulher, profissional e também como pesquisadora.

Com o desdobramento da análise das experiências vividas pelas profissionais de equoterapia, no que se refere à gestão dos seus corpos, pude identificar os

impactos sentidos por elas devido aos modelos sociais vigentes que ditam formas de se vestir e edificam a estética da mulher. A maneira como as entrevistadas se arrumam para trabalhar está associada a uma estética do conforto, com calças que não apertem, blusas que protejam do sol, botinas apropriadas para andarem na terra, bonés e chapéus para se protegerem do sol, cabelos presos e brincos pequenos. As próprias entrevistadas percebem que essa estética não é compatível com o modelo social tradicionalmente designado para as mulheres, mas entendem ser desafiador e empoderador desafiá-lo.

Ao mesmo tempo que pude identificar os impactos que atravessam os corpos das mulheres na sociedade por não se enquadrarem no modelo vigente, também foi possível concluir que a aprendizagem afetiva das profissionais na relação mulher-cavalo foi corporificada. No que tange à nova abordagem pedagógica afetiva de aprendizagem incorporada – elas e os corpos não humanos (os cavalos) – alguns sentimentos foram incorporados por meio de arranjos particulares de vivência. Todas apresentaram respostas emocionais expressas em sentimentos como gratidão, força, coragem, respeito, autoconfiança, amor e paixão pelos cavalos.

No que se refere à participação das entrevistadas no esporte e lazer equestre, pude identificar que a maioria tem o cavalo não apenas como parceiro de trabalho, mas também como parceiro de ‘aventura’. Algumas entrevistadas andam a cavalo como forma de lazer nos locais onde trabalham, sobretudo pela área ampla, com natureza e cachoeira a serem exploradas; outras praticam o esporte Três Tambores; outras fazem aulas de equitação, interesse decorrente do trabalho com a equoterapia. Apenas uma profissional da equoterapia, com pouco tempo na profissão, ainda não se aventurou com o cavalo no lazer ou no esporte, dada a experiência com cavalo na infância ter gerado certo temor.

As entrevistadas trouxeram outras aprendizagens incorporadas que permitiram mudanças tanto na forma como elas se comportam socialmente, quanto na maneira como elas esperam que as pessoas se comportem umas com as outras. Logo, essas profissionais almejam que, ao se aproximarem das pessoas, haja relações afetivas e gentis de troca, e que a sintonia e as trocas sensoriais com os cavalos sejam de generosidade, respeitando-se os limites de cada um; que seja possível ensinar pessoas a não julgarem pela aparência, entre outros. Ainda, entre as experiências

incorporadas pelas profissionais estão a autoconfiança e a autoestima, as quais possibilitam às mulheres enfrentarem os desafios postos à profissão. Assim, pode constatar que as experiências incorporadas na prática as tornam empoderadas e capazes de resistir aos preconceitos sociais que enfrentam.

Como desdobramento da pesquisa foi possível identificar relações de poder que impactam os corpos das mulheres profissionais da equoterapia. As profissionais trouxeram problemáticas como: dificuldade na profissão, por ser um meio ainda com predominância de homens; necessidade de respeitar o espaço do/a outro/a e de ter confiança na técnica para que não haja dúvida em relação a sua capacidade profissional; necessidade de lidar com a frustração e a desconfiança de pais que esperam que seus filhos sejam atendidos por profissionais homens.

A partir das experiências das profissionais foi possível concluir que as relações de poder impactam as práticas equestres das mulheres profissionais de equoterapia. Compreendo ser esse um terreno fértil de pesquisa para questionar os enquadramentos sociais que atravessam os corpos das mulheres e atuam em forma de desigualdade, hierarquia e relações de opressão/dominação. Porém, os estudos voltados a mulheres não representam os únicos que desafiam as diferentes formas de opressão e se preocupam com os direitos, mas também os estudos das relações entre humanos e animais quem têm prescrições culturais impostas a eles pelo humano para desempenharem o papel de 'animal de companhia', 'domesticado', entre outros. Em acréscimo, estudos de pessoas com deficiência, cujos corpos são considerados inferiores e restritivos da vida social, também desafiam formas de opressão, guiando-nos a novos aprendizados. O diálogo entre essas áreas poderá contribuir para a criação e a implementação de mais políticas públicas libertadoras e orientadas por justiça social.

Como profissional da equoterapia, vejo-me em muitas das imagens criadas pelas narrativas das mulheres entrevistadas. Em alguns momentos das entrevistas, tive as mesmas percepções que algumas delas, sentindo-me representada em suas falas. Pude reconhecer em mim algumas relações de poder que me impactam e que, até então, não tinha reconhecido como tal. Ainda, enquanto partilhavam suas histórias, as mulheres da equoterapia puderam identificar relações de poder vividas por elas e que, até aquele momento, não eram percebidas a partir das normas sociais

que as impactam. Senti-me realizada nas muitas vezes que escutei das entrevistadas que a pesquisa é importante para dar vozes a nós, mulheres da equoterapia. Sinto-me uma mulher empoderada por chegar ao final da pesquisa e perceber que meu estudo tem muito a contribuir com a educação física, com a fisioterapia (minha área de atuação) e, notadamente, com a ação de mulheres na equoterapia, sobretudo porque o tema mulheres e cavalos ainda é pouco pesquisado, como pude perceber no decorrer da pesquisa. Espero que surjam novas e potentes pesquisas que possam ampliar os debates acerca da relação entre mulheres e cavalos, entre mulheres e animais, entre profissional da equoterapia e empoderamento feminino. Tal ampliação de pesquisas e debates é crucial para acionar formas de intervenção na realidade que possam desembocar em um projeto decolonial focado em consciência do ser mulher, em equidade e justiça social.

5 REFERÊNCIAS

ADELMAN, M.; CHEVALIER, S. In honour of friendship: from horse-crazy girls to academic women. In: BIRKE, L.; WELS, H. **Dreaming of Pegasus: equine imaginings**. Grã-Bretanha: Victorina Press, p 67-84, 2021.

ADELMAN, M. **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2016.

ADELMAN, M. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Revista Estudos Feministas**, v.19, n.3, p.931-953, 2011.

ADELMAN, M. Fronteiras de mudanças: lazer, esporte e práticas femininas no mundo equestre. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, 2012, Águas de Lindóia, SP. **Anais ... Águas de Lindóia**, 2012, p.1-2.

ADELMAN, M. Mulheres atletas: ressignificações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v.11, n.2, p. 445-465, 2003.

ADELMAN, M. Mulheres, cavalos, vidas cruzadas: domadas, domesticadas, selvagens? In: WENETZ, I.; ATHAYDE, P.; LARA L. (org.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE - v. 6)**. Natal: UFRN, p.123-138, 2020.

ADELMAN, M. O desafio das amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro. In: SIMÕES, A.C.; KNIJNIK, J. (org.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**. São Paulo: Aleph, 2004.

ADELMAN, M.; CAMPHORA, A.; PEREIRA, E. **Rédeas, cabrestos e centauros: culturas equestres e conexões plurais entre humanos e equinos no Brasil**. São Paulo: CFP Culturas equestres brasileiras, 2021.

ADELMAN, M.; KNIJNIK, J. **Gender and equestrian sport**. Introduction – Women, men, and horses: looking at the equestrian word through a 'gender lens'. New York, London: Springer, 2013.

ADELMAN, M.; MORAES, F. A. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. **Esporte e Sociedade**, v. 3, n. 9, p. 1-29, 2008.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, D. C. M. Historicidade da propriedade privada capitalista e os cercamentos. **História: Debates e Tendências**, v. 18, n. 3, p. 408-419, set./dez. 2018.

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v. 60, n. 1, p.46-63, 2008.

ANDREWS, D. L.; SILK, M.L. **Routledge handbook of the sociology of sport: physical cultural studies on sport**. London and New York: Routledge International Handbook, 2015.

ARAÚJO, L. B. N. Das origens do patriarcado ao surgimento do movimento feminista: a conscientização da mulher e a quebra de estereótipos machistas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v.8, n.3, p.1863-1881, mar. 2022.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA, ANDE-BRASIL. Curso básico de equoterapia, Brasília, 2011.

BASSANEZI, C. Estudos de gênero e história social. **Estudos Feministas**, v.17, n.1, p. 159-189, jan. abr. 2009.

BIRKE, L. Intimate familiarities? feminism and human-animal studies. **Society and Animals**. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2002.

BOSCATTI, A., P., G.; ADELMAN, M. De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações. **Estud. sociol.**, v.25, n.49, p.221-242, 2020.

BRASIL. Sancionada a regulamentação da equoterapia. Agência Senado. Publicada em 14 de maio de 2019. Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/14/sancionada-a-regulamentacao-da-equoterapia>. Acesso em: 25 abr. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOZO, P. L. Efeitos da ameaça do estereótipo de gênero na aprendizagem de habilidades motoras, 2018, 166 f. Tese (Doutorado no Programa de pós-graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6494>. Acesso em: 27 jul. 2024.

CARVALHO, R. A.; ROCHA, S. P. As mulheres negras em movimento no Brasil: atuação política da Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na Paraíba. **GÊNERO**, Niterói, v.16, n.2, p. 71-89, 2016.

CHEVALIER, S. P. Popular horse stories and the invention of the contemporary human-horse relationship through an alter ego paradigm. **Journal of Sports Science**, v. 5, p. 119-137, 2017. Doi: 10.17265/2332-7839/2017.02.007.

COFFE, J. Creating distance from body issues: exploring new materialist feminist possibilities for renegotiating gendered embodiment. **Leisure Sciences**, v.2, n.41, p.1-19, 2019.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de 'problemas de gênero'. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.

FRANCOMBE, J. Learning to leisure: femininity and practices of the body. **Leisure Studies**, v.33, n.6, p. 580-597, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02614367.2013.833970>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FRANCOMBE-WEBB, J.; RICH, E.; DEPIAN, L. I move like you... but different: biopolitics and embodied methodologies. *Cultural Studies - Critical Methodologies*, v. 14, n. 5, p. 471-482, 2014.

FULLAGAR, S. A perspective of cultural studies on physical activity and health inequalities: the biopolitics of bodily practices and that of embodied movement. **Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 63-76, jan./mar. 2019.

FULLAGAR, S.; PAVLIDIS, A.; HICKEY-MOODY A., COFFEY, J. Embodied Movement as Method: Attuning to Affect as Feminist Experimentation, **Somatechnics**, v. 11, n.2, p.174-190, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.3366/soma.2021.0350>

FULLAGAR, S.; RICH, E., PAVLIDIS, A.; VAN INGEN C. Feminist Knowledges as Interventions in Physical Cultures. **Leisure Sciences**, v.41, n.1-2, p.1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/01490400.2018.1551163>

FULLAGAR, S.; NOWOOD, M.; LAKHANI A.; MAUJEAN A.; DOWNES, M; BYRNE J.; KENDALL, E. The affective pedagogies of horse-human interventions: a more-than-human perspective on equine assisted learning with marginalised young people. **Sport, Education and Society**, p. 1-14, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13573322.2024.2358173>. Acesso em: 12 ago. 2024.

FULLAGAR, S.; PAVLIDS A.; RICH E. Feminist knowledges as interventions in physical cultures. **Leisure Sciences**, v. 41, n. 1-2, p. 1-16, 2019.

GOELLNER, S. V. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v.13, p. 100-112, dez. 2021.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v.13, n. 2, p.171-196, 2007.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, K. (ed.). **Media and cultural regulation**. Londres: The Open University, 1997.

HEDENBORG, S. Female jockeys in Swedish horse racing 1890–2000: from minority to majority – complex causes. **The International Journal of the History of Sport**, v.24 n.4, p.501-519, 2007.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

hooks, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2013.

hooks, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Ana Maria Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
<https://doi.org/10.1080/13573322.2024.2358173>

JAEGER, A. A.; GOELLNER S. V.O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, v.19, n.3, p. 955-975, 2011.

LARA, L. M. Marcadores sociais de diferença. Relações de poder e desafios à educação decolonial. In: SGRÓ, M.; CENCI, A. V.; GEORGEN P. (org). **Educacion, Estado, y democracia: más allá del neoliberalismo**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo; Tabdil: UNICEN, 2023. p. 219-239.

LARA, L. M. Physical Cultural Studies, and possibilities for dialogue with the sociocultural and pedagogical subareas of Brazilian physical education in a local reality. **Sport, Education and Society**, v. 29, n.1, p. 14-26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573322.2022.2096587>

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, 2017.

LERMONTOV, T. **A psicomotricidade na equoterapia**. 2.ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

LESSA, P. Mulheres, corpo e esporte em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**, n. 24, p. 157-172, 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>

LIMA, A. C. **A representação social da interdisciplinaridade para os profissionais que atuam com equoterapia**. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2005.

LORBER, J. **Paradoxes of gender**. New Haven/London: Yale University Press, 1994.

LUGONES, M. Rumor a um feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, v.23, n.2 p. 935-952, 2014. DOI: [10.1590/S0104-026X2014000300013](https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013)

MAGNABOSCO M. B.; SOUZA L. L. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.27, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n256147>

MARANI, V.; SÁ, A. B. S.; LARA, L.M. Introdução à obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe. **Acta Scientiarum. Education**, v. 43, p. 1-13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v43i1.59271>

MARTINEZ, F. J. Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n.3, p.1-14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n370177>

MARTINS, A. P. A. O sujeito nas 'ondas' do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **Café com Sociologia**, v. 4, n.1, p. 231-245, 2015.

MATOS, M. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOTTA, F. C. P.; ALCADIPANI, R. O pensamento de Michel Foucault na teoria das organizações. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 39, n. 2, p. 117-128, 2004.

PEREIRA, E. L.; BATAGLION, G. A; MAZO, J. Z. Equoterapia, saúde e esporte: figurações da prática no Rio Grande do Sul, 1970-2000. **História, Ciências, Saúde**, v.27, n.3, p.879-897, jul./set. 2020.

PEREIRA, E. L.; SILVA, C.F.; MAZO, J. Z. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas equestres. **Motriz**, v.17 n. 2, p.292-302, 2011.

PEREIRA, E. L; SILVA, C. F.; MAZO, J. Z. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 1, p. 47-64, 2015.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. M. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 3, p. 1-13, 2023.

PONTES, V. S.; PEREIRA G. B. E. Sob rédeas curtas, de cabelos longos: reflexão sobre mulheres no hipismo. **Movimento**, v. 20, n. 3, p.1197-1222, jul./set. 2014.

PRINGLE, R.; THORPE, H. Theory and reflexivity. *In*: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (ed.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London; New York: Routledge, 2017. p. 31-40.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-Systems Research**, v. 11, n. 2, 2000, p. 342-386.

REZENDE, A. Equoterapia baseada em evidências científicas. *In*: MORAES, A. G.; REZENDE, A.; DAVID, A. C. (org.). **Equoterapia & Ciência: passos que transformam vidas**. Curitiba: CRV, 2020, p.13-32.

RIBEIRO, D.; NOGUEIRA C.; MAGALHÃES S. I. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v.1, n. 3, p. 57-76, 2021. DOI: [10.53282/sulsul.v1i03.780](https://doi.org/10.53282/sulsul.v1i03.780)

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ROJO, L. F. Igualdade de sexo e desigualdade de gênero: relações entre homens e mulheres no hipismo. **Journal of Applied Anthropology**, p. 78-87, 2007.

SÁ S. B. A.; MARQUES, J. P.; LARA M. L. Cultura física e embodiment no campo dos estudos culturais físicos. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 20, n. 1, p. 170-189, 2023. Disponível em: <https://revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1144>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SAVVIDES, N. Women and "loving" horses: symbolic connections, conflicts real-life and "natural horses" ship. **Zumbiranimalia: A Journal Of Human/Animal Interface Studies**, v. 3, n.1, p. 60-73, 2011.

SILIPRANDI, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000.

SILK, M.; FRANCOMBE, J.; ANDREWS, D. L. Slowing the social sciences of sport: on the possibilities of physical culture. **Sport in Society**, v.17, n. 10, p. 1266-1289, 2014.

SILVA, S. G. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010.

SILVA, S. C. M. Teoria Feminista: da margem ao centro. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 11, p. 385-390, 2021.

SILVA, S. G.; FRANÇA, A. N. Vidas Precárias: a performatividade na constituição das violências fóbicas em gêneros e sexualidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 39, p.146-160, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228547>

SINGLENTON, E. Romancing the horse: adventure and feminit in juvenile equine fiction for girls. *In*: ADELMAN, M.; KNIJNIK, J. (ed.). **Gender and equestrian sport: riding around the world**. London: Springer, 2013, p. 91-110.

SMITH, A. V., WILSON, C., MCCOMB, K., PROOPS, L. Domestic horses (*Equus caballus*) prefer to approach humans displaying a submissive body posture rather than a dominant body posture. **Animal Cognition**, v.21, n.2, p.307-312, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10071-017-1140-4>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SOARES, J. P.; MOURÃO L. Gênero e suas interseções nas experiências corporais: processos de subjetivação e resistência. *In*: WENETZ, I.; ATHAYDE, P.; LARA, L. (org.). **Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de cbce: gênero e sexualidade no esporte e na educação física**, v. 6. Natal: Edufrn, 2020, p. 63-74.

SOARES, J. P.; MOURÃO, L.; LOVISI, A.; NOVAIS, M. Performatividades de gênero e a abjeção dos corpos de mulheres no levantamento de peso. **Movimento**, v. 24, n. 1, p. 107-118, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/70027>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SOUZA, L. A. **Efeito de corrida de três tambores repetida sobre os biomarcadores sanguíneos e parâmetros fisiológicos em cavalos quarto de milha**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017.

THORPE H., BEKKER S., FULLAGAR S., MKUMBUZI N., NIMPHIUS S., PAPE M., SIMS ST., TRAVERS A. Advancing feminist innovation in sport studies: A transdisciplinary dialogue on gender, health and wellbeing. **Sports and Active Living**, v.4, p. 1- 201, 2023. Disponível em: <https://doi:10.3389/fspor.2022.1060851>. Acesso em: 12 ago. 2024.

THORPE, H., BARBOUR, K., BRUCE, T. 'Wandering and wondering': playing with theory and representation in physical cultural fields. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p.106-134, 2011.

WAITT, G. Bodies that sweat: the affective responses of young women in Wollongong, New South Wales, Australia. **Gender, Place & Culture**, v. 21, n. 6, p. 666-682, 2014.

APÊNDICE 1

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, **Larissa Michelle Lara**, professora no Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e no Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL (PEF-UEM/UEL), venho, por meio desta, apresentara pós-graduanda **Cynthia Vanessa Constantin Tribulato**, aluna do curso de Mestrado do referido Programa de Pós-graduação, sob minha orientação. A discente desenvolverá a dissertação de mestrado intitulada **Mulheres e cavalos: relações de poder que atravessam práticas equestres de profissionais da equoterapia**, que tem por objetivo analisar como as práticas equestres de mulheres profissionais da equoterapia são construídas e atravessadas por relações de poder em uma realidade local.

As mulheres, profissionais da equoterapia que se interessarem em participar do estudo, a convite das pesquisadoras, o farão por meio de entrevista com data e horários previamente acordados. Por fim, destaco que essa pesquisa será desenvolvida de acordo com as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 19 de junho de 2023.

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou convidando você a participar da pesquisa “Mulheres e cavalos: histórias de profissionais da equoterapia e as relações sociais e de poder que moldam suas práticas”. Essa pesquisa encontra-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina, Estado do Paraná, Brasil, sendo desenvolvida pela pós-graduanda Cynthia Vanessa Constantin Tribulato e orientada pela Profa. Dra. Larissa Michelle Lara, docente/pesquisadora vinculada à Universidade Estadual de Maringá.

Pedimos, por gentileza, que leia cuidadosamente esse termo e, caso necessário, sane suas dúvidas junto às pesquisadoras. Caso se sinta esclarecido/a em relação às informações que constam nesse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceite fazer parte do estudo, pedimos que o assine ao final. Caso não se sinta totalmente esclarecido/a você pode solicitar esclarecimentos adicionais à pesquisadora responsável. Você tem o direito de não participar da pesquisa caso não se sinta confiante ou interessado/a em integrá-la, independente dos motivos para a tomada dessa decisão.

Informações da pesquisa:

1. O objetivo geral da pesquisa é analisar como as práticas equestres de mulheres, profissionais da equoterapia com mais de 18 anos, são construídas e atravessadas por relações de poder em uma realidade local.
2. O estudo em questão justifica-se com base em três objetivos específicos:
 - a) Identificar como corpos de mulheres profissionais da equoterapia são construídos e acionados em atividades equestres de lazer, esporte e trabalho;
 - b) Compreender como os corpos de mulheres profissionais da equoterapia são experienciados, organizados ou regulados em atividades equestres a partir das relações de poder social;
 - c) Problematizar como se constroem os corpos humanos (de mulheres profissionais da equoterapia) na relação com corpos não humanos (cavalos) e como essa relação mobiliza reflexões acerca do ser mulher na sociedade.
3. Este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa e a coleta de dados ocorrerá na forma de entrevista, com questões norteadoras que procuram orientar o nosso diálogo.
4. A entrevista acontecerá orientada por um roteiro com perguntas semiestruturadas relacionadas à problemática das normativas sociais que atravessam os corpos femininos nos esportes e atividades equestres.

5. A participação da pesquisa ocorrerá em ambiente virtual, ou caso você preferir, na forma presencial, por meio de entrevista gravada. Após a entrevista será transcrita na íntegra ou em partes, e contribuirá para as discussões e análises acerca do tema desenvolvido.

6. Ao reconhecemos os riscos característicos de uma entrevista em ambiente virtual em função das limitações das tecnologias de coleta de dados online, listamos abaixo os riscos relacionados às participantes:

- a) Risco de fadiga, tendo em vista a exposição às telas.
- b) Risco de baixa qualidade, efetividade e privacidade da entrevista.
- c) Risco em relação ao arquivamento dos dados coletados.

7. Respectivamente, listamos abaixo os cuidados da pesquisadora para contornar ou diminuir os riscos descritos acima. É de responsabilidade da pesquisadora:

- a) Controlar o tempo de duração da entrevista e de perguntar a você acerca de como está se sentindo;
- b) Utilizar equipamentos e uma rede de internet confiável, um ambiente silencioso e privativo que permita o mínimo de interrupções, um equipamento reserva caso seja necessária a substituição imediata. Caso haja alguma falha/imprevisto durante a realização da entrevista, poderemos remarcá-la de acordo com sua disponibilidade;
- c) Dispor de espaço suficiente na memória do notebook para arquivar o material gravado, bem como posicionar próximo ao notebook um equipamento de gravação de vídeo e áudio adicional (câmera do celular).

8. No que diz respeito aos riscos da pesquisa, informamos que poderão ocorrer outros riscos/desconfortos relacionados às participantes:

- a) Risco de sentimento de descontentamento em relação a sua própria fala;
- b) Risco de desconfortos/desconfianças de sua parte em relação ao uso do material coletado na pesquisa;
- c) Risco de desconfortos, dúvidas ou constrangimentos da sua parte em relação a não compreensão das perguntas da entrevista;
- d) Risco de vazamento de dados relacionados à coleta e que possam causar prejuízos psicológicos a você.

9. Respectivamente, listamos abaixo os cuidados da pesquisadora para contornar ou diminuir os riscos descritos acima.

- a) A entrevista será transcrita, sendo enviada a você para a realização de ajustes que considerar necessários, incluindo a supressão de alguma parte desejada.
- b) Explicamos o objetivo geral da pesquisa nesse Termo e nos colocamos à disposição para sanar qualquer eventual dúvida;
- c) Informamos utilizar linguagem adequada e não invasiva;
- d) Será feito download imediato dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, excluindo-se imediatamente o registro em plataforma virtual.

10. Para além das ações apontadas, conforme consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado conforme as normativas do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, ressaltamos que você possui o direito à assistência integral e imediata/indenização por eventuais danos possivelmente ocasionados pela sua participação nessa pesquisa, sejam eles direcionados à saúde, ao bem-estar físico, social, psicológico, emocional, espiritual ou cultural.

11. Informamos que mesmo tomadas todas as devidas precauções, há limitações da pesquisadora para assegurar a total confidencialidade no armazenamento dos dados, havendo potencial risco de violação nos seguintes casos:

a) possibilidade de invasão de dispositivos, programas e redes de computadores – sendo essa limitação atenuada com a instalação de programas informáticos desenvolvidos para prevenir, detectar e eliminar vírus dos equipamentos utilizados na pesquisa;

b) possibilidade de roubo ou furto de equipamentos de armazenamento da gravação das entrevistas – nesse caso, asseguramos que os equipamentos serão guardados em ambiente seguro.

12. Orientamos para a importância de que você guarde em seus arquivos pessoais uma cópia desse documento assinado, bem como archive cópias de toda a tramitação referente a sua participação nessa pesquisa em ambiente virtual (a exemplo de conversas, documentos enviados/recebidos, avisos, entre outros).

13. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da sua participação nessa pesquisa, você poderá pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

14. Sobre o destino no material da pesquisa: os dados coletados (transcrições e gravações) serão armazenados em dispositivo eletrônico local da pesquisadora, sendo que os trechos que você, porventura, não autorizar (conforme disposto no item anterior) serão imediatamente descartados.

15. Ainda, gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária e que você não terá despesas para participar da pesquisa, podendo: recusar-se a participar, desistir a qualquer momento ou deixar de responder a alguma questão sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a você. Informamos ainda que os dados registrados serão utilizados somente para os fins dessa pesquisa e serão tratados com a mais absoluta ética e transparência, de modo a preservar a sua identidade.

16. O consentimento é previamente apresentado a você por meio desse documento e, caso concorde em participar da pesquisa, pedimos que assine o TCLE.

17. Você terá acesso integral à pesquisa, tanto aos dados coletados, quanto aos seus resultados. Ainda, você será informada via e-mail sempre que publicarmos algum desdobramento do estudo.

18. Caso haja dúvidas em relação às informações concedidas e sejam necessários outros esclarecimentos, entre em contato com a pesquisadora no endereço abaixo ou procure o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta nesse documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

19. Além da assinatura nos campos específicos pela pesquisadora e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas desse documento. Isto deve ser feito pelas partes envolvidas de forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,....., declaro que fui devidamente esclarecido/a acerca da pesquisa Mulheres e cavalos: histórias de profissionais da equoterapia e as relações sociais e de poder que moldam suas práticas e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE desse estudo.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica.

Eu, Cynthia Vanessa Constantin Tribulato, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa objeto desse TCLE.

_____ Data:

Assinatura da pesquisadora

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com a pesquisadora e sua orientadora, conforme os endereços abaixo:

Nome: Cynthia Vanessa Constantin Tribulato.

Endereço: Rua Levi Carneiro, 239, CEP 87600-000 - Nova Esperança - Paraná - Brasil

Telefone e E-mail: (44) 999023445 ou cynthiatribu@hotmail.com

Nome: Larissa Michelle Lara.

Endereço: Av. Colombo, 5790, Bloco M06, Sala 07, CEP 87020-900 – Maringá - Paraná - Brasil

Telefone e E-mail: (44) 3011-4470 ou lmlara@uem.br

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua

integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas. Seguem os contatos do Comitê:

Endereço: Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP): Av. Colombo, 5790, PPG, sala 4, CEP 87020-900. Maringá-Pr

Telefone: CEP/UEM: (44) 3011-4597. Atendimento: 2ª a 6ª feira das 13h30 às 17h30.

E-mail: copep@uem.br